

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

KAREN MENDONÇA PINHEIRO

**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO MEIO VIRTUAL: UMA
EXPERIÊNCIA COM ADOLESCENTES DO ENSINO BÁSICO INTERAGINDO
SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

FLORIANÓPOLIS

2004

KAREN MENDONÇA PINHEIRO

**A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO MEIO VIRTUAL: UMA
EXPERIÊNCIA COM ADOLESCENTES DO ENSINO BÁSICO INTERAGINDO
SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Dissertação para o curso de Mestrado em Educação, Linha de Investigação: Educação e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosely Perez Xavier

FLORIANÓPOLIS

2004

*À minha filha Júlia que me dá força e coragem.
Ao meu marido Alexandre que dispensou parte do seu
tempo me auxiliando e compartilhando comigo cada
momento desta pesquisa. E ao bebê, que ainda não
nasceu, mas me fornece segurança para vencer mais esta
etapa da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

À professora Rosely Perez Xavier, pela orientação.

À professora Maria Inés Copello Levy (FURG), pelo auxílio e incentivo inicial.

À minha família, pelo apoio.

Aos alunos e professores, bem como, à direção das duas escolas envolvidas neste estudo, pela disponibilidade e boa vontade.

À todos os professores da pós-graduação, não apenas pela orientação teórica, mas para além disso, pelo apoio e dedicação durante a realização deste curso, em especial, a professora Gilka Girardello e ao professor Lucídio Bianchetti.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Educação, pelo auxílio.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por viabilizar esta pesquisa.

Aos participantes da banca examinadora pela disponibilidade e por engrandecer esta pesquisa com comentários e sugestões.

A TODOS, MUITO OBRIGADO.

“Uma comunidade científica [deveria ser] maximamente intersubjetiva e tolerante. O conhecimento que produzirá [...] será um conhecimento edificante, mais formativo do que informativo, tanto na contemplação como na transformação do mundo, criador e não destruidor da competência social dos cientistas”.

BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza exploratória, pretende investigar como o conhecimento se constrói na interação entre seis estudantes de 8ª série do Ensino Fundamental, três de uma escola particular, localizada na cidade de Curitiba (PR), e três de outra escola particular, localizada na cidade de Florianópolis (SC), interagindo em uma sala de bate papo da internet sobre o tema Orientação Sexual. Visa ainda analisar a viabilidade deste meio de comunicação como proposta de aprendizagem nas extensões de sala de aula na tentativa de aproximar o virtual e o presencial e abrir novos caminhos para o ensino do professor e para a aprendizagem dos alunos. O foco proposto para a análise foi direcionado ao tipo de informação que os alunos compartilham e a influência da escola nessa interação; ao tratamento dado à sexualidade; a como as máximas ou princípios conversacionais cooperativos manifestam-se no discurso dos interagentes e, por último, à avaliação dos estudantes sobre a experiência vivida. Os dados foram analisados a luz da teoria sócio-histórico-cultural de Vygotsky e dos princípios cooperativos propostos por Grice. Os resultados sugerem que a construção do conhecimento em salas de bate papo é proporcionada pela possibilidade do interagente refletir sobre os próprios pensamentos e opiniões com base nas informações compartilhadas por outros interagentes. A construção do conhecimento ocorre através da interação mútua que proporciona desenvolvimento e aprendizagem de novos conceitos.

Palavras-chave: aprendizagem mediada por computador; construção do conhecimento; aprendizagem cooperativa

ABSTRACT

This research, of exploratory nature, intends to investigate as knowledge is built in interaction among six students of 8th series of the Ensino Fundamental, three of a private school, located in Curitiba city (PR), and three of another private school, located in Florianópolis city (SC), interacting in a room of it chats about Sexual Orientation theme. It still aim at to analyze the viability of this virtual communication middle as learning proposal in class room extensions in attempt of to approximate the virtual and the presencial and to open new ways for teaching and learning. The focus proposed for analysis was addressed to information type that students share and school influence in that interaction; to treatment given to sexuality; as cooperative principle show in the interagentes speech and, last, to students' evaluation about lived experience. The data were analyzed the light of partner-historical-cultural theory of Vygotsky and of cooperative principle proposed by Grice. The results suggest that the knowledge construction in chats is provided by possibility of the speaker to contemplate on own thoughts and opinions with base in the information shared by other talkers. The knowledge construction happens through mutual interaction that provides development and learning of new concepts.

Keywords: learning mediated by computer; knowledge construction; cooperative learning

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1: Concepções de Vygotsky e Piaget com Relação à Fala Egocêntrica	21
Quadro 2: Exemplo de Representações Não-Verbais e Paralingüísticas na CMC	29
Quadro 3: Exemplos de Recursos Lingüísticos Usados na Comunicação Síncrona, em Particular em Salas de Bate Papo	31
Quadro 4: Estudantes Interagentes do #canaldeconversa	42
Quadro 5: Algumas Respostas dos Estudantes à Pergunta: “Você Acha que as Pessoas Aprendem Algo em uma Sala de Bate Papo?”	60

FIGURAS

Figura 1: Exemplo de E-mail que Utiliza as Características Textuais Tradicionalmente Conhecidas	30
Figura 2: Esboço das Máximas Conversacionais de Grice	34

LISTA DE SIGLAS

ARPAnet	<i>Advanced Research Projects Agency Network</i>
BBS	<i>Bulletin Board System</i>
CMC	Comunicação Mediada por Computador
DST	Doença Sexualmente Transmissível
E1	Escola de Florianópolis
E2	Escola de Curitiba
HTML	<i>Hyper Text Markup Language</i>
ICQ	Forma reduzida da expressão I seek you (Eu procuro você)
IRC	<i>Internet Relay Chat</i>
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MOO	<i>Multi-User Oriented Objects</i>
MUD	<i>Multiple User Dialog</i>
NSFnet	<i>National Science Foundation's Network</i>
OP	Operador
P1	Professor da escola de Florianópolis
P2	Professor da escola de Curitiba
PC	Princípio Cooperativo
PC	<i>Particular Computer</i>
TCP/IP	<i>Transmission Control Protocol/Internet Protocol</i>
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
WWW	<i>World Wide Web</i>
ZPD	Zona de Desenvolvimento Proximal

LISTA DE APÊNDICES

- APÊNDICE A** Autorização dos Responsáveis
- APÊNDICE B** Cronograma Planejado
- APÊNDICE C** Cronograma Vivenciado
- APÊNDICE D** Perfil dos professores-Colaboradores
- APÊNDICE E** Perfil do Estudante
- APÊNDICE F** Entrevista Semi-Estruturada

SUMÁRIO

1 INÍCIO DE CONVERSA	01
1.1 Papel de Parede	06
1.2 O Processo	13
1.3 A Estrutura da Dissertação	16
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E FILOSÓFICOS	18
2.1 A Linguagem Como Mediadora do Desenvolvimento Sócio-Histórico- Cultural do Indivíduo	18
2.1.1 O Pensamento e a Linguagem	19
2.1.2 Fala Interior	20
2.1.3 Aprendizagem e Desenvolvimento	24
2.2 A Linguagem Eletrônica Como Meio de Expressão e Comunicação	26
2.2.1 O Texto Escrito e a Comunicação Oral	27
2.2.2 As Modalidades da CMC	28
2.3 A Linguagem Cooperativa nas Relações Sociais	32
3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS	39
3.1 Contatos Iniciais	39
3.2 Imprevisibilidades e Dificuldades de Operacionalização	42

3.3 A Coleta de Dados	43
3.4 Perfil dos Professores-Colaboradores	46
3.5 Perfil dos Estudantes	48
3.5.1 Os Estudantes de Florianópolis	49
3.5.2 Os Estudantes de Curitiba	55
3.6 Panorama Geral dos Estudantes	59
4 ANÁLISE DAS CONVERSÇÕES	64
4.1 Assuntos Discutidos Antes e Depois da Intervenção Escolar	65
4.1.1 Antes	65
4.1.2 Depois	80
4.2 A Opinião dos Participantes Sobre a Experiência Virtual	90
4.4 Limitações da Pesquisa	95
5 CONCLUSÕES	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
APÊNDICE	106

1 INÍCIO DE CONVERSA

Atualmente uma parcela significativa da sociedade vive cada vez mais influenciada pelos meios tecnológicos de comunicação e de transmissão de informações, o que marca expressivamente o seu modo de vida. A crescente evolução destes meios vem aprimorando a maneira de transmitir as informações e de atingir um público cada vez mais distante. A televisão é um bom exemplo, pois representa não apenas um meio de comunicação de massa, mas também um meio de informação e de lazer para a grande parte da população mundial. É uma janela por onde podemos viajar pelo mundo, aprender sobre diferentes culturas e regiões, conhecer as novas descobertas históricas e os fatos científicos sem sair de casa. Todas essas informações a que temos acesso invadem sutilmente a nossa vida diária influenciando em nossas escolhas e modificando a maneira como nos relacionamos com o meio ambiente e com as pessoas a nossa volta. E é preenchendo espaços do cotidiano das pessoas, que a televisão influencia no processo de construção do imaginário coletivo:

[...] no **campo da cultura**, ela divulga a ciência e a técnica, difundindo o saber e saber-fazer; no **campo social**, a televisão transmite as normas sociais, cuja observação faz do indivíduo um ser social; na dimensão da **subjectividade** de cada indivíduo, a mídia difunde modelos de comportamento, atitudes e valores, que ajudam a construir o “ideal de eu” de cada sociedade e que inspiram as formas de interação social. (BELLONI, 1995, p. 31-32, grifo do autor).

Novas maneiras de pensar e de conviver no mundo moderno vão surgindo influenciadas pela difusão de idéias, valores e comportamentos que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) propagam; por conseqüência, a sociedade se modifica cultural-econômica-social-politicamente. “Observa-se um fenômeno de mundialização de

conteúdos simbólicos estandardizados segundo as exigências da indústria cultural e da publicidade comercial.” (BELLONI, 2002, p. 8).

Ao invadir o cotidiano das pessoas, as TICs contribuem com a mundialização da cultura, apropriando-se da realidade local e imediata do espectador e reelaborando os valores sociais e pessoais nela contidos. Ao mesmo tempo, o espectador se apodera da realidade global apresentada pelas mídias reestruturando a sua realidade imediata. É o local sendo apropriado e reelaborado pelo global e o global sendo apropriado e reelaborado pelo local.

A influência das TICs na vida das crianças e dos jovens, que costumam ser os maiores freqüentadores dessas tecnologias, torna-se cada dia mais evidente na cultura das sociedades modernas. Por isso, precisamos refletir melhor sobre o nosso posicionamento diante das mídias no sentido de buscar, como espectadores, uma visão mais crítica e coerente das informações que nos são oferecidas. E, como profissionais da educação, torna-se ainda mais importante um posicionamento sério e reflexivo com relação à influência das TICs no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Inserida no contexto em que a influência das TICs atinge cada vez mais a sociedade moderna e é co-responsável pela formação dos nossos jovens, a escola deve orientar seus alunos através de uma pedagogia reflexiva e crítica, selecionando os meios apropriados e integrando as TICs aos processos educacionais. Em face a tantas informações que as tecnologias nos oferecem, por vezes, não damos conta de gerenciar tamanha quantidade de dados, muito menos de nos distanciar o suficiente a ponto de adquirir uma visão mais crítica a respeito das mesmas.

A abundância dos meios de comunicação e informação, aos quais estamos expostos, desencadeia um processo contínuo de aprendizagem que se inicia antes da fase escolar e se estende por toda a nossa vida. A exposição contínua aos meios faz com que novas competências perceptivas, criativas e motoras sejam desenvolvidas, reforçando as capacidades

de abstração e as aptidões para construir conceitos como os de espaço/tempo (BELLONI, 2001; MORAN, 2000; SCHAEFER, 1995). O desenvolvimento dessas capacidades contribui e influencia na construção de conhecimentos dos estudantes. “Talvez sejamos ainda os mesmos educadores, mas certamente nossos alunos não são os mesmos.” (BELLONI, 2001, p. 27).

Assim como a televisão, o computador nos possibilita ir um pouco mais além no processo de transmissão e recepção de informações. Com ele podemos interagir com pessoas distantes, ouvir músicas, jogar cartas, assistir a um filme ou videoclipe, ler ou ouvir notícias, dentre outras atividades. Conectado à rede mundial de computadores, isto é, à internet, o computador possui um diferencial entre as TICs: permite aos usuários se comunicarem de maneira síncrona (em tempo real) ou assíncrona (em tempos diferenciados). Dentre essas formas de interação, temos as salas de bate-papo e o correio eletrônico respectivamente. Além disso, com a internet, é possível percorrer sítios (*sites*) diversos para pesquisas, entretenimento e lazer, sem limite de tempo e espaço.

A inserção do computador, bem como a utilização da internet, na sociedade brasileira, é bem recente. Entretanto, este meio traz consigo muitas perspectivas para o futuro e facilidades que podem proporcionar na vida cotidiana das pessoas. Atualmente, grande parte do tempo dispensado em atividades diárias pode ser reduzida com o auxílio do computador ou da internet quando precisamos movimentar uma conta bancária, enviar uma mensagem para o outro lado do mundo ou fazer compras, por exemplo, tudo sem a necessidade de sair de casa ou depender de um horário pré-estabelecido. E no futuro, podemos prever a utilização desses meios em satélites ainda mais avançados.

Inserido no espaço escolar, o computador conectado à rede nos permite

pesquisar, simular situações, testar novos conhecimentos, descobrir novos conceitos, lugares, idéias. [...] As possibilidades vão desde seguir algo

pronto (tutorial), apoiar-se em algo semidesenhado para complementá-lo até criar algo diferente, sozinho ou com outros. (MORAN, 2000, p. 44).

Além disso, a internet oferece aos professores e alunos ambientes interativos de aprendizagem baseados na cooperação e no contato com situações-problema, estimulando o pensamento reflexivo e ampliando as possibilidades de comunicação.

Como mencionado anteriormente, uma grande parcela da sociedade tem seu modo de vida marcado por influências dos meios tecnológicos de comunicação e de transmissão de informações, onde a televisão e o computador foram citados como importantes exemplos nesse sentido. Diante dessas influências, em particular da internet, surgem indagações sobre o sujeito que frequenta esse ambiente midiático, ou melhor, sobre como ele interage neste contexto, compartilhando seus conhecimentos e sendo influenciado pelos conhecimentos de outros. E foi pensando na formação do indivíduo moderno, exposto às diversas informações e formas de interação pelas TICs, que voltamos nossa atenção para o sujeito em formação escolar, inserido no Ensino Fundamental, com grandes probabilidades de desenvolver melhor o seu **olhar** com relação às mídias. É este sujeito que “começa a se preocupar com questões relativas à própria existência e aos problemas sociais, quer entender a política e, de acordo com Zagury, busca novas alternativas e novas respostas.” (GOIDANICH, 2002, p. 91).

Dessa forma, acreditando nas potencialidades dos estudantes, do computador e da internet no espaço escolar, esta pesquisa propõe investigar como o conhecimento é construído e compartilhado entre estudantes do Ensino Fundamental que, por meio da internet, irão dialogar sobre o tema **Orientação Sexual**.¹ A escolha deste tema deve-se ao papel que a sexualidade assume na vida e no comportamento da faixa etária dos jovens que fazem parte desta pesquisa, isto é, estudantes de uma 8ª série, entre 13 e 15 anos.

¹ O MEC propôs, e denominou Temas Transversais, conteúdos para serem trabalhados na prática educativa e que representam questões sociais que envolvem diferentes aspectos da vida, visando à construção da cidadania e da democracia. São eles: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo.

Considerando a realidade sócio-cultural vivida pelos alunos, a pesquisa procura:

- a) entender como os conhecimentos e as crenças compartilhadas influenciam e se deixam influenciar no discurso verbal dos alunos;
- b) encontrar sinais de influência ou de apropriação do conteúdo estudado em aulas presenciais no discurso construído durante a interação dos alunos em um canal de conversa da internet;
- c) identificar sinais de aprendizagem colaborativa no espaço virtual;
- d) identificar o que cada interagente aprendeu com os colegas,
- e) avaliar a experiência com base na opinião dos próprios participantes.

Para o foco de análise, proponho os seguintes questionamentos:

- 1) Que tipo de informação os alunos compartilham sobre a sexualidade num canal de conversa informal e qual a influência da escola nesta mediação?
- 2) Como a sexualidade é tratada entre os interagentes (nível de profundidade, seriedade e relevância)?
- 3) Como as máximas ou os princípios comunicacionais cooperativos manifestam-se, ou não, no discurso escrito dos interagentes?
- 4) Como os estudantes avaliam as interações virtuais?

A meu ver, a importância deste trabalho está no enriquecimento das relações culturais e sociais viabilizadas pela proposta de interação virtual informal. Neste sentido, novas formas de compartilhar conhecimentos, informações e experiências podem ser geradas, considerando que a aprendizagem não decorre somente da interação professor-estudante, mas também da interação entre estudantes com vivências diferentes, seja por um contato presencial ou virtual, formal ou informal, dentro ou nas extensões de sala de aula, a partir de um espírito voltado para a (re)construção de conceitos. Os resultados desta pesquisa podem ainda contribuir para uma proposta de aprendizagem nas extensões de sala de aula, ancorada

na comunicação mediada pelo computador e numa pedagogia colaborativa e autônoma entre os estudantes. Os encontros virtuais entre eles podem servir de contexto para a construção, o desenvolvimento e/ou a consolidação de conhecimentos já discutidos em aulas presenciais, além de iluminar o ensino do professor com o resgate e a (re)interpretação das informações discutidas virtualmente entre os interagentes. Neste sentido, a proposta envolve a aproximação dos espaços de aprendizagem virtual e presencial na tentativa de abrir novos caminhos para o ensino do professor e para a aprendizagem dos estudantes.

Diferente do espaço de aprendizagem presencial, o espaço virtual possibilita aos interagentes preservar sua identidade, uma vez que o anonimato é possível e os traços visuais (idade, raça, aparência), elementos causadores de discriminação, são removidos neste processo interacional (PETERSON, 1997). Assim sendo, os estudantes podem sentir-se mais à vontade para manifestarem suas idéias, seus conhecimentos e suas vivências, sem temor de serem repreendidos, avaliados ou ridicularizados pelos colegas ou, até mesmo, pelo professor.

Por fim, como hipótese deste trabalho, é possível prever que o uso da internet, em particular a comunicação mediada pelo computador, poderá contribuir para a criação de espaços complementares significativos para a reflexão e construção do conhecimento durante o processo de ensino e aprendizagem formais.

1.1 Papel de Parede

Conforme Dizard (2000, grifo meu), a **internet** ou **rede** é um sistema amplo e complexo de computadores interconectados mundialmente. Eles se conectam a provedores que se ligam a redes regionais que, por sua vez, se unem às redes nacionais e internacionais.

Aparelhos instalados em diversos pontos da rede e conhecidos por roteadores determinam o caminho mais adequado para as informações seguirem por meio da rede.

A internet surgiu nos Estados Unidos por volta dos anos 60 do século XX, com fins militares, e era utilizada pelo Departamento de Defesa norte-americano. Em meados dos anos 70, surge a *Advanced Research Projects Agency Network* (ARPAnet) unindo os computadores das universidades com aqueles dos centros de pesquisa militares e industriais bélicos. No início dos anos 80, foi criado o protocolo de transmissão *Transmission Control Protocol/Internet Protocol* (TCP/IP), usado até hoje, e que deu origem ao nome **internet**. Era utilizado pela ARPAnet para trocar informações e foi o que possibilitou a conexão entre diferentes redes.

Em 1990 formou-se verdadeiramente a internet, isto é, a ARPAnet tornou-se *National Science Foundation's Network* (NSFnet), ligando redes fora dos Estados Unidos e interconectando centros de pesquisa e universidades de todo o mundo. Em 1995 iniciou-se, no Brasil, a disponibilização da internet ao público em geral. Desde então, houve um crescimento espantoso no número de usuários no país (MONTEIRO, 2001).

A *World Wide Web* (WWW ou *Web*), tornou-se um espaço para a troca de informações por meio da internet, baseando-se no conceito de hipertexto² e utilizando a linguagem de programação *Hyper Text Markup Language* (HTML), que é uma das formas, tal como o correio eletrônico, de enviar e receber informações. Baron (apud CAMPOS, 2002, p. 36) expõe duas formas de comunicação proporcionadas pela *Web*: a primeira refere-se aos textos eletrônicos encontrados em sítios da internet (artigos, propagandas) que podem ser

² “[De hiper- + texto; do ingl. hypertext.] S. m. 1. Forma de apresentação ou organização de informações escritas, em que blocos de texto estão articulados por remissões, de modo que, em lugar de seguir um encadeamento linear e único, o leitor pode formar diversas seqüências associativas, conforme seu interesse. 2. Conjunto de textos estruturados ou organizados dessa forma, e geralmente implementado em meio eletrônico computadorizado, no qual as remissões correspondem a comandos que permitem ao leitor passar diretamente aos elementos associados.” (HIPERTEXTO. In: DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico. [S.l.]: Nova Fronteira, 1999. CD-ROM).

lidos, mas não modificados pelo leitor; a segunda forma são os hipertextos que apresentam formas alternativas de deslocamento dentro do texto.

A comunicação mediada pelo computador (CMC), diferentemente da comunicação baseada na *Web*, possui uma linguagem, estrutura e comportamento próprios. Pode ser usada para propósitos comerciais, quando empresas disponibilizam a venda de seus produtos pela internet. Um bom exemplo são as livrarias que trazem para a *Web* seus endereços eletrônicos ou outros recursos para que a transação de compra e venda de livros possa ser efetuada. A CMC pode também ser usada para propósitos pedagógicos, como em experiências de aprendizagem à distância, vivenciadas por meios assíncronos de transmissão de mensagens (correio eletrônico, lista ou fóruns de discussão) e/ou meios síncronos (salas de bate papo, teleconferência). Pode ainda ser usada para propósitos de entretenimento e lazer (salas de bate papo), dentre outros.

A interação entre indivíduos por meio da CMC é construída sob diversas formas de linguagem que co-existem no discurso: verbal (escrita e oral), iconográfica³ (visual), e musical (sonora). Algumas interações mais sólidas construídas através da CMC têm possibilitado o surgimento de comunidades virtuais. Nessas comunidades evidencia-se o estabelecimento de relações sociais, sustentadas por um fluxo de informações e mensagens compartilhadas entre indivíduos, sobre tópicos de interesse comum, num determinado espaço simbólico. Segundo Lévy (1999, p. 127), o elemento agregador nessas relações sociais é a construção de um projeto comum: “Uma Comunidade Virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.”

³ “Arte de representar por meio da imagem.” (ICONOGRÁFICA. In: DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico. [S.l.]: Nova Fronteira, 1999. CD-ROM).

Na história da humanidade não há registros de práticas sociais de convívio como as estabelecidas pela CMC. Conforme Ribeiro (2001), no contexto sócio-cultural do final da década de 60 e início dos anos 70 do século XX registraram-se as primeiras aglomerações virtuais baseadas na vontade de explorar as possibilidades colocadas pela tecnologia disponível. “A improvisação e criação de novos programas (*softwares*) e conseqüentemente de novas utilidades para os componentes técnico-informáticos foi, provavelmente, uma das principais características deste primeiro momento do desenvolvimento das redes de comunicação mediada pelo computador.” (RIBEIRO, 2001, p. 8).

Dentre os vários programas destinados à CMC, surge nesta época o *Bulletin Board System* (BBS), que possibilita a troca de avisos e notas entre os participantes.

Com uma posição visionária, eles [os participantes] iniciaram a utilização das BBS com propósitos muito mais amplos que a simples emissão e troca de avisos. Tendo como objetivo último a progressiva transformação da sociedade e a emergência de novas relações sociais baseadas na livre circulação de informações, esses visionários buscaram aprimorar os meios tecnológicos e estruturais utilizados pelas BBS, privilegiando mais a troca, a discussão, a interação entre os participantes, do que a simples exposição de boletins informativos. (RIBEIRO, 2001, p. 9).

Por volta dos anos 80 do século XX, surgem os MUDs⁴, as salas de bate papo e as listas de discussão, “todas imbuídas de usuários ávidos em obter informações on-line, e principalmente ansiosos por compartilhar particularidades de sua vida social” (RIBEIRO, 2001, p. 10).

⁴ Liskauskas (1995) afirma que os MUDs surgiram nos EUA, em 1979, com o Multi-User Dungeon. Tratava-se de uma nova geração de jogos em que os participantes, conectados à internet, assumiam simultaneamente determinados personagens que interagiam entre si num espaço virtual criado pelo mestre, ou ainda o próprio jogador poderia coordenar as atividades. Era baseado unicamente no texto escrito. O significado da sigla MUD difere de texto para texto. Alguns utilizam ambas as formas de tradução: *Multiple User Dimension* (dimensão para múltiplos usuários) e *Multiple User Dungeon* (calabouço para múltiplos usuários). Segundo Rheingold (2001), em finais dos anos 70 do século XX, os MUDs – *Multiple User Domains* (domínios de múltiplos usuários), ou ainda, *Multiple User Dialog* (diálogo de múltiplos usuários) – eram termos usados para jogos de masmorras e dragões.

Monteiro (2001) acrescenta que utilizar a rede mundial de computadores exige um conjunto de capacidades as quais chama “alfabetização informacional”, ou seja, não basta simplesmente que se tenha acesso à rede, mas é preciso ter um grau de instrução relativamente alto para compreender textos complexos, poder se comunicar por escrito, operar computadores e programas, entre outras coisas.

para o cidadão da sociedade informacional, já não basta saber ler e escrever, ou ter aprendido algum ofício. É preciso ter acesso à informação, saber buscá-la e encontrá-la, dominar seu uso, organizá-la e entender suas formas de organização, e, sobretudo, utilizá-la apropriada, adequada e eficazmente (SPITZ, 1999 apud MONTEIRO, 2001, p. 34).

A CMC é um espaço em que os interagentes trocam informações oriundas da sua relação com o meio ambiente. Ou seja, neste espaço de intercâmbio virtual, o indivíduo, através de uma linguagem própria, cria representações da sua identidade e ações de acordo com o contexto sócio-histórico no qual está inserido. Durante a comunicação o sujeito capta e compreende o mundo, partindo de sua própria perspectiva, interpretando e construindo o seu próprio conhecimento. "O que diz tem a ver com o que já ouviu dizer, com o que vão dizer, com o que podem dizer, com o que quer dizer" (TEIXEIRA, 1995 apud GOMES, 2001, p. 42).

Muitos dos valores, das práticas e dos significados que circulam nos grupos sociais são expressos e articulados através da linguagem, e influenciados por um conjunto de instituições como a família, a igreja, a escola e a mídia. Através da CMC também é possível compartilhar esses valores, práticas e significados, retratados nos textos escritos produzidos pelos interagentes. Suas decisões lingüísticas sinalizam seu discurso, que é construído a partir da apropriação e reconstrução de discursos pré-existentes, buscando obter resultados específicos, conforme o objetivo do diálogo comunicativo.

Como Meurer (1997, p. 17) explica, “os discursos não são monolíticos, mas sim dinâmicos e passíveis de mudanças. À medida que novos textos são criados, os discursos são neles reconstruídos, mas podem também ser paulatinamente transformados”.

Este trabalho insere-se numa proposta que busca a construção colaborativa de conhecimentos, possibilitando aos estudantes trazer seus discursos numa roda de bate-papo, por meio da CMC. Archee (1993) observa que, em algumas pesquisas conduzidas em contextos educacionais, a CMC causa, como efeito, uma espécie de camaradagem entre os estudantes que os ajuda a formar sua identidade, propósitos de vida e sentimento coletivo. Além disso, é possível considerar que, na CMC, as influências do meio ambiente se entrecruzam durante a interação, possibilitando ao interagente construir, resignificar e comparar conceitos previamente formulados e adquiridos no convívio social (família, amigos, meios de comunicação, escola). O indivíduo influencia e é influenciado integrando todos os elementos do seu meio-ambiente às novas informações que surgem durante a CMC.

Para a realização desta pesquisa, foi escolhido o protocolo de comunicação *Internet Relay Chat* (IRC), um programa organizado por meio de canais (salas de bate papo) onde acontecem os diálogos entre os usuários. É um sistema de comunicação síncrono e os diálogos podem acontecer de maneira pública ou privada, com uma ou várias pessoas ao mesmo tempo.

O IRC foi criado pelo estudante finlandês Jarkko Oikarinen, em 1988, que desenvolveu o protocolo de comunicação e o sistema de canais que forma a estrutura principal do programa até hoje (RECUERO, 2001). Cada canal possui um tema específico e o usuário escolhe em qual, ou quais, deseja **entrar**. Os diálogos são conduzidos quase que exclusivamente por meio do teclado. É possível dispor de mais alguns recursos como, por exemplo, o uso da cor e o envio de mensagens aos usuários não conectados. Estes recursos

são disponibilizados por programas como mIRC, Scoop, Avalanche, Patricinha, Matrix, Fox, entre outros tantos que são executados utilizando o protocolo do IRC.

A linguagem utilizada é escrita, mas funciona como uma linguagem oral informal e descontraída. Os participantes concentram uma grande carga de significado num pequeno número de caracteres, reconfigurando a forma tradicional da escrita. Esta linguagem é denominada eletrônica e será melhor discutida no capítulo 2.

Outra característica do IRC é a possibilidade do anonimato, pois cada usuário, ao **entrar** no canal, escolhe um *nickname* (*nick*), uma espécie de apelido que pode ser trocado a qualquer momento. Todos os participantes devem necessariamente estar conectados à internet, acessar o protocolo IRC através de algum servidor⁵ e entrar no canal de bate papo para que as conversas possam acontecer. Em cada canal existe o que chamamos de **tópico**, que corresponde a uma frase ou palavra localizada na barra superior da janela. Todos os usuários que entrarem no canal visualizam o tópico. Dentro de cada canal há o usuário conhecido por **OP**, que leva o caractere @ antes do seu *nick* e que tem o **poder de operar** no canal, isto é, pode banir, expulsar algum usuário inconveniente (este só poderá retornar com a permissão do OP), mudar o tópico quando lhe for conveniente, entre outros comandos só acessíveis a ele. Cada diálogo pode ser salvo automaticamente, ser lido e impresso sem a necessidade de se estar conectado à rede. As pastas onde os diálogos são armazenados chamam-se *logs*. A localização dessas pastas pode ser definida pelos próprios usuários em seus computadores.

A escolha do IRC como protocolo de comunicação para esta pesquisa baseou-se nas possibilidades que o programa oferece: o diálogo síncrono, a possibilidade de mediar a participação de todos durante cada período de bate papo, a facilidade de instalação do programa, da conexão ao sistema e da apropriação dos diálogos para análise posterior e, não

⁵ É um computador que possui um software que coordena a comunicação entre os usuários conectados a ele.

menos importante, um meio de comunicação mais informal do que o correio eletrônico, por exemplo.

Assim como as salas de bate papo, outros recursos comunicacionais da internet, como o correio eletrônico e as listas de discussão, permitem ao usuário interagir com outras pessoas, conhecidas ou não, de qualquer parte do país ou do mundo, a qualquer hora do dia ou da noite e para fins diversos. É a CMC que promove esta aproximação entre as pessoas, culturas e saberes, alargando as possibilidades de entendimento da realidade em que vivemos e de outras realidades.

Considerando que a comunicação é a responsável pela construção dos conhecimentos entre os indivíduos de uma sociedade, faz-se necessário, neste trabalho, conceituar o termo numa perspectiva lingüística.

O conceito de comunicação que orienta esta pesquisa baseia-se nas características apresentadas por Canale (1983). Para este autor, comunicação é uma forma de interação social sendo, portanto, normalmente adquirida e usada na interação social; envolve um alto grau de imprevisibilidade e criatividade na forma e na mensagem; ocorre no discurso e em contextos sócio-culturais, os quais impõem limitações ao uso apropriado da linguagem e, também, fornecem pistas para a interpretação das enunciações; é realizada sob condições psicológicas limitadoras e de outros tipos, tais como limitações de memória, fadiga e distrações; tem sempre um objetivo, como o estabelecimento de relações sociais; envolve autenticidade e torna-se bem sucedida ou não conforme o alcance dos resultados esperados. Ele acrescenta ainda que a comunicação é entendida como a troca e a negociação de informações entre, pelo menos, dois indivíduos através da linguagem verbal e não verbal, de forma oral e escrita/visual e de processos de produção e compreensão.

1.2 O Processo

Esta pesquisa, de natureza exploratória, pretende investigar como o conhecimento se constrói na interação entre estudantes no espaço virtual e como esta experiência pode contribuir como proposta metodológica nas extensões de sala de aula. Para isto, propõe-se a criação de um espaço virtual em que seis estudantes de 8ª série do Ensino Fundamental, três de uma escola particular localizada na cidade de Curitiba (PR) e três de outra escola particular localizada na cidade de Florianópolis (SC), vão se interagir construindo juntos conhecimentos sobre o tema **Orientação Sexual**. Assuntos como sexo, gravidez, namoro, infidelidade, separação e AIDs poderão ser discutidos a partir do tema gerador, conforme a condução realizada pelos estudantes interagentes.

De cada escola foram selecionados seis estudantes, três como titulares e três como suplentes. A seleção levou em conta o conhecimento prévio sobre a utilização do computador, da internet e da linguagem usada em salas de bate papo, assim como a disponibilidade e o interesse dos alunos pela proposta apresentada. Ainda como critério de seleção, foram escolhidos meninos e meninas, considerando que as diferenças de gênero afetam na seleção dos tópicos e na dinâmica da interação (LIAW, 1998).

Para que percebessem a seriedade do trabalho proposto e a necessidade do seu engajamento para o sucesso do projeto conjunto, os estudantes foram solicitados a:

- a) apresentar um documento assinado pelos pais ou responsáveis em que ficava claro o consentimento, bem como o conhecimento dos mesmos sobre a atividade que o estudante iria desenvolver e a sua responsabilidade com relação ao seu papel neste trabalho. Este documento se explica uma vez que os

encontros via internet ocorreram em horário contrário às aulas (ver APÊNDICE A).

- b) comunicar antecipadamente aos seus suplentes quando algum inconveniente impedisse a sua participação na sala de bate papo.
- c) comparecer pontualmente nos dias e horários combinados para o encontro virtual.

Para a criação de uma sala de bate papo virtual, ou **canal de conversa**, a pesquisadora precisou instalar nos computadores das escolas participantes o protocolo IRC de comunicação. De modo a tornar a experiência virtual mais significativa, foi proposto aos estudantes, já no início, um projeto conjunto e negociado que seria desenvolvido nos últimos encontros, visando sistematizar o quê de importante fora discutido entre eles, para ser divulgado em um sítio da internet ou, ainda, em forma de impresso e distribuído aos colegas das duas escolas, conforme decisão conjunta do grupo.

Além dos seis estudantes, a pesquisadora participou do canal de conversa como mediadora do processo sem, contudo, centralizar-se no papel de professor. Em outras palavras, sua função foi de alimentar as conversas com perguntas e questionamentos, solucionar dúvidas e esclarecer questões que surgiam com relação às perguntas feitas pela própria pesquisadora.

Os encontros virtuais aconteceram nos meses de setembro, outubro e novembro de 2003 (ver APÊNDICE C), perfazendo um total de 4 horas de bate-papo com base no tema gerador. A cada semana, de um a dois encontros virtuais eram realizados, com duração de 30 minutos para cada sessão. Após três encontros sobre o tema (1 hora e 30 minutos de discussão), os estudantes foram submetidos a aulas presenciais sobre o mesmo assunto com seus respectivos professores. A intenção foi analisar os diálogos virtuais antes e depois da

intervenção presencial do professor para estabelecer relações entre a construção dos conhecimentos sem a presença do professor (autodidaxia)⁶ e após a sua intervenção pedagógica, observando possíveis sinais de influência do conteúdo tratado presencialmente no discurso produzido pelos interagentes no canal de conversa. Após a intervenção pedagógica presencial, os estudantes tiveram três encontros para continuar o bate papo sobre o tópico (1 hora e 30 minutos de discussão). Finalmente, dois encontros foram destinados para a realização do projeto de sistematização temática (1 hora de discussão).

Como mencionado anteriormente, em cada escola um professor ficou responsável por trabalhar presencialmente o tema Orientação Sexual com a turma da qual os participantes do canal de conversa faziam parte. Na escola localizada em Florianópolis, no entanto, o tema foi trabalhado por uma Orientadora Sexual que periodicamente dá aulas sobre sexualidade na escola. Em Curitiba, os participantes tiveram uma aula presencial sobre o tema com um professor de ciências.

O tema **Orientação Sexual**, dentre os outros temas transversais⁷, adaptou-se melhor à pesquisa, pois possibilita a discussão de assuntos como a gravidez e o namoro, que despertam a curiosidade e o interesse de estudantes adolescentes, facilitando assim a fluidez nos diálogos e a investigação sobre como os conhecimentos são compartilhados e construídos no espaço virtual.

⁶ “[Do grego *dídaxis*, 'ensino'] Ação de instruir-se sem professores; autodidatismo”. (AUTODIDAXIA. In: DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico. [S.l.]: Nova Fronteira, 1999. CD-ROM). Segundo Perriault (1996 apud BELLONI, 2001, p. 6), “uma nova ‘autodidaxia’ importante está se desenvolvendo há vários anos nos jovens por meio das mídias”.

⁷ Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e Consumo são os outros temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

1.3 A Estrutura da Dissertação

Esta pesquisa está organizada em cinco capítulos. O capítulo 1 introduziu o tema e o foco da investigação. No capítulo 2, apresento os pressupostos ou norteadores teóricos e filosóficos, os quais deverão subsidiar na compreensão da interação virtual proposta. Nesse capítulo, a linguagem é apresentada e discutida sob três diferentes perspectivas: a perspectiva sócio-histórico-cultural de Vygotsky, a perspectiva lingüístico-eletrônica, considerando as características da linguagem eletrônica utilizada na CMC, e a perspectiva da filosofia da linguagem, tomando como base os princípios colaborativos propostos por Grice (1975). O capítulo 3 trata da metodologia da pesquisa e de um breve histórico da coleta de dados realizada. No capítulo 4 apresento a análise das conversações e dos outros dados coletados a luz das perguntas de pesquisa. Por fim, no capítulo 5, constam as conclusões deste trabalho.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E FILOSÓFICOS

Este capítulo discute a linguagem como meio de expressão e comunicação entre os indivíduos, analisando-a sob três perspectivas diferentes: a perspectiva dos estudos histórico-culturais de Vygotsky, a perspectiva lingüístico-eletrônica no ambiente da CMC e a perspectiva filosófica a partir das normas conversacionais colaborativas propostas por Grice (1975). Esses diferentes ângulos de observação da linguagem formam a base teórica e filosófica que norteia a realização desta pesquisa. Cada um deles é apresentado e analisado a seguir, considerando a importância do uso da linguagem para a construção e o compartilhamento de conhecimentos durante a aprendizagem, tendo a internet como meio de comunicação entre os alunos.

2.1 A Linguagem Como Mediadora do Desenvolvimento Sócio-Histórico-Cultural do Indivíduo

A construção do conhecimento ou do pensamento na criança pode ser interpretada sob a perspectiva sócio-histórico-cultural, marcada pelos trabalhos de Vygotsky (1989, 1991). Dentro desta perspectiva, o pensamento/conhecimento tem uma estreita ligação com a linguagem.

Durante o seu desenvolvimento, em interação com as pessoas e o meio ambiente em que vive, o indivíduo passa a atribuir significado às palavras. Os significados são usados por ele para dar forma ao seu pensamento/conhecimento, tornando-o compreensível para si e

para os outros através do uso da linguagem. A partir desta perspectiva, Vygotsky considera a linguagem uma manifestação do pensamento/conhecimento.

Para melhor compreender o processo de formação da linguagem, inicio aqui uma análise da relação existente entre o pensamento e a linguagem. Esta relação surge durante o desenvolvimento do pensamento verbal, atravessando gradativamente uma série de planos, que começa pela motivação que gera um pensamento até a formação do pensamento propriamente dito, ou seja, começa pela fala interior, passando pelo significado das palavras e termina nas palavras propriamente ditas.

2.1.1 O Pensamento e a Linguagem

O pensamento tem a sua própria estrutura e todos os pensamentos criam uma conexão funcional, um fluxo de pensamentos. Este fluxo não é expresso simultaneamente pela fala pois, primeiramente, ele precisa passar pelo significado das palavras. Quando está em nossa mente, o pensamento é um todo complexo, mas quando necessita ser expresso por palavras tem que ser desenvolvido em uma seqüência que o traduza aos outros em forma de linguagem. Como não possui um equivalente imediato em palavras, a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado. Isso significa que a comunicação só pode ocorrer de forma indireta, pois o pensamento tem que passar primeiro pelos significados e depois pelas palavras. O pensamento nasce e passa a existir por meio da palavra.

O pensamento é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos, necessidades, interesses e emoções. Vygotsky (1989) salienta que, subjacente aos nossos pensamentos, há sempre uma tendência afetivo-volitiva, ou seja, a vontade determinada pela afetividade.

Só podemos compreender a fala de alguém quando, além das palavras, entendemos também o seu pensamento e conhecemos a sua motivação.

As palavras representam a reflexão generalizada da realidade e desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. A comunicação por meio da linguagem está relacionada, portanto, ao significado das palavras adquirido/construído pelo indivíduo em interação com as pessoas e o seu meio ambiente, num dado momento histórico-cultural. Daí a perspectiva sócio-histórico-cultural da linguagem.

Para Vygotsky, o pensamento e a linguagem têm raízes genéticas diferentes, desenvolvem-se em trajetórias distintas e, apesar de não manterem uma relação constante, inter cruzam-se ao longo do desenvolvimento do indivíduo.

Para entendermos a relação dialética entre o pensamento e a linguagem é necessário, segundo Vygotsky, compreendermos o fenômeno da fala interior.

2.1.2 Fala Interior

A fala interior (ou endofasia) é uma formação específica, com leis e características próprias, funções especiais e relações complexas com as outras formas de atividade de fala. Representa a fala para si mesmo e, ao contrário da fala exterior, que exterioriza o pensamento, ela interioriza-se em pensamento. A sua origem, conforme Vygotsky (1989), está intimamente relacionada ao fenômeno da fala egocêntrica, estudada por Piaget.

Vygotsky (1989) faz uma análise dos estudos de Piaget sobre a fala egocêntrica comparando-os com as suas próprias conclusões. No quadro abaixo, sistematizo os principais pontos desta análise.

Para Piaget, a fala egocêntrica ...	Para Vygotsky a fala egocêntrica ...
. é uma expressão direta do egocentrismo do pensamento da criança.	. é um fenômeno de transição da atividade social e coletiva da criança para a sua atividade mais individualizada.
. deriva da socialização insuficiente da fala.	. origina-se da individualização insuficiente da fala social primária.
. não está relacionada à fala interior, que surge como algo novo junto com a socialização.	. transforma-se na fala interior, que representa o auge ou culminação da fala egocêntrica.
. tem seu auge no início do desenvolvimento da criança.	. tem seu auge na fase pré-escolar, transformando-se em fala interior.
. não tem função no pensamento ou na atividade realista da criança, apenas os acompanha.	. tem função semelhante à da fala interior: orientação mental, compreensão consciente, ajuda a superar dificuldades.

Quadro 1 Concepções de Vygotsky e Piaget com relação à fala egocêntrica.

Contrapondo algumas das questões levantadas por Piaget, Vygotsky entende que a fala egocêntrica é um estágio que precede a fala interior. A primeira desaparece na idade escolar quando a fala interior inicia o seu desenvolvimento, ou seja, uma se transforma na outra. Ao contrário, para Piaget a fala egocêntrica é uma forma de expressão do egocentrismo que caracteriza o pensamento da criança, sem qualquer função no seu pensamento ou nas suas atividades, desaparecendo na idade escolar com a crescente socialização da criança.

Para Vygotsky, as qualidades estruturais e funcionais da fala egocêntrica tornam-se mais marcantes conforme a criança se desenvolve, porém ela deixa de ser vocalizada. Daí o seu desaparecimento, conservando internamente, no entanto, a sua estrutura. Esta decrescente vocalização indica a aquisição de uma nova capacidade de “pensar as palavras” ao invés de pronunciá-las. (VYGOTSKY, 1989, p. 116).

No início, a fala egocêntrica tem estrutura idêntica à da fala social, mas à medida que se transforma em fala interior torna-se menos completa e coerente, sendo regida por uma sintaxe totalmente predicativa. Os experimentos realizados por Vygotsky mostraram que:

A criança fala o que vê, ouve ou faz em determinado momento como resultado, tende a deixar de lado o sujeito e todas as palavras com ele relacionadas, condensando cada vez mais a sua fala, até que só restem os predicados. [...] O declínio da vocalização ocorre simultaneamente a essa modificação. [...] a fala interior é uma fala quase sem palavras. (VYGOTSKY, 1989, p. 125).

Sem a necessidade do som e regida por uma sintaxe reduzida, o significado passa a ter maior importância na fala interior. Portanto, a semântica opera no lugar da fonética.

Vygotsky (1989) salienta três peculiaridades semânticas principais da fala interior. A primeira refere-se ao predomínio do sentido sobre o significado. Paulhan (apud VYGOTSKY, 1989, p. 125) explica que “o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência”. O sentido depende do contexto em que a palavra surge e pode se alterar em contextos diferentes. O significado não se altera. A segunda peculiaridade semântica da fala interior é a utilização de aglutinações de palavras para expressar idéias complexas, criando palavras compostas. Finalmente, Vygotsky caracteriza a fala interior como um “influxo de sentido”, isto é, o sentido de uma palavra está contido no sentido da palavra seguinte completando o seu significado.

A passagem da fala interior para a exterior é um processo complexo e dinâmico. O que ocorre é a transformação de uma estrutura predicativa e idiomática em uma fala articulada e inteligível.

Concluindo, de acordo com os estudos de Vygotsky (1989, p. 128), a fala interior continua a ser fala, isto é, “pensamento ligado por palavras”, mas sem vocalização. Na fala exterior, por outro lado, o “pensamento é expresso por palavras”.

Considerando a importância fundamental da palavra como signo mediador, pode-se acrescentar que o seu significado representa o elo que une o pensamento e a fala, e que, neste caso, a palavra torna-se a “unidade do pensamento verbal”. Ela materializa o pensamento através do significado que carrega. Cada palavra é uma generalização ou “um ato verbal do pensamento e reflete a realidade de modo bem diverso daquele da sensação e da percepção.” (VYGOTSKY, 1989, p. 4). O pensamento, por outro lado, é um reflexo generalizado da realidade e também a essência do significado da palavra.

Para a transmissão dos pensamentos (ou experiências humanas), que a princípio estão na consciência, é necessário que eles sejam simplificados e generalizados para que possam ser traduzidos pela linguagem através das palavras. Uma das funções da linguagem, portanto, é a comunicação e o intercâmbio social refletindo uma realidade conceitualizada. A outra é a organização do real, isto é, o pensamento constitui-se de sentidos e significados encontrados na realidade e a linguagem, como sistema mediador, organiza esses sentidos e significados para que se tornem compreensíveis e transmissíveis através, por exemplo, da fala ou da escrita.

2.1.3 Aprendizagem e Desenvolvimento

Vygotsky (1991) também estabelece a inter-relação entre os processos de desenvolvimento e os de aprendizagem como resultado das interações sociais e da mediação efetuada pela linguagem. Em outras palavras, na interação social, o indivíduo aprende e se desenvolve. Seu desenvolvimento, portanto, decorre do processo de aprendizagem gerado na interlocução com outros sujeitos.

O aprendizado inicia-se muito antes da fase escolar. Desde o primeiro dia de vida da criança o aprendizado e o desenvolvimento se inter-relacionam; entretanto, os dois processos nunca acontecem paralela e simultaneamente. O desenvolvimento, por exemplo,

é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra. (VYGOTSKY, 1991, p. 83).

Assim sendo, o autor rejeita a idéia de que o desenvolvimento acontece de forma linear. Ao contrário, decorre de um processo evolutivo e revolucionário, que envolve transformações complexas e que relaciona a história do sujeito ao mundo sócio-cultural em que ele está inserido. Desta forma, Vygotsky procura compreender como o mundo externo reflete no mundo interno dos sujeitos, ou seja, como a natureza sócio-cultural dos sujeitos se torna igualmente sua natureza psicológica.

Como já mencionado, os processos de aprendizagem e os de desenvolvimento não acontecem ao mesmo tempo, o primeiro converte-se no segundo. Esta relação torna-se possível mediante as interações sociais mediadas pela linguagem, em particular de indivíduos mais experientes ajudando os menos experientes. Em outras palavras, o aprendizado desperta

vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar quando a criança interage com indivíduos mais capazes cognitivamente ou psicologicamente. Desta relação, a criança desenvolve aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de amadurecimento, em estado embrionário. É o que Vygotsky chama de “Zona de Desenvolvimento Proximal” (ZPD).

Para o autor (1991), Zona de Desenvolvimento Proximal é a distancia entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, aquilo que a criança é capaz de realizar sozinha, e o nível de desenvolvimento potencial, ou seja, aquilo que a criança é capaz de realizar com a ajuda de um adulto ou de colegas mais capazes. Com isso, identificando os níveis potencial e real de desenvolvimento da criança, podemos auxiliar no seu processo de aprendizagem e de desenvolvimento mental, descobrindo as “funções” que estão em processo de amadurecimento e que podem se tornar, no futuro, níveis de desenvolvimento real.

Certamente as interações sociais não seriam possíveis sem um sistema mediador (sistema de signos, lingüísticos ou não) responsável pela transmissão racional e intencional da experiência e do pensamento. Como mencionado anteriormente, a fala humana, ou a linguagem, é a representação deste sistema mediador que necessita tanto de signos (palavra) quanto de significados (generalização). Portanto, o pensamento é mediado pela linguagem para se tornar inteligível durante as interações sociais.

Com base nos posicionamentos de Vygotsky (1989, 1991), é possível afirmar que o processo de ensino e aprendizagem deve considerar o aluno dentro de uma perspectiva sócio-histórico-cultural e que a comunicação virtual através da linguagem escrita, no caso específico desta pesquisa, pode contribuir para a construção e o desenvolvimento do conhecimento. Além disso, é na interação social que os estudantes têm a possibilidade de aprender e desenvolver o seu pensamento com o auxílio de outros colegas, trocando e compartilhando experiências e pensamentos formados em diferentes contextos sociais.

“As formas mais elevadas da comunicação humana [intercâmbio e interação social] somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada [através da linguagem]” (VYGOTSKY, 1991, p. 5).

2.2 A Linguagem Eletrônica Como Meio de Expressão e Comunicação

Segundo Vygotsky (1991), a linguagem escrita ocupa um papel fundamental no desenvolvimento cultural da criança e é definida por ele como

[...] um sistema de signos que designam os sons e as palavras da língua falada, os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais. Gradualmente, esse elo intermediário (a linguagem falada) desaparece e a linguagem escrita converte-se num sistema de signos que simboliza diretamente as entidades reais e as relações entre elas. (VYGOTSKY, 1991, p. 120).

Nesta pesquisa, a linguagem escrita é fundamental para o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos adolescentes em contexto de interação *online*. Por ser efetivada no meio virtual, será aqui denominada de linguagem eletrônica.

A linguagem eletrônica é uma forma de expressão baseada na CMC que, transformando os padrões tradicionais do texto escrito e da linguagem falada, acabou criando uma sintaxe, estrutura e funcionamento próprios. É predominantemente escrita, na maioria das modalidades da CMC, e interativa, considerando o leitor e o compositor do texto como interagentes.

As características da linguagem eletrônica situam-se entre aquelas encontradas na escrita tradicional e na oralidade. Para retratá-las, analiso, a seguir, as duas modalidades: a comunicação escrita e a oral.

2.2.1 O Texto Escrito e a Comunicação Oral

Na comunicação oral, a linguagem é espontânea e sem planejamento prévio. Por essa razão, chega a ser redundante, simplificada e hesitante. Pode existir, por outro lado, um certo grau de planejamento ou ensaio na linguagem falada, mas é bom lembrar que isso depende do contexto, e que os interagentes podem comprometer a fala planejada conforme a condução da conversa. Ao contrário, o texto escrito traz uma linguagem que é, na maioria das vezes, planejada e premeditada, podendo ser alterada e corrigida em sua forma e conteúdo. Da mesma forma, a linguagem falada também pode ser alterada ou corrigida através das autocorreções.

Além da espontaneidade, a comunicação oral segue uma seqüência de turnos caracterizada pela sua imprevisibilidade, flexibilidade, engajamento e relações de poder entre os sujeitos. Os turnos podem ser direcionados ou designados para um participante em particular, quando este é solicitado a responder a uma pergunta, por exemplo. Muitas vezes, os turnos se sobrepõem, cabendo a um dos falantes ceder a sua vez para a fluência do diálogo. A princípio, a duração total de uma conversa e o que cada um irá dizer não é estipulado, pois a fala de um participante pode variar de apenas uma palavra até um conjunto de frases. As falas são, portanto, recorrentes e não há uma ordem nem um tempo específico para cada

uma. Além disso, o número de participantes também pode variar e a conversa pode ser contínua ou descontínua.

Na comunicação oral também é comum o uso de meios paralingüísticos e não-verbais para facilitar a compreensão do(s) ouvinte(s) e a transmissão da mensagem. É o caso de gestos, expressões faciais e tom de voz. É possível ainda perceber se a mensagem foi compreendida e o seu objetivo atingido.

Diferente desta modalidade, o texto escrito está distante no tempo e espaço com relação ao leitor, além de não dispor dos recursos paralingüísticos e não-verbais disponíveis na comunicação oral.

Grande parte das características apresentadas nesta seção é manifestada também na linguagem eletrônica, sendo que a distinção básica entre elas – linguagem escrita, oral e eletrônica – encontra-se no processo de produção de cada uma delas. A seguir, caracterizo a linguagem eletrônica a partir das modalidades da CMC.

2.2.2 As Modalidades da CMC

O espaço de tempo entre o envio e recebimento de uma mensagem é o que diferencia as modalidades da CMC, que podem ser divididas em dois grupos: as modalidades que utilizam comunicação assíncrona e as que ocorrem de maneira síncrona.

A comunicação assíncrona ocorre quando há diferença de tempo entre o envio e o recebimento da mensagem, ou seja, a troca de informações não acontece em tempo real. É o caso do e-mail, do BBS e das listas de discussão. Dentre essas formas, o e-mail será tomado aqui como exemplo para caracterizar a sua linguagem. Nesta forma de comunicação, podemos

encontrar estilos formais e informais de linguagem, dependendo do grau de afinidade entre os interagentes e o propósito da interação.

Encontramos ainda fenômenos característicos da oralidade como a simplificação da fala, manifestada na redução ortográfica. É o caso da supressão de vogais e consoantes na redação de mensagens eletrônicas (exemplo: “vc” para “você”; “tbn” para “também”; “pq” para “porque”). O objetivo é poupar tempo e agilizar o envio das informações.

Na composição do texto de e-mail pode-se também observar características não-verbais e paralingüísticas usadas na comunicação oral. Trata-se da utilização de recursos ortográficos, ou seja, o uso das letras (maiúsculas e minúsculas) e símbolos de pontuação, e de elementos iconográficos⁸ para representar, por exemplo, sentimentos e emoções através de expressões faciais. No quadro abaixo são apresentados alguns exemplos de representações não-verbais e paralingüísticas usadas na comunicação por e-mail.

EXEMPLO	SIGNIFICADO
☺	Representação iconográfica de um rosto sorrindo.
:o)	Representação, através de recursos ortográficos, de um rosto sorrindo (visto horizontalmente da esquerda para a direita). Esse recurso é também denominado <i>Emoticon</i>.
NÃO!!	Representação, através do uso de letras maiúsculas, de um grito ou fala em tom de voz mais alto.

Quadro 2 Exemplos de representações não-verbais e paralingüísticas na CMC.

⁸ Os elementos iconográficos são entendidos nesta pesquisa como representações através de imagens (gravura, fotografia, desenho).

A utilização desses recursos expressivos sugere uma outra característica das mensagens eletrônicas, em particular do e-mail: a tendência à simplificação do conteúdo das informações e a brevidade. Assim como na fala, nas mensagens eletrônicas, a linguagem tende a ser enxuta e breve. Pressupõe-se ainda que sejam relevantes para o leitor, ou seja, que obedecem a Máxima de Relevância (ver Seção 2.3 para maiores explicações) e que a sua brevidade e simplificação não violem a Máxima de Quantidade e Modo (ver Seção 2.3). No entanto, nem sempre isso acontece.

Em e-mails mais elaborados, as características da conversação informal, por vezes, desaparecem, dando lugar às normas textuais que conhecemos tradicionalmente. O exemplo da Figura 1 serve de ilustração ao que se pretende dizer.

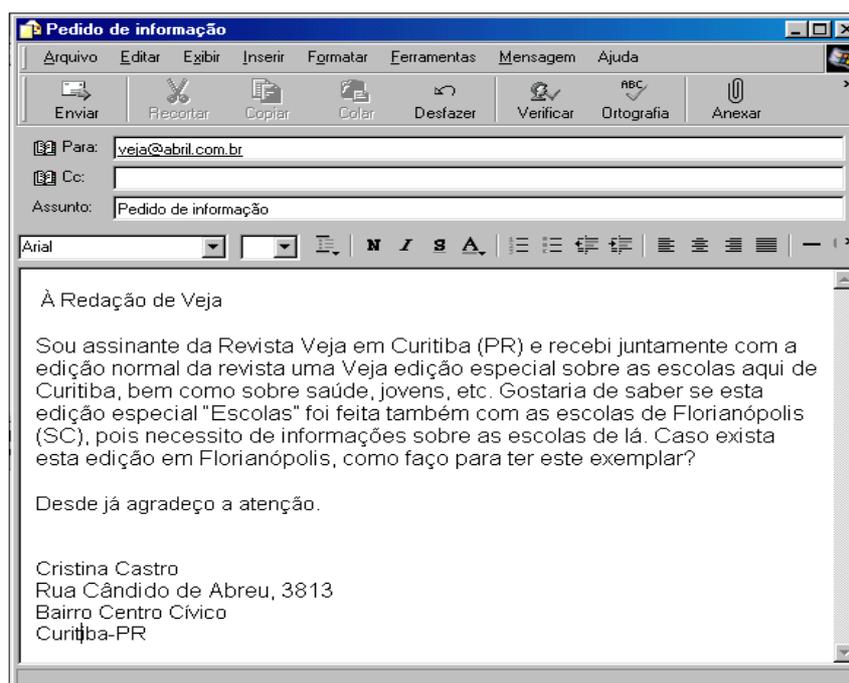


Figura 1 Exemplo de e-mail que utiliza as características textuais tradicionalmente conhecidas.

A comunicação síncrona, por sua vez, acontece em tempo real e contínuo, quase que na mesma velocidade da comunicação face a face. Como exemplos de comunicação

síncrona, temos as salas de bate papo (*chats*), os *Multi-User Oriented Objects* (MOOs)⁹ e as teleconferências. A compreensão de como a linguagem eletrônica se manifesta nesses espaços, em particular nas salas de bate papo, é importante para que possamos interagir satisfatoriamente neste meio e nos relacionar com outras pessoas.

A rapidez com que os diálogos virtuais acontecem, em especial nas salas de bate papo, exige que o interagente seja cada vez mais rápido na digitação das mensagens. Com isso, é necessário o uso de recursos lingüísticos que simplifiquem a elaboração da mensagem sem afetar no significado/sentido das informações. Percebe-se que os usuários mais experientes recorrem às reduções ortográficas e à eliminação da acentuação, substituída ou não por outros recursos sem pudor de infringir qualquer norma lingüística, como as demonstradas no quadro abaixo.

RECURSO	EXEMPLO	SIGNIFICADO	PROPÓSITO(S)
Abreviação	vc	you	Ser breve na escrita.
Redução ortográfica	daki	daqui	Ser breve na escrita.
Emoticons	:*****	beijos	Expressar sentimentos de carinho.
Vocalizações	DãÃãÃ...	Reação a uma informação descabida.	Repreender o colega pela informação dada.
Representação de ações e linguagem corporal	Zzzzzz...	Alguém dormindo (onomatopéia)	Mostrar que a conversa está desinteressante.
Repetição de sinais de pontuação	!!!!!!!	Ato ou efeito de exclamar.	Demonstrar surpresa ou indignação.
Uso de letras maiúsculas	NÃÃÃOO	Grito de alguém dizendo “não”.	Dar ênfase ou mostrar irritação.

⁹ Os MOOs ou *Multi-User Oriented Objects* são sistemas onde vários usuários acessam a internet simultaneamente com propósitos variados: jogos, conferências, bate papo. (CAMPOS, 2002, p. 39)

Fala criativa	Oie.	Oi	Cumprimentar.
	faloووو	Tchau	Despedir-se.
Simplificação gramatical (sem sujeito, pontuação, maiúsculas)	tava durmindo	Eu estava dormindo.	Simplificar a escrita.

Quadro 3 Exemplos de recursos lingüísticos usados na comunicação síncrona, em particular em salas de bate papo.

Nota-se, portanto, que uma das características dos *chats* é a economia na escrita, a qual simplifica e agiliza a comunicação ou fluxo das informações neste meio. Por outro lado, a **escrita econômica** exige um uso maior de estratégias de compreensão e inferência por parte de usuários com pouca experiência nesta forma de comunicação, além da familiaridade com o código lingüístico e seus significados (proposicional e funcional). Além disso, a rapidez com que os diálogos acontecem estreita a relação desses diálogos com a oralidade, de onde deriva a maior parte de suas características.

A título de sistematização das informações aqui apresentadas, pode-se dizer que a linguagem escrita usada na CMC não se enquadra totalmente nos padrões da escrita, nem tão pouco da oralidade, pois possui estrutura e funcionamento próprios. O seu funcionamento está baseado na troca de informações entre pessoas que têm a intenção de se comunicar, seja de maneira síncrona ou assíncrona, por meio da internet.

E, observando as principais características da CMC, procuramos demonstrar no decorrer desta pesquisa que, através de seus recursos, podemos aproximar indivíduos de regiões e culturas diferentes para a construção e compartilhamento de conhecimentos, através

de uma proposta metodológica de trabalho que possa complementar a aprendizagem presencial.

2.3 A Linguagem Cooperativa nas Relações Sociais

Para que a comunicação entre dois ou mais indivíduos possa ser sustentada, a compreensão mútua é importante e, para isso, normas conversacionais implícitas são compartilhadas entre os interagentes, dentre elas a linguagem cooperativa. Neste trabalho, a linguagem cooperativa está relacionada às máximas ou aos princípios comunicacionais propostos por Grice (1975).

Como filósofo da linguagem, Grice foi quem inicialmente elaborou um modelo teórico do uso da linguagem. Sua teoria compreende certas normas ou princípios gerais que organizam as interações entre os indivíduos. A construção deste modelo parte da premissa que, na interação social, as pessoas reconhecem um certo objetivo comum e tentam se comunicar a fim de alcançar este objetivo. Para o autor, as conversas são basicamente esforços colaborativos pautados em princípios de cooperação. Em outras palavras, as pessoas aderem-se às regras conversacionais procurando contribuir e cooperar umas com as outras para que a comunicação aconteça eficientemente (SANTOS, 1997).

O Princípio Cooperativo (PC) de Grice foi elaborado visando à análise da linguagem oral; entretanto, neste trabalho, ele será considerado na análise das interações virtuais conduzidas através da linguagem escrita, pois as conversas em sala de bate-papo assemelham-se àquelas em interações face a face, em que não há o uso previamente preparado

e planejado da linguagem, respondendo às exigências de situações imediatas que acontecem em tempo real, contínuo e sob uma certa pressão de tempo.

Grice (1975) baseia seu Princípio Cooperativo em quatro categorias, as quais estabelecem certas normas conversacionais ou máximas. Essas categorias são: Quantidade, Qualidade, Relevância e Modo.

A primeira categoria refere-se à **quantidade** de informação oferecida para o interlocutor, cujas máximas são: torne sua contribuição informativa para os propósitos da interação e não a torne mais informativa do que é solicitado. A segunda categoria consiste na **qualidade** da informação, ou seja, na sua veracidade, informando ao interlocutor o que você acredita ser verdadeiro e acredita ter evidências suficientes. A terceira categoria, a de **relevância**, possui apenas uma máxima: seja relevante e pertinente ao oferecer informações. A última categoria, a de **modo**, está relacionada à maneira como as informações são transmitidas ao interlocutor. Como princípio geral, determina-se clareza (seja claro), e como princípios específicos: evite obscuridade de expressão e ambigüidades, seja breve (evite prolixidade desnecessária) e organizado na exposição das idéias.

É importante salientar que as categorias de quantidade, qualidade e relevância estão relacionadas ao conteúdo das informações, enquanto que a categoria de modo refere-se à maneira como o conteúdo é expresso.

Para melhor visualização, o modelo teórico de Grice é sistematizado na figura abaixo:

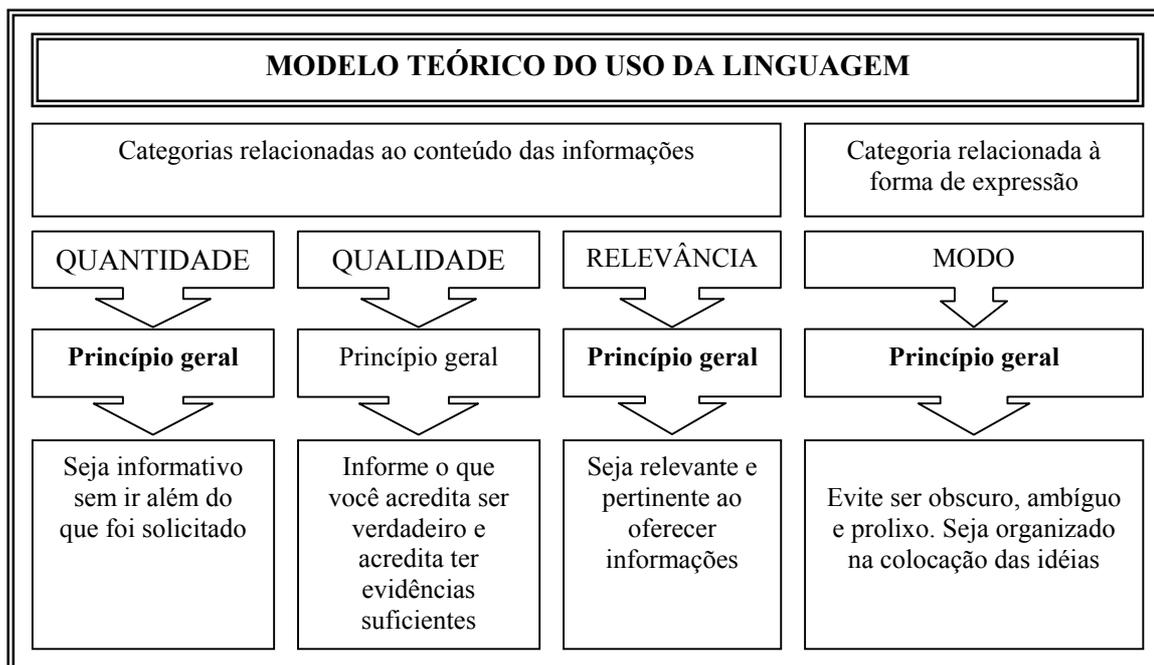


Figura 2 Esboço das máximas conversacionais de Grice.

Grice (1975) sugere que o princípio cooperativo e as máximas são questões contratuais tácitas vigentes na comunicação em que os interlocutores compartilham objetivos comuns. Não parece racional, por exemplo, alguém participar de uma conversação visando informar algo em que não acredita ser verdadeiro ou, ainda, com o objetivo de ser vago ou prolixo. No entanto, é possível alguém participar de uma conversa e violar as máximas comunicacionais, seja conscientemente ou não. Ao afirmar, por exemplo: “Não posso dizer mais nada; minha boca é um túmulo” (GRICE, 1975, p. 49, tradução nossa)¹⁰, o falante está, conscientemente, se negando a fornecer uma informação, violando assim a categoria de quantidade. Em outras palavras, o falante deixa de ser informativo. Por outro lado, na interação:

A – Aonde C mora?

B – Em algum lugar no sul da França.¹¹ (GRICE, 1975, p. 51, tradução nossa).

¹⁰ “I cannot say more; my lips are sealed.”

¹¹ “A: Where does C live?”

B: Somewhere in the South of France”

Na tentativa de não violar a máxima de qualidade (informe o que você acredita ser verdadeiro e acredita ter evidências suficientes), o falante B inconscientemente rompe com a máxima de quantidade, deixando de informar o local exato onde C mora.

Quando uma máxima é violada ou desconsiderada pelo interlocutor surge uma situação marcada pela implicatura conversacional, ou seja, por significados subjacentes que deverão ser desvelados com a ajuda do processo de inferência. Pode-se dizer, portanto, que a violação de uma máxima traz uma intenção ou propósito, cabendo ao interlocutor descobrir o que está subjacente. Para ilustrar, no exemplo (1), a seguir, o falante é solicitado a escrever uma carta de recomendação sobre um de seus alunos que é candidato a um emprego em filosofia. Nota-se que o falante não coopera com a máxima de quantidade, limitando-se a dar informações superficiais que, por um lado, não atendem às expectativas do leitor, mas por outro, reservam a sua imparcialidade sobre o aluno-candidato. No exemplo (2), por sua vez, o falante expressa uma tautologia, violando a máxima de quantidade, ou seja, sua fala não oferece informação suficiente para a compreensão do que se quer dizer. Pode significar a sua falta de conhecimento sobre o tema da comunicação ou, ainda, sua intenção seja encerrar o assunto sem dar margem a outras colocações.

(1) Prezado Senhor,

O domínio de língua inglesa do Sr. X é excelente, e sua freqüência às aulas foi regular.

Sinceramente¹² (GRICE, 1975, p. 52, tradução nossa).

(2) Guerra é guerra.¹³ (GRICE, 1975, p. 52, tradução nossa).

¹² “*Dear Sir, Mr. X’s command of English is excellent, and his attendance at tutorials has been regular. Yours, etc*”.

¹³ “*War is war*”.

Às vezes, a infração de uma máxima visa estabelecer uma negociação do que está sendo falado. Por exemplo,

(3) A: Você vende laranja?

B: Grande ou pequena?¹⁴ (HATCH, 1992, p. 32, tradução nossa).

Ao responder com outra pergunta, o falante B deixa de ser relevante ao que se pede. Entretanto, sua contribuição (Grande ou pequena?) torna-se relevante para o contexto da comunicação, considerando a necessidade de se negociar o foco ou tema em questão. Em outras palavras, a contribuição de B é importante para que A esclareça ou detalhe sua pergunta.

Podemos ainda identificar a utilização de certas figuras de estilo¹⁵ que infringem o princípio cooperativo, mas que visam estabelecer um propósito comunicativo. Por exemplo, imagine que A tenha traído a amizade de B, revelando o segredo do amigo a outras pessoas. Ao saber disso, B comenta: A é um bom amigo. Ao dizer esta frase, B rompe conscientemente com a máxima de qualidade com o propósito de ser irônico, pois o que ele pretende dizer, na verdade, é o oposto do que foi dito.

O falante pode ainda desconsiderar a categoria de modo (seja claro), com a intenção de caracterizar a pessoa através de uma metáfora. Por exemplo: Você é o creme do meu café¹⁶ (GRICE, 1975, p. 53, tradução nossa). É possível ainda o falante mudar o tópico da conversa para evitar maiores comentários sobre um assunto indesejado. Neste caso, ele tem uma razão para violar a máxima de relevância. Segundo Hatch (1992, p. 33), “os tópicos de

¹⁴ “A: *Do you sell orange?*

B: *Big or small?*”

¹⁵ Entendidas aqui como um tipo de variação da linguagem de expressão denotativa para uma linguagem mais conotativa e expressiva (FARACO; MOURA, 1990, p. 430-449).

¹⁶ “*You are the cream in my coffee*”

uma conversa são dinâmicos e negociáveis ao longo da conversação. Por esta razão, não podemos dizer que um discurso tem um tópico, somente falantes e escritores têm.”

Às vezes, a máxima de qualidade é desconsiderada em detrimento da generalização deliberada na fala. Ao afirmar, “Toda boa menina ama um marinheiro”¹⁷ (GRICE, 1975, p. 53, tradução nossa), o falante não parece ter evidências suficientes para comprovar o que diz, mas sua afirmação pode implicar uma desilusão amorosa que teve, podendo ter chegado a esta conclusão com o propósito de manifestar o seu sentimento de rancor ou decepção com relação à **boa menina** (ironia). O falante, por tanto, faz uso da hipérbole e da ironia ao construir o seu pensamento.

Podemos ser cooperativos no que queremos dizer e no que queremos implicar. As implicaturas surgem naturalmente durante uma conversação e, através do significado da fala, podemos determinar se o que está sendo dito corresponde ao que está sendo implicado. Quando uma categoria é violada, ela dá margem à implicatura, que geralmente apresenta um propósito específico, conforme o contexto da conversação. Citamos o exemplo de um poeta que diz “Procure nunca falar do seu amor, amor que nunca pode ser dito”¹⁸ (GRICE, 1975, p. 54, tradução nossa). Sabemos que o poeta desconsiderou a categoria de modo (seja claro) e, com isso, deu margem a implicaturas: pode estar se referindo a um caso específico de uma pessoa que ama e, por algum motivo, não pode revelar o seu sentimento; ou, por outro lado, o autor pode estar se referindo ao amor de modo geral, que, segundo ele, não deve ser revelado, mas sim mantido em segredo para preservar o sentimento. A categoria de modo foi violada, mas com a intenção de dar margem a várias interpretações.

A transgressão de uma máxima conversacional não significa necessariamente que o princípio cooperativo foi violado ou deixou de existir naquele momento da comunicação. O Princípio Cooperativo permanece sustentado, bem como a comunicação, pelas implicaturas

¹⁷ “*Every nice girl loves a sailor*”.

¹⁸ “*Never seek to tell thy love, Love that never told can be.*”

conversacionais, que possibilitam a compreensão do que foi dito. Pode-se dizer que o Princípio Cooperativo só deixa de existir quando o interlocutor não puder estabelecer implicaturas conversacionais a partir das máximas violadas na comunicação.

O modelo teórico de Grice, através dos seus princípios, contribui para o entendimento do que o indivíduo **diz** e o que ele **quer dizer** ao se comunicar. Mesmo com um número reduzido de princípios, seu modelo é capaz de explicar algumas figuras do discurso (metáfora, hipérbole) e o propósito comunicativo das enunciações. Há, portanto, uma diferença entre o que o indivíduo diz e o que ele quer dizer ao se comunicar.

3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Neste capítulo descrevo o processo de coleta de dados e as dificuldades e entraves encontrados. Aproveito ainda para traçar o perfil das escolas e dos participantes envolvidos na pesquisa.

3.1 Contatos Iniciais

Optei por realizar esta pesquisa em duas escolas situadas em cidades e regiões brasileiras diferentes por acreditar no enriquecimento individual e coletivo, possibilitado pelo compartilhamento das experiências, conhecimentos e informações entre indivíduos de realidades sócio-culturais e geográficas distintas.

Foram então escolhidas as cidades de Florianópolis (SC) e Curitiba (PR) pela facilidade de locomoção entre elas e o livre acesso da pesquisadora a algumas escolas dessas capitais. Foi dada prioridade às escolas particulares, pois nelas os alunos teriam, com certeza, acesso a computadores e à internet. As duas escolas escolhidas estão localizadas em área central das capitais.

Em Florianópolis, dentre as várias escolas visitadas, a escolhida foi aquela que demonstrou receptividade e cooperação com a pesquisa. Em Curitiba, a escolha baseou-se em uma reportagem em edição especial da revista *Veja* (REVISTA..., 2002), em que eram listadas as melhores escolas particulares da cidade. A receptividade e cooperação também foram requisitos indispensáveis.

Em ambas as escolas fui encaminhada diretamente ao professor que geralmente trabalha o tópico Orientação Sexual com os alunos de 8ª série. Em Florianópolis, fui recebida pela professora responsável pela disciplina Orientação Sexual (P1) e, em Curitiba, pelo professor da disciplina de Ciências (P2). Num primeiro contato com os professores, ficou acertado que a escolha dos estudantes contaria com a ajuda e orientação dos mesmos. Além desta tarefa, os professores se dispuseram a participar desta pesquisa, trabalhando presencialmente o tema Orientação Sexual após o terceiro encontro virtual entre os estudantes e a pesquisadora. Cada professor foi solicitado a responder um questionário (ver APÊNDICE D), que visou conhecer o seu perfil e sua relação com o computador e a internet.

A escolha dos estudantes aconteceu nas duas escolas de modo similar. Inicialmente os professores indicaram as turmas utilizando como critério o bom comportamento, a maturidade e a responsabilidade. Assim escolhidas, agendei um horário com cada turma para explicar minha proposta de trabalho e, desse modo, conseguir voluntários para participar do bate papo virtual. Durante o encontro agendado, salientei que se tratava de uma pesquisa para o curso de mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e que os estudantes escolhidos deveriam conversar sobre o tema Orientação Sexual, através da internet, com estudantes de outra cidade. Deixei claro ainda os requisitos para a participação, conforme aparecem no capítulo 1.

Na escola de Florianópolis (E1 doravante) a escolha dos estudantes foi organizada e ágil. Rapidamente seis voluntários se apresentaram e eles mesmos denominaram quem seriam os três titulares e os três suplentes. Na escola de Curitiba (E2 doravante), por outro lado, a escolha foi um pouco complicada. Quatro estudantes se propuseram a participar sem problemas (três titulares e um suplente). Dois estudantes confirmaram a participação apenas

duas semanas mais tarde, pois necessitavam conversar previamente com os pais que deveriam autorizar ou não a participação dos filhos antes da confirmação final.

Todos os estudantes interagentes (titulares e suplentes) responderam a um questionário (ver APÊNDICE E), semelhante ao aplicado aos professores, que buscou conhecer o seu perfil, hábitos e opinião a respeito do computador e da internet. Este questionário foi preenchido antes do início dos encontros virtuais. Ao final dos encontros, conduzi uma entrevista semi-estruturada com cada estudante interagente, na própria sala de bate papo, visando coletar suas impressões e opiniões sobre a experiência vivida. Esta entrevista (ver APÊNDICE F), partiu de perguntas previamente delineadas pela pesquisadora, servindo de pontapé inicial para se aprofundar nas respostas dos entrevistados. Desta forma, foi possível reunir as respostas do questionário e da entrevista ao restante das conversas virtuais com a intenção de alcançar os objetivos desta pesquisa, isto é, entender como os conhecimentos e as crenças compartilhadas influenciam e se deixam influenciar no discurso verbal dos alunos; encontrar sinais de influência ou de apropriação do conteúdo estudado em aulas presenciais no discurso construído durante a interação dos alunos em um canal de conversa da internet; identificar sinais de aprendizagem colaborativa no espaço virtual; identificar o que cada interagente aprendeu com os colegas e avaliar a experiência com base na opinião dos próprios participantes.

Como já mencionado no capítulo 1, o programa IRC foi utilizado para a realização das conversas e o nome **#canaldeconversa** escolhido para a sala de bate-papo. O apelido ou *nick* usado pelos estudantes para entrar no **#canaldeconversa** foi livremente escolhido por eles. O quadro abaixo traz informações esquematizadas facilitando a identificação de cada estudante que participou da sala de bate papo.

	Estudantes	Nicks utilizados	Sexo
E1	Titular 1	JuHOliveira	Feminino
	Titular 2	ChAmBa``	Masculino
	Titular 3	LeItEnHoO	Masculino
	Suplente 2	ThILuZ	Masculino
E2	Titular 1	kaua	Masculino
	Titular 2	_MaJiNhA_	Feminino
	Titular 3	__Mila__	Feminino

Quadro 4 Estudantes interagentes do #canaldeconversa

A pesquisadora participou dos encontros usando o *nick* ^^CaRoLa^^.

3.2 Imprevisibilidades e Dificuldades de Operacionalização

A princípio, o bate papo virtual era para começar no início de agosto de 2003 (ver APÊNDICE B), mas devido a uma série de entraves os encontros foram iniciados somente na segunda semana do mês de setembro e finalizados em novembro de 2003 (ver APÊNDICE C). Portanto, o cronograma planejado não foi o vivenciado. Os entraves encontrados estão relacionados à própria dinâmica das escolas. A escola de Florianópolis inicialmente selecionada, e que havia se proposto a participar, criou uma série de dificuldades já em agosto de 2003: o professor de ciências nunca estava disponível a me receber, mesmo depois de ter concordado em participar da pesquisa. Além disso, as informações sobre o reinício das aulas e a disponibilidade da turma de 8ª série eram desconhecidas. No início o

professor dizia que ainda faltava escolher a turma. Logo após, ela já havia sido escolhida. E, finalmente, o momento em que não havia turma que se encaixasse na pesquisa. Diante desta problemática, fui obrigada a contatar uma outra escola.

Além disso, as atividades e eventos agendados no calendário da escola de Florianópolis e de Curitiba também prejudicaram o cronograma inicialmente planejado: de 25 a 29 de agosto de 2003, os alunos de Florianópolis participaram dos jogos interescolares e, de 1 a 5 de setembro de 2003, aconteceu, em Curitiba, a semana de ciências.

Cabe mencionar que, além dos adiamentos gerados pelas escolas, o andamento dos encontros virtuais foi afetado pelos pais de alguns estudantes interagentes. Em outras palavras, alguns estudantes deixaram de comparecer aos encontros virtuais previamente marcados, sem notificação prévia ao suplente/pesquisadora. Nessa circunstância, os encontros eram transferidos para outra data para que todos pudessem comparecer. Esta atitude me fez concluir que, apesar de os pais terem sido informados com antecedência e assinado um documento de autorização que explicava a importância da participação de seu filho nos encontros virtuais, alguns deles não pareceram considerar esses encontros com tanta seriedade.

3.3 A Coleta de Dados

No primeiro dia de bate papo estava determinado que os estudantes teriam meia hora para se conhecerem mas, por consenso, eles decidiram que isso aconteceria no decorrer dos encontros sem a necessidade de um tempo específico para isto. Durante as interações, os estudantes da E1 mostraram ter maior domínio operacional do computador, auxiliando os

estudantes da E2 na troca de *nick* e tirando dúvidas sobre o IRC. Com base nos questionários respondidos pelos estudantes, notou-se que os alunos da E2 não estavam familiarizados com as salas de bate papo do IRC, mas de um outro programa (ICQ)¹⁹, que apresenta algumas diferenças com relação ao primeiro.

Na maioria das vezes, os estudantes da E2 mostraram pouca iniciativa para contribuir com informações ou para iniciar conversas com os outros interagentes. Em geral, concordavam sem maiores comentários. Pode-se verificar isso no número menor de falas em relação aos alunos da E1, que contribuíram com a maior parte das informações e, geralmente, tomavam a iniciativa de iniciar as conversas. Provavelmente esse fato se deva a fatores específicos como a formação familiar e escolar mais rígidas.

Nos dois últimos encontros virtuais todos os estudantes prepararam uma lista sobre o que de importante poderiam dizer aos jovens sobre sexualidade. As contribuições basearam-se nos assuntos que haviam sido discutidos na sala de bate papo. Inicialmente o grupo decidiu por um documento impresso e distribuído nas duas escolas; entretanto, como era final do ano letivo, ficou combinado que o material impresso seria colocado num mural na entrada das duas escolas. Um aluno de cada escola ficaria encarregado desta tarefa. A análise das discussões sobre a realização do trabalho conjunto é conduzida no capítulo 4.

Foram considerados como material de análise os diálogos virtuais realizados pelos estudantes no canal de conversa, os dados coletados no questionário sobre o seu perfil (ver APÊNDICE E) e o questionário sobre o perfil dos professores-colaboradores (ver APÊNDICE D). Os dados da entrevista realizada com cada estudante interagente no final dos encontros completa o corpus desta pesquisa (ver APÊNDICE F).

¹⁹ “[Ing. Forma reduzida, baseada na fonética da expressão I seek you] (Eu procuro você). Programa para bate-papo virtual, que avisa ao usuário, em tempo real, quando seus interlocutores estão conectados à rede. Além do bate-papo, dispõe dos recursos de correio eletrônico e troca de arquivos. Executado em segundo plano permite o uso de outras aplicações.” (ICQ. In: DICIONÁRIO de Informática DicWeb. [S.l.]: Copyright, 2001. CD-ROM).

As trocas conversacionais virtuais foram analisadas dentro de uma perspectiva exploratória e em dois momentos distintos: antes e depois da intervenção do professor-colaborador, que ministrou uma aula de aproximadamente uma hora de duração sobre o tema orientação sexual. O objetivo foi encontrar sinais de influência ou apropriação do conteúdo estudado presencialmente nas falas virtuais dos estudantes.

Com base na análise das conversações, as seguintes perguntas visam ser respondidas no capítulo 4:

- 1) Que tipo de informação os alunos compartilham sobre a sexualidade num canal de conversa informal e qual a influência da escola nesta mediação?;
- 2) Como a sexualidade é tratada entre os interagentes (nível de profundidade, seriedade e relevância)?;
- 3) Como as máximas ou os princípios comunicacionais cooperativos manifestam-se, ou não, no discurso escrito dos interagentes?;
- 4) Como os estudantes avaliam as interações virtuais?

A análise a ser conduzida apóia-se nos textos escritos pelos interagentes, no que é dito e implicado.

Os dados da entrevista e do questionário sobre o perfil dos estudantes permitirão conhecer as (pré)concepções de aprendizagem pelo computador, particularmente através dos *chats*, as influências dos conhecimentos e crenças compartilhados entre os interagentes e entre o professor e os estudantes, e o posicionamento dos estudantes com relação à experiência vivida e à proposta de torná-la uma metodologia de trabalho que possa complementar a aprendizagem presencial. Por outro lado, os dados do questionário sobre o perfil dos professores-colaboradores possibilitarão conhecer as suas concepções de aprendizagem pelo computador e o seu posicionamento quanto à aproximação dos espaços de aprendizagem virtual (CMC) e presencial (sala de aula) na tentativa de interlocução e complementação do

ensino do professor. Além disso, com os dados dos questionários (para os interagentes e professores-colaboradores) será possível traçar um perfil geral de todos os participantes com relação ao uso do computador em suas vidas.

3.4 Perfil dos Professores-Colaboradores

O professor da escola de Florianópolis (P1) leciona a disciplina Educação e Sexualidade para alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental e para alunos do Ensino Médio. É do sexo feminino e tem 46 anos de idade, dos quais 26 anos têm sido dedicados ao magistério. Ela costuma acessar a internet todos os dias, de 10 a 12 horas por semana, para realizar pesquisas para o curso de mestrado, no qual está matriculada, e para a leitura de e-mails.

Na E1, construiu com os alunos um sítio relacionado à sexualidade humana e, algumas vezes, costuma incentivá-los a pesquisar sobre assuntos debatidos em sala de aula. Entretanto, pouco utiliza o laboratório de informática da escola, pois faltam horários disponíveis que, nem sempre, coincidem com os seus.

P1 diz acreditar no potencial do computador/internet na aprendizagem dos alunos, mas, para que os efeitos sejam significativos, ela considera importante o planejamento da atividade, a definição clara dos objetivos e da proposta de trabalho. Seu posicionamento mostra a seriedade com que ela encara o trabalho pedagógico voltado para a internet.

Quando questionada sobre a possibilidade dos alunos aprofundarem assuntos já vistos em aula em um bate papo na internet, com outros de sua idade e de escolas diferentes, P1 comenta: “Depende de como será conduzido o bate-papo, ou a proposta do bate-papo.

Mas penso que poderiam, sem dúvida alguma, trocar experiências de aprendizagem muito ricas.” Inversamente, ela acredita que essas conversas poderiam contribuir para as aulas presenciais funcionando como um espaço para a reflexão e o esclarecimento de dúvidas e questionamentos sobre os assuntos discutidos virtualmente entre os estudantes.

O professor da escola de Curitiba (P2) leciona a disciplina de Ciências e é coordenador de área da 3ª a 8ª série. Trabalha na E2 há 11 anos. É do sexo masculino e tem 33 anos de idade.

Diariamente utiliza o computador/internet em casa, permanecendo mais de 12 horas por semana na rede. Acessa a internet para fazer pesquisas, compras, produzir materiais de ensino e divertir-se. Com os alunos costuma utilizar os computadores/internet da escola para realizar provas, exercícios e pesquisas.

Nas extensões de sala de aula, P2 propõe o uso do computador para a realização de pesquisas. Quanto aos efeitos do uso do computador/internet na aprendizagem dos alunos, ele alerta sobre a confiabilidade das informações disponibilizadas no meio virtual: “Atua como mais uma ferramenta, porém com muitos cuidados por possuir muitos erros didáticos.”

Segundo P2, a aprendizagem em uma sala de bate papo da internet sobre assuntos já vistos em aula, bem como a contribuição das conversas virtuais para as aulas presenciais dependem do “conteúdo e do moderador do grupo”. É possível sugerir que, na opinião de P2, a sala de bate papo é um local de conversas informais e pouco sérias, daí sua preocupação com a validade do conteúdo a ser discutido no *chat* para a aprendizagem presencial dos alunos. A mesma preocupação recai no moderador do grupo que deve resgatar o teor um pouco mais acadêmico dessas conversas.

3.5 Perfil dos Estudantes

Os estudantes que participaram desta pesquisa cursavam a 8ª série do Ensino Fundamental, três meninas e quatro meninos. Dos quatro meninos, um deles participou como suplente em um único encontro.

Os estudantes **JuHOliveira**, **ChAmBa`**, **LeltEnHoO** e **ThILuZ** estudam em Florianópolis na E1, que atende alunos de nível sócio-econômico médio e alto. A escola possui aproximadamente 5 mil alunos e oferece Educação Infantil (0 a 6 anos), Ensino Fundamental (1ª a 8ª série), Ensino Médio, Terceirão e Educação Especial. Enquadra-se em uma proposta de ensino mais tradicional e possui formação católica. A escola dispõe de uma orientadora sexual que trabalha especificamente este tema em aulas mensais, bimestrais ou semestrais.

Os estudantes **kaua**, **_MaJiNhA_** e **__Mila__** estudam em Curitiba, na E2. A escola possui aproximadamente 870 alunos que provém de famílias de nível sócio-econômico alto. Oferece apenas o Ensino Fundamental da 1ª a 8ª série. A proposta pedagógica adotada tem base construtivista e a escola não segue uma orientação religiosa específica. Há trabalhos interdisciplinares com relação ao tema sexualidade ou orientação sexual. Os professores de todas as disciplinas procuram trabalhar o assunto simultaneamente. Normalmente o tema é discutido em todas as séries, respeitando a idade e a maturidade dos alunos. Quando uma turma se interessa em aprofundar o assunto, a escola/professor providencia palestras e trabalhos de pesquisa. É interessante mencionar que, no momento da coleta de dados, a escola estava desenvolvendo um trabalho sobre sexualidade com as turmas de 7ª série, que envolveu a participação dos professores de todas as matérias.

3.5.1 Os Estudantes de Florianópolis

JuHOliveira tem 15 anos e é do sexo feminino. A mais falante e a responsável por dar início a maior parte dos diálogos. Em todos os encontros conectou-se do computador de casa. Cabe mencionar que, durante os encontros virtuais, o local de acesso à sala de bate papo variou, pois alguns interagentes acessaram-na do laboratório de informática da escola e outros do computador de casa.

Com base nos dados do questionário, **JuHOliveira** usa diariamente a internet em casa ou na casa de amigos para participar de salas de bate-papo, para ler e responder e-mails e para baixar músicas, somando mais de 12 horas por semana conectada. Para ela, o computador é mais uma forma de lazer e, na vida das pessoas, possibilita o acesso a informações.

JuHOliveira afirma que, na escola, praticamente todas as disciplinas propõem o uso do computador/internet para a aprendizagem da matéria. Para ela, não há pontos negativos com relação ao uso desse tipo de tecnologia e explica que a vantagem está em aprender a “fazer coisas novas, como sites...”. Acrescenta ainda que os professores devem continuar utilizando o computador/internet como proposta de trabalho pedagógico, pois auxilia na aprendizagem dos alunos.

Além disso, na opinião de **JuHOliveira**, participar de salas de bate papo é muito interessante devido à possibilidade de conhecer novas pessoas e realidades. Ela acredita que a aprendizagem nesses espaços depende do propósito da pessoa. Particularmente, o seu objetivo ao acessar salas de bate papo é conhecer pessoas e conversar com os seus amigos. **JuHOliveira** comenta que o aprendizado em uma sala de bate papo da internet, sobre

assuntos já vistos em aula, “vem de cada um, cada pessoa tem seu ponto de vista quanto à internet”, querendo dizer que a aprendizagem difere de indivíduo para indivíduo. Para ela, as conversas virtuais ajudam a entender o modo de vida e a realidade de cada um. **JuHOliveira** ainda acrescenta que nem todos os assuntos discutidos na sala de bate papo virtual são apropriados para serem compartilhados na sala de aula presencial.

ChAmBa`` é do sexo masculino e tem 13 anos. Possui computador conectado à internet e utiliza, também, o da escola e o da casa de amigos. Seu período de permanência na internet é de 8 a 10 horas por semana. Geralmente, conecta-se para fazer pesquisa escolar, participar de salas de bate-papo, ler e responder e-mails ou encontrar sítios interessantes. Entretanto, dá preferência por navegar em sítios que oferecem informações atualizadas sobre filmes e games e por ficar batendo papo na internet.

Para **ChAmBa``**, o computador facilita a vida do homem economizando seu tempo em tarefas como em transações bancárias que podem ser feitas em casa pela internet. Em sua opinião, o computador também auxilia na realização de trabalhos escolares. Ele nos alerta, contudo, quanto ao uso excessivo do computador/internet, pois ele “substitui muito o encontro pessoal” e o contato com outras atividades sociais e de conhecimento.

Assim como **JuHOliveira** ele afirma que praticamente todas as disciplinas propõem o uso do computador/internet para auxiliar no aprendizado da matéria e dá exemplos das atividades propostas pelos professores: a construção de sítios e a realização de pesquisas.

Quanto à aprendizagem pelo computador/internet, **ChAmBa``** aponta aspectos positivos e negativos. Como aspecto positivo, ele comenta: “Nós aprendemos mais, matamos aulas, saímos um pouco do ambiente de sala de aula, etc...”. Nota-se que realizar atividades no computador implica sair da rotina e desviar-se do propósito da aula, ou seja, em alguns momentos poder navegar por sítios diferentes daqueles sugeridos pelo professor, o que explica talvez o uso de “matamos aula”. Como aspecto negativo, ele salienta que

“os computadores são meio que ultrapassados”, referindo-se aos computadores da escola que acabam sendo mais vagarosos e passíveis de problemas técnicos devido à sua pouca capacidade de memória e outras questões. Apesar disso, **ChAmBa** admite: “está bom do jeito que está, pois a internet foi feita para pesquisa, e é exatamente isso que os professores mandam fazer”.

Para **ChAmBa**, participar de uma sala de bate papo é uma atividade “legal”, pois sente-se livre para se expressar e com mais “coragem para falar sobre certos assuntos”. Ele considera que numa sala de bate papo podemos aprender assuntos da atualidade ou questões técnicas do próprio computador. Diz ainda que participar de conversas virtuais com outros da mesma idade e de escolas diferentes, com a intenção de discutir um determinado assunto trabalhado em aula, pode significar uma boa experiência de aprendizagem, que facilitaria o esclarecimento de dúvidas e de possíveis pensamentos equivocados. Seria especificamente uma maneira de buscar o entendimento, refletindo sobre os assuntos discutidos presencialmente.

Quanto a compartilhar com o professor e colegas de sala de aula assuntos discutidos na sala de bate papo virtual, **ChAmBa** afirma não sentir-se muito a vontade quando o assunto é sexualidade, por exemplo. Neste caso, “Seria melhor podermos nos esclarecer indiretamente, sem por nosso nome no meio”. Observa-se que o anonimato parece ser um aspecto importante quando assuntos delicados são discutidos e aprofundados no ambiente escolar.

LeItEnHoO é do sexo masculino e tem 14 anos de idade. Possui computador e internet em casa e se conecta todos os dias, permanecendo por mais de 12 horas por semana. Quando está conectado, dedica-se a fazer pesquisa escolar, participar de salas de bate-papo, ouvir músicas e jogar em sítios específicos. Dentre essas atividades, prefere entrar no mIRC e conversar com os amigos.

Para ele, o computador é importante em sua vida pois, além de facilitar a execução de trabalhos escolares, é fonte de lazer.

Da mesma forma que **JuHOliveira** e **ChAmBa``**, **LeItEnHoO** também afirma que todas as disciplinas da E1 propõem atividades com o uso do computador/internet para a realização de pesquisas e trabalhos. Na sua opinião, este tipo de atividade é prazerosa (“Eu gosto”), pois pode ser feita em casa e melhora a aprendizagem do estudante. Ele não vê aspectos negativos quanto ao uso do computador/internet auxiliando na aprendizagem escolar. **LeItEnHoO** ainda sugere que “os textos teóricos poderiam todos ser digitados e arquivados em um computador, substituindo o antigo método de cópia do quadro”. Percebe-se a questão da praticidade assumindo o lugar do esforço humano, ou seja, o esforço da cópia pode ser substituído pela facilidade de se obter um texto já digitado e “pronto para ler”.

Como já participou várias vezes em salas de bate papo do mIRC, **LeItEnHoO** acredita que o potencial de aprendizagem desses espaços está na troca de experiências e na possibilidade de aprender mutuamente, “Porém, às vezes, coisas inúteis”. Com base nesse comentário, podemos entender que, algumas vezes, a sala de bate papo pode ser um lugar de assuntos banais e pouco sérios.

Quanto à proposta de participar de uma sala de bate papo na internet, para falar sobre assuntos escolares, já tratados em sala de aula presencial, **LeItEnHoO** salienta que, através da sala de bate papo, é possível auxiliar estudantes de séries anteriores. Embora afirme que as conversas, em geral, não lhe acrescentam, ele acredita que a aprendizagem nesse ambiente comunicacional pode acontecer.

Sobre compartilhar essas conversas com o professor e colegas de classe, ele comenta que “depende do assunto que foi conversado. Pois às vezes, falamos coisas íntimas”. É possível concluir que tanto **LeItEnHoO** como **ChAmBa``** ficariam constrangidos se

tivessem que trazer questões “íntimas” e “mais delicadas” para a discussão em ambiente presencial.

ThILuZ tem 14 anos de idade e foi o único suplente a participar. Além de utilizar o computador de casa, usa também o da escola, o da casa de amigos, em Lan Houses e Cyber cafés. Costuma acessar a rede três dias por semana, “6ª, sábado e domingo”, totalizando 10 a 12 horas por semana, para fazer pesquisa escolar, participar de salas de bate-papo, ler e responder e-mails e baixar músicas. O que mais gosta de fazer quando está conectado à internet é “bater-papo pelo ‘mirc’”, entrar em sítios de filmes e revistas, ouvir músicas em “rádios virtuais”, baixar jogos e programas e se divertir em jogos *online*.

Na visão de **ThILuZ**, o computador é um bem quase que indispensável na vida das pessoas e na sua própria vida devido ao seu potencial informativo: “Hoje em dia é difícil viver sem, temos que nos interligar e nos informar”.

Na escola, segundo **ThILuZ**, os professores propõem aos alunos a utilização do computador/internet para produzir sítios com base no assunto da aula, responder questionários com o auxílio da internet e fazer logotipos. Na sua opinião, as atividades que utilizam o computador/internet durante as aulas têm seu lado positivo e negativo. Como lado positivo, ele afirma que essas atividades transformam o aprendizado em algo bem mais interessante, diferente da mesmice das aulas presenciais no geral. Para ele, assim como **ChAmBa**`, a utilização do computador/internet é uma maneira de mudar a rotina da sala de aula. O lado negativo, segundo ele, são as informações que, às vezes, “podem não ser muito seguras”, colocando em dúvida a veracidade e a credibilidade das informações que a internet apresenta.

ThILuZ já participou de salas de bate papo e diz gostar de conversar com seus colegas, mas acrescenta que essas conversas não podem substituir o encontro pessoal. Além disso, quando questionado sobre alguma possível sugestão de como o computador poderia ser usado pelo professor para auxiliar na aprendizagem, ele faz a seguinte afirmação:

“É um meio dinâmico de aprender, mas os chat’s não são muito úteis ao aprendizado, acho que só as pesquisas são eficazes.”

ThILuZ justifica o pouco valor das salas de bate papo para a aprendizagem, dizendo: “Acho que nessas salas não se aprende muito, em termos de conteúdo, mas acrescenta na convivência”. Seu comentário sugere a natureza e o objetivo deste ambiente comunicacional, isto é, um ambiente voltado para assuntos/conteúdos pessoais, informais, pouco instrutivos (“não se aprende muito em termos de conteúdo”), como também sugerem **JuHOliveira** (“eu entro pra conhecer e falar mais com os meus amigos”) e **LelItEnHoO** (“Podem trocar experiências, e assim, aprender um com o outro. Porém, às vezes, coisas inúteis”). Se, por um lado, **JuHOliveira** e **LelItEnHoO** parecem acreditar na possibilidade da sala de bate papo tornar-se um local de aprendizagem significativa, **ThILuZ**, por outro lado, prefere apostar no bate papo presencial. Mesmo sendo questionado sobre a possibilidade de um bate papo virtual sobre assuntos tratados em aula, o que pressuporia a discussão de questões mais formais, **ThILuZ** afirma ser esta proposta uma atividade que poderia ajudar, mas que o presencial supera o virtual (“mas não é tudo, pois nada substitui uma conversa real”).

Quanto a compartilhar em sala de aula os assuntos discutidos virtualmente, ele se posiciona favorável, dizendo: “A idéia é legal, mas é estranho ficar sendo ‘vigiado’ todo tempo”. A expressão “vigiado todo tempo” pode estar relacionada a uma certa pressão de professores e colegas sobre o que fora discutido na sala virtual, o que pode trazer um certo desconforto para o aluno relator. Assim como **ThILuZ**, **LelItEnHoO** e **ChAmBa`** também se sentem desconfortáveis ou acanhados ao discutir certos assuntos na presença do professor e colegas. Ao contrário do meio virtual, que protegidos pelo anonimato, podem se manifestar sem censura.

3.5.2 Os Estudantes de Curitiba

O **kaua** tem 14 anos e é do sexo masculino. Foi sempre assíduo no #canaldeconversa e se mostrou muito prestativo e responsável. Apesar de possuir computador conectado à internet, é, de todos, o que menos utiliza: 2 a 4 horas por semana. Quando acessa a internet, entra para fazer pesquisa escolar, baixar músicas, encontrar sítios interessantes e ler matérias esportivas, pois gosta de ver/ler sobre basquete.

Em sua opinião, o computador é importante na vida das pessoas e na sua própria vida, pois ajuda a “ficar ‘integrado’ com a sociedade, ou seja, ficar atualizado”.

Na escola as disciplinas que utilizam o computador/internet são, segundo ele, Geografia, História, Português e Ciências. Os professores dessas disciplinas propõem pesquisas sobre os assuntos trabalhados em sala de aula e exercícios que são respondidos no computador. Essas atividades, em sua opinião, estimulam a aprendizagem. Ele ainda acrescenta que os professores devem continuar propondo o uso dessa tecnologia para a realização de pesquisas.

Kaua já participou de salas de bate papo e, na opinião, elas representam a possibilidade de “conhecer várias pessoas”. Quanto ao seu potencial para a aprendizagem, ele comenta que “numa sala de bate-papo todos vão para se ‘divertir’ e não para aprender. A não ser que o bate-papo seja específico para isso”. Nota-se que, para **kaua**, a diversão e a aprendizagem são coisas distintas e que não se misturam. O mesmo parece acontecer nas concepções de **ThILuZ**, que considera os *chats* uma forma de entretenimento em que não se aprende muito em termos de conteúdo.

Como proposta pedagógica, **kaua** considera o ambiente virtual “arriscado” para a aprendizagem. Em suas próprias palavras: “só que podemos correr o risco de que mintam (ou errem) sobre o assunto”; portanto, não parece ser um local confiável segundo ele. Apesar disso, considera que a interação neste ambiente possibilita aos estudantes tirarem dúvidas entre si.

Para **kaua**, compartilhar o assunto discutido na sala virtual com o professor e colegas de classe traria mais segurança: “Seria bom. Afinal poderíamos ter a certeza de que tudo que aprendemos é verdade”. Com base em sua afirmação, a sala de aula convencional continua sendo o local do conhecimento confiável, talvez pela presença do professor, tido como autoridade e mediador do saber. Sugere-se também que, ainda hoje, alguns alunos não se sentem seguros o suficiente para confiar nas informações do ambiente virtual. Da mesma forma, **ThILuZ** considera as informações disponíveis na internet não muito seguras e que os *chats* não podem substituir o encontro pessoal. Neste sentido, a sala de aula tradicional, em que o professor apresenta e discute o conteúdo com os alunos, ainda é vista como a forma mais segura de aprendizagem.

A **_MaJiNhA_** tem 14 anos e participou do #canaldeconversa conectada de casa; entretanto, às vezes, conectava-se do computador da escola. Costuma utilizar a internet na sexta, sábado e domingo, permanecendo mais de 12 horas por semana *online*. Acessa a internet, na maioria das vezes, para “ler e-mails icq, mirc, blogs...”, contudo, o que mais gosta de fazer é conversar através do ICQ e do mIRC.

Para ela, a maioria das pessoas tornou-se dependente das possibilidades e facilidades que o computador/internet dispõe. A importância do computador/internet em sua vida, além de auxiliar em pesquisas escolares, está na possibilidade de interagir com pessoas que não fazem parte do seu convívio diário.

MaJiNhA comenta que as disciplinas de História, Geografia, Ciências e Física utilizam o computador e a internet para propor trabalhos escritos e orais. Provavelmente, ela esteja se referindo a trabalhos de pesquisa e a sua apresentação em sala de aula. Em sua opinião, esses trabalhos são motivadores e facilitam o aprendizado.

Participar em salas de bate papo, na opinião da _MaJiNhA_, é “legal”, pois tem a chance de conhecer pessoas interessantes. É um ambiente, segundo ela, mais pessoal, não muito propício para a aprendizagem (“nada que chame interesse de aprendizagem”), seguindo a opinião de seu colega de turma, **kaua**.

Quando questionada sobre a possibilidade de bater papo virtual sobre assuntos já tratados em aula, com estudantes da mesma idade e de escolas diferentes, ela se posicionou favorável à experiência, comentando: “assim foge da coisa de futilidade”. Novamente, observa-se a concepção de certos usuários de *chat* sobre o valor do que é discutido neste ambiente. Quando, entretanto, este ambiente torna-se uma proposta pedagógica, o valor das conversas pode ser maximizado. _MaJiNhA_ ainda complementa dizendo que essas conversas ajudariam em sua aprendizagem presencial, tornando as aulas mais interessantes.

E, ao compartilhar em sala de aula os assuntos discutidos *online*, _MaJiNhA_ afirma ser interessante a experiência, possibilitando aos estudantes tirar dúvidas surgidas na conversa virtual.

__Mila__ é do sexo feminino e tem 13 anos. Além de usar o computador de casa, utiliza também o da clínica em que sua mãe trabalha. Acessa a internet todos os dias, de 10 a 12 horas por semana, para fazer pesquisa escolar, ler e responder e-mails, baixar músicas e conversar no ICQ. O que ela mais gosta de fazer quando está conectada é bater papo no ICQ e ler e-mails.

Para ela, “muitas pessoas estudam e trabalham a partir do computador”. Desta forma, ela reconhece, assim como a _MaJiNhA_, a dependência que muitas pessoas

têm com relação ao computador/internet. Em sua vida, o computador é importante, pois possibilita comunicar-se com pessoas fora do seu convívio diário.

Na E2, escola onde estuda, as disciplinas de História, Geografia e Ciências propõem atividades de pesquisa na internet. Ela avalia essas atividades como interessantes, “pois estimula[m] mais a pesquisar e aprender”. É ainda categórica ao afirmar: “porque se for escolher entre pesquisar em livros ou na internet, obviamente vou escolher a internet”. Seu fascínio pelo computador/internet parece estar no seu potencial de oferecer inúmeras informações e caminhos diversos para consegui-las.

Para **Mila**, a sala de bate papo não é um lugar de aprendizagem, “pois é mais coisa sobre mim, e não de assuntos em geral”. A mesma opinião é compartilhada por **MaJiNhA** (“é mais coisa pessoal, nada que chame interesse de aprendizagem”) e **kaua** (“Numa sala de bate papo todos vão para se ‘divertir’ e não para aprender”). Entretanto, **Mila** diz que aprenderia conversando numa sala de bate papo da internet sobre assuntos já vistos em aula, com outros da mesma idade e de escolas diferentes, considerando a mudança de foco, isto é, “das conversas mais pessoais” para diálogos que exijam maior reflexão e seriedade sobre o assunto. Segundo ela, essas conversas ajudariam ampliando a sua perspectiva a partir de opiniões diferentes.

Quanto a compartilhar com o professor e os colegas de classe os assuntos discutidos no meio virtual, **Mila**, da mesma forma que **MaJiNhA**, afirma ser interessante e comenta a possibilidade de esclarecer presencialmente possíveis dúvidas suas e de seus colegas surgidas nas conversas virtuais.

3.6 Panorama Geral dos Estudantes

Faço a seguir uma análise geral, com base nos dados do questionário respondido não somente pelos estudantes que participaram do bate papo virtual, mas por todos aqueles selecionados para participar desta pesquisa, isto é, doze alunos, três titulares e três suplentes de cada escola. O objetivo é compreender melhor as concepções destes estudantes com relação ao computador/internet. Os estudantes selecionados formam um grupo de seis meninas e seis meninos, com idade entre 13 e 15 anos, que cursam a oitava série do Ensino Fundamental.

Os dados mostram a grande afinidade dos alunos com o computador. Além do computador de casa, a grande maioria também utiliza em casas de colegas e na escola. A média de tempo que permanecem conectados é acima de 10 horas semanais. As principais atividades a que se dedicam neste meio são: realização de pesquisa escolar; participação em salas de bate papo do mIRC ou do ICQ preferencialmente; responder e-mails, e baixar músicas.

Todos afirmaram já ter participado de salas de bate papo e, a grande maioria considera a experiência interessante devido à possibilidade de conhecer novas pessoas e de conversar com seus amigos. Contudo, alguns salientam duas questões interessantes: a relação entre o presencial e o virtual (“isso [chat] não pode substituir o encontro pessoal”, grifo do autor) e o anonimato no ambiente virtual (“poderia fazer o que quiser que não teria problema, eu tomo mais coragem para falar sobre certos assuntos”). Quanto a este último aspecto, pode-se dizer que o bate papo virtual tem um grande potencial para tornar-se um ambiente favorável para a discussão de assuntos escolares considerados “delicados”. Há estudantes que se sentem mais à vontade para discutir certos assuntos sem a necessidade de ser identificado.

Por outro lado, a valorização do contato presencial confirma a importância das relações face a face como uma maneira de dar mais segurança ao que é discutido no ambiente virtual. Essas duas perspectivas são melhor abordadas adiante.

Quanto ao potencial de aprendizagem de uma sala de bate papo, observamos que, entre os seis estudantes da E1, dois demonstraram ter dúvidas quanto ao quê exatamente pode ser aprendido neste ambiente. Os outros quatro consideraram a aprendizagem possível neste local. Por outro lado, quase todos os estudantes da E2 (exceto um) mostraram-se descrentes quanto à possibilidade de aprendizagem em uma sala de bate papo, pois, para eles, o *chat* é um espaço que não transmite segurança sobre a veracidade do que é dito, além de ser um lugar para a discussão de questões mais íntimas e pessoais e para a diversão. Em suma, sete dentre os doze estudantes não acreditam no potencial do *chat* como espaço para o aprendizado. No quadro abaixo, podemos observar algumas opiniões dos estudantes a este respeito.

Potencial positivo dos chats	Potencial negativo dos chats
“Sim, depende com que propósito a pessoa entra. Eu entro para conhecer e falar mais com os meus amigos”	“Não. Numa sala de bate papo todos vão para se ‘divertir’ e não para aprender. A não ser que o bate-papo seja específico para isso ”
“Claro, podem aprender outras curiosidades de outros países e etc.”	“na minha opinião eu acho que de útil não se aprende nada. Não tenho a mínima idéia do que elas podem aprender, talvez, é sei lá”
“Sim aprendemos como é em outros lugares”	“Acho que não, pois é mais coisa sobre mim, e não de assuntos em geral”
“Bem, a única coisa que podem aprender é sobre qual assunto da atualidade e como se usa o pc”	“Acho que nessas salas não se aprende muito, em termos de conteúdo, mas acrescenta na convivência”
“sim. Podem trocar experiências, e assim, aprender um com o outro. Porém, as vezes, coisas inúteis ”	“Acho que não, é mais coisa pessoal, nada que chame interesse de aprendizagem.”

Quadro 5 Algumas respostas dos estudantes à pergunta: “Você acha que as pessoas aprendem algo em uma sala de bate papo?”

Com base nos posicionamentos negativos, nota-se uma dicotomia entre aprender x divertir-se, aprender x assuntos pessoais, aprender x mentira como processos que não se misturam. A concepção de aprender, portanto, não perpassa questões pessoais, a diversão e a mentira, para esses alunos. Ao contrário, “aprender”, em sua concepção, envolve assuntos sobre terceiros, questões sérias e a “verdade”. Portanto, pouco ou nada se aprende numa sala de bate papo, exceto se criada com o objetivo de “aprender em determinado assunto”. Percebemos também que não há um padrão de pensamento entre os estudantes da E1, que deram maior credibilidade à utilização dos *chats* para fins pedagógicos, e os da E2 que, ao contrário, mostraram-se mais receosos a esse respeito. Apesar disso, a maioria dos estudantes associa a idéia do *chat* a um espaço para a diversão e conversas mais pessoais.

Ainda com relação ao potencial dos *chats* para a aprendizagem, os estudantes foram questionados sobre se aprenderiam algo se participassem de uma sala de bate papo entre estudantes da mesma idade e de escolas diferentes sobre um assunto já visto em sala de aula. Todos se posicionaram satisfatoriamente, exceto um estudante: “sou contra isso pois se eu pudesse fala com outras pessoas não falaria sobre a aula”. Alguns, no entanto, mostraram-se um pouco inseguros quanto à veracidade das informações (“Só que podemos correr o risco de que mintam (ou errem) sobre o assunto”) e ao propósito dos interagentes (“acho que vem de cada um”). Mas, em geral, os próprios jovens comentaram que esta experiência poderia contribuir para o debate de assuntos polêmicos, para a troca de experiências, para o esclarecimento de possíveis dúvidas e, ainda, para o aprendizado de estudantes de séries anteriores a sua.

Quanto a compartilhar o que fora discutido na sala virtual com o professor e colegas de classe, a opinião da maioria dos alunos foi um tanto cautelosa. Os da E1, consideram os assuntos discutidos virtualmente mais pessoais, dificultando a exposição dos mesmos para o professor e os colegas. Os da E2 acatam a idéia sem receio, pois, discutir

presencialmente o que fora conversado no meio virtual torna possível o esclarecimento de dúvidas surgidas no meio virtual, a confirmação sobre a veracidade das informações compartilhadas e o aprendizado.

Em geral, nas duas escolas há propostas de utilização do computador/internet para auxiliar na aprendizagem do conteúdo instrucional. Como atividade principal, os professores da E1 e E2 propõem trabalho de pesquisa. Na opinião de todos os estudantes deste estudo, este tipo de atividade facilita o aprendizado da matéria (“se aprende mais”; “A gente aprende melhor”) e traz motivação (“É legal pois não precisa ficar na escola escrevendo”; “é divertido mexer com a internet”; “É interessante pois estimula mais a pesquisar e aprender, porque se for escolher entre pesquisar em livros ou na internet, obviamente vou escolher a internet”). Algumas questões, no entanto, foram levantadas com relação à confiabilidade e à precisão das informações neste meio (“As informações da internet podem não ser muito seguras”), o tempo destinado à realização de uma atividade *online* (“Quando está chato, a aula parece muito longa”; “Não ter na escola mais tempo pra ficar no computador”) e a defasagem técnica dos equipamentos (“os computadores são meio que ultrapassados”).

A título de sugestão de atividades que poderiam ser desenvolvidas pelo professor com o auxílio do computador, os estudantes citam a utilização do PowerPoint nas aulas e a realização de provas e exercícios no próprio computador. Para esses alunos, a tecnologia é vista como um recurso de substituição do **antigo** pelo **novo**, ou seja, do quadro de giz e caderno pelo computador (Suplente 3 - E1): “Acho que alguns estudos poderiam ser feitos pelo computador”; **LeItEnHoO**: “Os textos teóricos poderiam ser digitados e arquivados em um computador, substituindo o antigo método de cópia do quadro”; (Suplente 3 - E2): “fazer teste no PC e utilizar Power Point para dar aula”; (Suplente 2 - E2): “Exercícios no computador”) e dos livros pela internet (Suplente 1 - E1): “ele [professor] poderia baixar conteúdos da internet para auxiliar nos trabalhos”).

Concluindo, o computador parece unir duas das atividades diretamente relacionadas à vida desses jovens: a aprendizagem escolar e a diversão e o lazer. Parece possível, portanto, unir a aprendizagem e a diversão, buscando construir conhecimentos formais através de uma atividade prazerosa, como o *chat*, por exemplo. O *chat* é considerado pelos estudantes desta pesquisa um ambiente “legal”, “divertido”, com assuntos de natureza “pessoal” e com potencial para ser um ambiente de aprendizagem de assuntos escolares. O computador/internet é ainda considerado um recurso didático-pedagógico que facilita a aquisição dos conhecimentos, melhora o aprendizado (**LeItEnHoO**), auxilia na aprendizagem (**JuHOliveira**) e torna as aulas mais interessantes e dinâmicas (**ThILuZ**).

4 ANÁLISE DAS CONVERSACÕES

Este capítulo analisa, numa perspectiva exploratória, as conversas virtuais, que tratam das discussões e reflexões dos estudantes sobre sexualidade. Essas conversas são ainda analisadas a partir do modelo teórico do uso da linguagem, desenvolvido por Grice (1975), que propõe alguns princípios cooperativos e a noção de implicatura. E, para finalizar, este capítulo traz a avaliação da experiência vivida pelos alunos, com base em suas respostas a uma entrevista semi-estruturada (ver APÊNDICE F), respondida virtualmente no final de todo o processo de interação.

Os dados são discutidos a luz das perguntas de pesquisa apresentadas no capítulo 1 e retomadas aqui:

- 1) Que tipo de informação os alunos compartilham sobre a sexualidade num canal de conversa informal e qual a influência da escola nesta mediação?;
- 2) Como a sexualidade é tratada entre os interagentes (nível de profundidade, seriedade e relevância)?;
- 3) Como as máximas ou os princípios comunicacionais cooperativos manifestam-se, ou não, no discurso escrito dos interagentes?;
- 4) Como os estudantes avaliam as interações virtuais?

Cada um desses questionamentos será abordado nas seções adiante.

4.1 Assuntos Discutidos Antes e Depois da Intervenção Escolar

4.1.1 Antes

No início do processo de interação, os estudantes mostraram uma certa dificuldade em iniciar os diálogos. Mas, a partir do segundo encontro, suas opiniões e pensamentos começaram a fluir normalmente. No primeiro dia de interação, em que cada um deveria definir o que entendia por orientação sexual ou sexualidade, o assunto demorou um pouco para ser estruturado e definido por eles, como mostra o fragmento abaixo²⁰:

- 1 <JuHOliveira> hMMM...
- 2 <JuHOliveira> leiTenHoo
- 3 <leiTenHoo> n sei
- 4 <leiTenHoo> ...hÜâiHüÅhÜâiHüÅhÜâiHüÅ...
- 5 <JuHOliveira> coloque sua experiencia
- 6 <JuHOliveira> :X~
- 7 <JuHOliveira> hahahaha
- 8 <leiTenHoo> =X
- 9 <JuHOliveira> ^^CaRoLA^^ como assim!?
- 10 * leiTenHoo cuRtiNdo: capital inicial - Quatro Vezes Voc.mp3 (t7DS:
128/44/04:30)
- 11 <JuHOliveira> existem várias formas de se falar do assunto
- 12 <JuHOliveira> depende que ponto
- 13 <JuHOliveira> :}
- 14 <_MaJiNhA_> "i"Scøøp MP3"! [FeLiZ CurTinDu
Quando_Devemos_Negar.mp3 3:37/128kbps]
- 15 <leiTenHoo> ...hÜâiHüÅhÜâiHüÅhÜâiHüÅ...
- 16 <@^^CaRoLA^^> começa e fala tudo u q tu entende por issu
- 17 <JuHOliveira> leiTenHoo
- 18 <JuHOliveira> é sério
- 19 * leiTenHoo JuHh expeRiente
- 20 <JuHOliveira> leiTenHoo
- 21 <JuHOliveira> ha ha ha
- 22 <leiTenHoo> desculpa

²⁰ Cada linha do diálogo será numerada para facilitar a localização dos comentários. Cabe mencionar também que a numeração é crescente e contínua seguindo a ordem das falas. A ordem das citações não corresponde à ordem em que os diálogos ocorreram realmente.

23 <_MaJiNhA_> >>>>^^^CaRolA^^^<<<< como assim?!

24 <leiTenHoo> ;~

25 <JuHOliveira> não é experiencia

26 <JuHOliveira> é CABEÇA

27 <JuHOliveira> }

28 <leiTenHoo> po

29 <leiTenHoo> tinha q me cortá neh

30 <JuHOliveira> :}

31 <JuHOliveira> ;*~

Várias reações foram observadas antes de os interagentes entrarem diretamente no tema, como, por exemplo, a representação de pausa para pensar (linha 1), risos (linhas 4, 7, 13, 15, 21, 27 e 30), digressões (linhas 10 e 14), jogo de empurra (linha 2) e brincadeiras (linhas 5 e 6, 19 a 21), não muito diferente do que aconteceria numa aula presencial. Outro exemplo da semelhança entre a sala de aula presencial e a virtual pode ser percebido quando, num determinado momento, JuHOliveira chama a atenção de leiTenHoo (linhas 17 e 18), visando resgatar a seriedade do assunto, mas sem sucesso pois ele recomeça a brincadeira (linhas 19 a 21).

Este comportamento inicial traz contribuições que violam a **Máxima de Relevância**. A intenção não é fugir do assunto, mas ganhar tempo para pensar em algo relevante para se dizer ou, ainda, para melhor circunscrever o tema. Nas linhas 11 e 12, JuHOliveira mostra que está tentando encontrar uma definição. Já nas linhas 9 e 23, JuHOliveira e _MaJiNhA_ decidem solicitar ajuda à pesquisadora (“Como assim?”).

Este comportamento pareceu significar uma forma de inibição virtual ou um certo constrangimento ao falar, talvez por receio de dizer alguma “bobagem”. Nota-se que a questão do anonimato, proporcionada pela sala de bate papo, neste momento, não garantiu desinibição e espontaneidade nas conversas. Ao contrário, criou-se um ambiente similar ao vivenciado pelos estudantes na sala de aula tradicional, onde há inibição inicial e receio ao falar.

Numa perspectiva mais geral, foi possível observar várias situações em que o estudante compartilhava com os colegas a música que estava ouvindo naquele momento, violando a **Máxima de Relevância** (linhas 10 e 14). A contribuição, neste caso, não foi mudar o assunto da discussão, mas mostrar um pouco da identidade do interagente (seu gosto por determinado tipo de música, cantor).

Cabe salientar que, desde o primeiro contato presencial até o final dos encontros virtuais, os estudantes não demonstraram ter qualquer tipo de dúvida sobre o tema Orientação Sexual ou Sexualidade. Ao contrário, assumiram posicionamentos interessantes sobre o assunto ao longo das conversas.

Na tentativa de auxiliar os participantes na estruturação e definição do assunto, foi necessário intervir na interação pedindo para que eles falassem o que vinha à cabeça com relação à sexualidade. As respostas foram:

32 <leiTenHoo> masculino ou feminino
33 <leiTenHoo> auihauia
34 <JuHOLiveira> ahuahuah
35 <JuHOLiveira> cegonha!
36 <JuHOLiveira> hahah
37 <JuHOLiveira> credo
38 <@^^^CaRoLA^^^> aueuaheuaheua
39 <leiTenHoo> claro sim como nao
40 <JuHOLiveira> sexualidade
41 <JuHOLiveira> sexo
42 <JuHOLiveira> é o que me vem na cabeça
43 <_MaJiNhA_> amor
44 <@^^^CaRoLA^^^> vao falando..
45 <_Mila_> homem e mulher no clima
46 <leiTenHoo> acho q sao assim..
47 <JuHOLiveira> hahaha
48 <JuHOLiveira> :}
49 <leiTenHoo> as caracteristas dos corpos
50 <_MaJiNhA_> hahahauahaaha
51 <leiTenHoo> femininos ou masculinos
52 <JuHOLiveira> leiTenHoo
53 <JuHOLiveira> não é isso que te vem na cabeça
54 <leiTenHoo> Eu! _o|
55 * leiTenHoo cuRtiNdo: Oasis - 04 - Little By Little.mp3 (t7DS:
80/22/04:49)
56 <leiTenHoo> tpo

57 <JuHOliveira> e esse bunequinho é meu
 58 <JuHOliveira> :}
 59 <leiTenHoo> nao expliquei exatamente oq eu acho
 60 <leiTenHoo> mas eh por ai
 61 <_MaJiNhA_> "i"Scøøp MP3"! [FeLiZ CurTinDu Sugar Kane -
 Despedida.mp3 3:16/128kbps]
 62 <@^^^CaRoLA^^^> pode dessenvolver a ideia entao leitenHoo
 63 <leiTenHoo> ah nao
 64 <leiTenHoo> fika ai mesmo
 65 <leiTenHoo> uHuhAiuiHiauHuhAiuiHiauHu (By Leite)
 66 <leiTenHoo> n sei oq fala
 67 <JuHOliveira> tipow...
 68 <JuHOliveira> já que é pra filosofa
 69 <JuHOliveira> :}
 70 <JuHOliveira> igual a minha vo diz
 71 <JuHOliveira> amor se faz quando duas pessoas se amam
 72 <JuHOliveira> e sexo se faz quando fazem por fazer
 73 <JuHOliveira> :}
 74 <_MaJiNhA_> bem dessa...
 75 <JuHOliveira> existem outras formas de se conjugar
 76 <_Mila_> aham
 77 <JuHOliveira> o sexo
 78 <JuHOliveira> massss...
 79 <JuHOliveira> não entram nesse caso
 80 <JuHOliveira> :}
 81 <_MaJiNhA_> "i"Scøøp MP3"! [Relax CurTinDuU: Sugar Kane - Por
 vir.mp3 2:54]
 82 <leiTenHoo> eh por isso q eu tXaMú juHH
 83 <JuHOliveira> hahaha

As palavras ou frases associadas ao tema foram: “masculino ou feminino”, “cegonha!”, “sexualidade”, “sexo”, “amor”, “homem e mulher no clima”, “as características dos corpos femininos ou masculinos”, as quais sugerem a idéia de sexualidade numa dimensão biológica. Surge ainda o comentário de JuHOliveira sobre a diferença entre “fazer amor” e “fazer sexo” (linhas 71 e 72), estabelecendo um tom mais sério à conversa quando diz: “já que é pra filosofa” (linha 68), “igual a minha vo diz” (linha 70). Ao estabelecer a diferença, ela traz as palavras da avó, que acabam retratando a sua própria concepção sobre “amor” (sentimento) e “sexo” (prazer físico).

Ainda neste início de conversa, observam-se risos (linhas 33 e 34, 36, 38, 47 e 48, 50, 58, 65, 69, 73, 80, 83), brincadeiras (linhas 35 a 37, 82) e digressões (linhas 55, 57, 61, 81), que podem significar sinais de timidez e inibição. Cabe salientar que os risos, as

brincadeiras e as digressões foram constantes em todos os encontros, visando garantir a descontração e a informalidade tão características das salas de bate papo. Além disso, em nenhum momento, houve a necessidade de chamar a atenção de algum participante que estivesse com a intenção de atrapalhar as conversas sobre o tema proposto. Ao contrário, apesar da liberdade de expressão, as brincadeiras foram sempre controladas por eles mesmos.

Como os interagentes haviam sugerido idéias ligadas à sexualidade, resolvi perguntar sobre o que eles entendiam por orientação sexual:

95 <@^^^CaRoLA^^^> e qnd vem com orientação antes da palavra
sexualidade??
96 <JuHOliveira> hauhauhauhau
97 <leiTenHoo> aiuhai
98 <JuHOliveira> dai...
99 <JuHOliveira> sexo seguro
100 <JuHOliveira> :}
101 <leiTenHoo> ^^CaRoLA^^ acho q eh o auxilio dado na escola por
exemplo sobre esse assunto
102 <JuHOliveira> sexo com camisinha

As expressões usadas por JuHOliveira, “sexo seguro” (linha 99) e “sexo com camisinha” (linha 102), estão relacionadas aos cuidados pessoais e à proteção que o indivíduo deve ter durante uma relação sexual. Em contrapartida, LeiTenHoo (linha 101), procura expor uma definição mais geral. Observamos, no início de sua fala, a utilização da palavra “auxílio”, indicando que o tema Orientação Sexual está relacionado à ajuda ou orientação ao jovem. A escola surge em sua definição como “exemplo” de um ambiente em que se pode receber esse “auxílio”.

Ainda desenvolvendo o assunto do trecho anterior, podemos observar no fragmento abaixo que a opinião de _MaJiNhA_ (linha 103) dá um novo rumo à conversa.

103 <_MaJiNhA_> axo q em casa eh fundamental tbmm..
104 <JuHOliveira> sei lá...
105 <JuHOliveira> em todo o lugar é fundamental

106 <JuHOliveira> claro...
107 <JuHOliveira> que depende do lugar
108 <JuHOliveira> hoje em dia...
109 <JuHOliveira> as pessoas parecem que tem vergonha de falar
110 <JuHOliveira> sei lá...
111 <JuHOliveira> parece um crime
112 <_MaJiNhA_> naum eh crime nenhum
113 <leiTenHoo> mas eh uma coisa pessoal
114 <_MaJiNhA_> duas pessoas q c gostam
115 <_Mila_> se vc naum tm a base em ksa...o auxilio no colegio naum
adianta pra nd
116 <leiTenHoo> eh estranho alguem fala disso pra outra pessoa
117 <_MaJiNhA_> se amarem
118 <JuHOliveira> eu sei
119 <leiTenHoo> principalmente qnd eh tratando de si proprio
120 <JuHOliveira> eu não acho um crime
121 <JuHOliveira> na minha casa eu tenho abertura o suficiente
122 <JuHOliveira> por isso não saio fazendo besteira
123 <leiTenHoo> =D
124 <JuHOliveira> mas existem pais e mães
125 * leiTenHoo cuRtiNdo: Da Guedes - Bem Nessa.mp3 (t7DS:
128/44/04:53)
126 <JuHOliveira> que acham um crime
127 <JuHOliveira> e não falam com os filhos
128 <_MaJiNhA_> axatamente
129 <JuHOliveira> não tem dialogo
130 <_MaJiNhA_> cada caso eh um caso..
131 <JuHOliveira> e acabam os filhos fazendo o que não querem
132 <JuHOliveira> por não ter uma "base na vida"
133 <JuHOliveira> digamos assim
134 <JuHOliveira> leiTenHoo
135 <JuHOliveira> eu concordo
136 <leiTenHoo> mas ow
137 <JuHOliveira> que se não tem "base" em casa
138 <leiTenHoo> se fosse soh em casa q importasse..
139 <JuHOliveira> não adianta nada no colegio
140 <leiTenHoo> a maioria ia se fude
141 <leiTenHoo> poq assim
142 <leiTenHoo> a maioria dos pais ainda acham q a gente eh criança
143 <_MaJiNhA_> "j"Scøøp MP3!" [Relax CurTinDuU: O Beijo do
Vampiro - TUDO É POSSIVEL.mp3 3:14]
144 <leiTenHoo> por exemplo
145 <leiTenHoo> meus pais nunca conversaram comigo sobre isso
146 <_MaJiNhA_> depende da cabeça da pessoa tbm..
147 <_MaJiNhA_> c ela axa legal sai
148 <leiTenHoo> eu nao duvido q daki 5 anos eles venham fala comigo
149 <JuHOliveira> leiTenHoo
150 <leiTenHoo> uHuhAiuiHiauHuhAiuiHiauHu (By Leite)
151 <JuHOliveira> que que eu conversei contigo ontem
152 <leiTenHoo> meio tarde né?!
153 <JuHOliveira> tu se demonstra uma criança
154 <_MaJiNhA_> 'dando" pra td mundo naum adianta t base

MaJiNhA inicia a conversa chamando a atenção dos participantes para a importância da orientação sexual dada no ambiente familiar. JuHOliveira completa o raciocínio de _MaJiNhA_, afirmando que muitas pessoas atualmente consideram sexo um assunto tabu e têm vergonha de falar sobre isto (linhas 109 e 111). É o caso de muitos pais que, por pudor, não conversam sobre sexo com seus filhos (linhas 124, 126 e 127, 129). Segundo JuHOliveira, que tem “abertura” suficiente em casa para falar sobre o assunto com os seus pais (linha 121), o diálogo familiar auxilia o jovem na construção de uma “base” sólida sobre sexualidade, o que evita possíveis atitudes imprudentes e impensadas (linhas 122, 131 a 133). E, assim como __Mila__ (linha 115), JuHOliveira acredita que sem “base em casa”, o auxílio na escola não produz efeito na vida do adolescente (linhas 137 e 139).

MaJiNhA, por sua vez, concorda com dois posicionamentos de JuHOliveira: primeiro, sexo é um assunto normal (linhas 112 e 120) e, segundo, muitos pais não dialogam com seus filhos por considerarem sexo um tabu (linhas 124 a 128). Entretanto, sobre o diálogo familiar, _MaJiNhA_ considera a particularidade de cada jovem, evitando a generalização (linha 130). Além disso, para ela, a conversa dos pais é importante, mas depende da “cabeça” de cada adolescente, pois é ele quem vai decidir sobre suas ações (linhas 146, 147 e 154).

LeiTenHoo contrapõe à fala de JuHOliveira da linha 109 (“as pessoas parecem que tem vergonha de falar”), dizendo que sexo é um assunto pessoal e, por isso, torna-se difícil conversar com outra pessoa sobre o assunto (linhas 113, 116, 119). Nota-se que a sua justificativa sugere o seu próprio pudor com relação ao assunto. LeiTenHoo ainda sugere que, nem sempre, o jovem recebe orientação sexual dos pais e que se esta orientação dependesse somente da família, muitos jovens estariam “perdidos” (linhas 138 e 140). Sua colocação reflete em sua própria experiência em casa, onde seus pais nunca conversaram sobre sexo com

ele (linhas 144 e 145). E acaba dizendo que “a maioria dos pais ainda acham q a gente eh criança” (linha 142).

Pode-se concluir que, para JuHOliveira, _MaJiNhA_ e leiTenHoo, muitas pessoas consideram “sexo” um assunto tabu e isso se reflete na falta de diálogo familiar. Todos eles valorizaram a importância do diálogo familiar, mas sem desprezar outros espaços para a reflexão sobre o assunto como, por exemplo, no ambiente escolar.

No diálogo abaixo, a discussão centra-se na relação entre o acesso à informação e a virgindade.

155 <leiTenHoo> JuHOliveira
156 <leiTenHoo> mas olha em q colegio tu estuda
157 <leiTenHoo> vai no iee por exemplo
158 <leiTenHoo> nao tem nenhuma guria virgem la
159 <leiTenHoo> tu acha q elas pensam antes de dáR?
160 <JuHOliveira> poq!?
161 <JuHOliveira> poq elas não tem conscieincia
162 <leiTenHoo> claro
163 <JuHOliveira> *consciencia
164 <JuHOliveira> não tem dialogo
165 <leiTenHoo> poq elas nao conversaram sobre isso nunca
166 * leiTenHoo cuRtiNdo: Foo Fighters - The One (Orange County
soundtrack).mp3 (t7DS: 128/44/02:44)
167 <JuHOliveira> nada a ver
168 <JuHOliveira> a minha vizinha estuda nu iee
169 <JuHOliveira> só porque é colegio publico!?
170 <leiTenHoo> naoo
171 <JuHOliveira> entonces...
172 <leiTenHoo> soh poq sao pessoas sem informaçao
173 <leiTenHoo> tu ve..
174 <JuHOliveira> ou não
175 <leiTenHoo> a maioria das pessoas com aids
176 <JuHOliveira> existem uns lá que tem informação
177 <leiTenHoo> eh pelo mesmo motivo
178 <JuHOliveira> tahhh...
179 <JuHOliveira> na NOSSA SALA
180 <leiTenHoo> ninguem teve informacao necessaria
181 <JuHOliveira> tem pessoas que TEM INFORMAÇÃO
182 <JuHOliveira> e não sao virgens
183 <leiTenHoo> tah

Para leiTenHoo, a perda da virgindade é conseqüência da falta de informação e de atitudes impensadas (perda da consciência) (linhas 156 a 159, 165, 172). É, portanto, algo inconseqüente quando acontece por razões puramente físicas. A “falta de informação” a que leiTenHoo e JuHOliveira se referem (linhas 172, 176, 180, 181) está relacionada ao sexo sem amor. Em outras palavras, a perda da virgindade deveria acontecer quando houvesse amor e carinho entre duas pessoas e não pelo simples prazer carnal. Ainda segundo LeiTenHoo, a informação é fundamental, tanto com relação à virgindade quanto ao risco de contrair doenças como a AIDS (linhas 175 e 177). Por outro lado, JuHOliveira contesta a generalização feita por LeiTenHoo, sugerindo que o acesso à informação não garante a virgindade (linhas 181 e 182). Além disso, observa-se um certo preconceito por parte de leiTenHoo com relação ao ensino na escola pública (linhas 157 a 159, 165), como um lugar sem informação que possa assegurar a virgindade das alunas que lá estudam. Percebe-se que, para ele, a virgindade está relacionada à promiscuidade (sexo sem amor) e ao sexo feminino em particular. Em contrapartida, JuHOliveira argumenta que existem pessoas que estudam em escola particular (supõe-se que tenham informação) e que não são virgens, colocando em dúvida a questão da falta de informação como causadora do sexo sem amor (linhas 179, 181 e 182).

No trecho de 157 a 159, leiTenHoo afirma categoricamente que as estudantes do “iee” não são virgens e carecem de uma certa “consciência” sobre este fato. Suas afirmações violam a **Máxima de Qualidade**, uma vez que ele não apresenta evidências para tais afirmações. JuHOliveira, por outro lado, contesta a fala de leiTenHoo, tentando trazer evidências contrárias (linhas 167 a 169, 176).

No fragmento a seguir a discussão é sobre sexo seguro.

184 <leiTenHoo> mas alguns pelo menos tiveram responsabilidade
185 <leiTenHoo> de transa de camisinha

186 <JuHOliveira> não transam poq n querem
 187 <_MaJiNhA_> tbmmm!!!!
 188 <JuHOliveira> poq se dá camisinha em posto de saude
 189 <JuHOliveira> e TODO MUNDO SABE DISSO
 190 <leiTenHoo> JuHOliveira mas tem gente q nao sabe disso
 191 <leiTenHoo> nao!!
 192 <leiTenHoo> NEM TODO MUNDO
 193 <JuHOliveira> ahhhh...
 194 <JuHOliveira> sei lá...
 195 <_Mila_> tem gente que transa sem camisinha
 196 <_Mila_> porque acha ruim
 197 <leiTenHoo> aham
 198 <_Mila_> acho que não tem essa
 199 <_Mila_> é a saude que ta em jogo
 200 * leiTenHoo cuRtiNdo: limp bizkit - nookie.mp3 (t7DS: 192/44/04:26)
 201 <leiTenHoo> mas nem todo mundo pensa assim
 202 <leiTenHoo> tem gente q arrisca
 203 <leiTenHoo> soh por alguns minutos de prazer
 204 <leiTenHoo> ah sei laghh
 205 <leiTenHoo> ah sei lahh
 206 <JuHOliveira> e a vida toda de "morte"
 207 <JuHOliveira> poq depois de pegar a aids
 208 <_Mila_> mas qnd fazem sexo eles naum pensan nisso
 209 <JuHOliveira> não adianta chorar pelo leite derramado
 210 <_MaJiNhA_> "¡"Scøøp MP3"!" [Relax CurTinDuU: Nirvana - About
 A Girl.mp3 2:49]
 211 <leiTenHoo> ...hÜâiHüÅhÜâiHüÅhÜâiHüÅ...
 212 <JuHOliveira> eu sei
 213 <_Mila_> em pegar aids
 214 <JuHOliveira> me "tio" morreu esse ano de aids
 215 <JuHOliveira> _Mila_ mais pensam antes
 216 <JuHOliveira> e sabem do que pode acontecer
 217 <JuHOliveira> :}

Para leiTenHoo, usar preservativo durante a relação sexual é uma prova de responsabilidade (linhas 184 e 185). JuHOliveira, por sua vez, concordando com leiTenHoo, acredita existir pessoas que não usam preservativo por irresponsabilidade, pois é do conhecimento de todos a distribuição de camisinha em postos de saúde (linhas 186, 188, 189). A morte do tio de JuHOliveira (linha 214) parece tê-la influenciado em seus posicionamentos, o que a faz descrever as conseqüências de alguém que já contraiu a doença (linhas 206, 207, 209). Por outro lado, JuHOliveira acredita que as pessoas têm consciência dos riscos que uma relação sexual pode ocasionar (linhas 215 a 217).

LeiTenHoo contrapõe à fala de JuHOliveira, afirmando que a distribuição de preservativo pelos postos de saúde não é do conhecimento de todos (linhas 190 a 192). __Mila__, por sua vez, sugere que, independentemente do conhecimento das pessoas sobre a distribuição ou não de preservativo pelos postos de saúde, o seu uso depende do gosto pessoal: “tem gente que transa sem camisinha porque acha ruim” (linhas 195 e 196). No entanto, para __Mila__, quando se trata da saúde devemos ser mais responsáveis (linhas 198 e 199). Tanto leiTenHoo como __Mila__ sugerem a falta de consciência de pessoas que, pelo prazer, se esquecem do risco de contrair alguma doença, no caso a Aids (linhas 201 a 203, 208 e 213).

Pode-se concluir do trecho anterior que o uso do preservativo corresponde a um gesto de responsabilidade. Para leiTenHoo e __Mila__, muitas pessoas se arriscam pelo prazer físico sem pensar na própria saúde. JuHOliveira, por outro lado, acredita que as pessoas sabem dos riscos a que estão expostos. Trata-se, portanto, de uma discussão que perpassa a relação dialética entre a consciência e o ato.

Com relação a outras conseqüências da não utilização do preservativo, além de contrair doenças como a Aids, os participantes discutiram a possibilidade de uma gravidez indesejada, como mostra o trecho a seguir.

218 <JuHOliveira> engravidar
219 <leiTenHoo> ^^^CaRola^^^ engravidar
220 <leiTenHoo> po
221 <JuHOliveira> hahaha
222 <JuHOliveira> disse primero
223 <JuHOliveira> xP~
224 <leiTenHoo> imagina uma gravidez agora na nossa idade
225 <JuHOliveira> *rimeiro
226 <kaua> a gente tava ferrado
227 <JuHOliveira> _MaJiNhA_
228 <JuHOliveira> abortarias se engravidasses?
229 <JuHOliveira> *se tu engravidasse?
230 <_MaJiNhA_> mais a pessoa tem q ter conciencia
231 <_MaJiNhA_> ☺!-->>>>JuHOliveira<<<< naumm.. ☺!--
232 <JuHOliveira> nessa idade?!

233 <_MaJiNhA_> ☺!-->>>>JuHOliveira<<<< vc?! ☺!--
 234 <JuHOliveira> não abortarias?
 235 <_MaJiNhA_> ☺!--naum.. ☺!--
 236 <JuHOliveira> não...
 237 <_MaJiNhA_> ☺!--c vc pois uma filho ☺!--
 238 <JuHOliveira> se eu engravide
 239 <_MaJiNhA_> ☺!--agora aguenta ☺!--
 240 <JuHOliveira> foi porque não cuidei
 241 <_MaJiNhA_> ☺!--e vai ateh u fim ☺!--
 242 <JuHOliveira> não vo tira a vida de uma criança
 243 <_MaJiNhA_> ☺!--o filho naum tem culpa ☺!--
 244 <kaua> eh verdade
 245 <JuHOliveira> por uma irresponsabilidade minha
 246 <_MaJiNhA_> ☺!--d t nascido d uma irresponsabilidade ☺!--
 247 <JuHOliveira> só que eu acho assim...
 248 <JuHOliveira> nada nada
 249 <leiTenHoo> uHuhAiuiHiauHuhAiuiHiauHu (By Leite)
 250 <JuHOliveira> ahuahuAHUuhahuahuAUHuaAHUAUhau x)~

A questão da gravidez precoce é discutida por todos com seriedade. Dos quatro interagentes que se manifestaram, JuHOliveira, _MaJiNhA_ e kaua mostraram-se contrários ao aborto como solução no caso de uma gravidez precoce. Para JuHOliveira, por exemplo, uma irresponsabilidade (causa da gravidez) não é justificativa para a realização de um aborto (linhas 238, 240, 242, 245). Entretanto, percebe-se nas linhas 247 e 248 uma certa hesitação em continuar expondo a sua opinião que, por alguma razão, ficou inacabada. _MaJiNhA_, por outro lado, afirma que as pessoas devem ter consciência do que estão fazendo (linha 230) e, assim como JuHOliveira, acredita que a adolescente grávida deve enfrentar as conseqüências ao contrário de recorrer ao aborto (linhas 237, 239, 241, 243, 246). Nota-se, portanto, um forte apelo à consciência sobre as conseqüências de uma gravidez precoce (linhas 226, 239) e a responsabilidade do ato (linhas 242, 245, 246).

Considerando que a mídia veicula comportamentos e visões que podem influir na formação sexual dos adolescentes, a mediadora introduziu este tema na discussão, como mostra o fragmento a seguir.

251 <@^^^CaRoLA^^^> o q a midia mostra sobre sexualidade???

252 <leiTenHoo> ^^CaRoLA^^ as vezes muita coisa errada
253 <JuHOliveira> sinceramnte?
254 <JuHOliveira> NADA
255 <leiTenHoo> mas as vezes passa informações legais
256 <JuHOliveira> eu não aprendo NADA CMA MIDIA
257 <leiTenHoo> JuHOliveira ah para
258 <leiTenHoo> nunca visse nada serio na tv?
259 <leiTenHoo> tem muita coisa q eles avacalham
260 <leiTenHoo> e eh ateh engraçado
261 <JuHOliveira> não vejp tv
262 <JuHOliveira> só desgraça
263 <JuHOliveira> :/
264 <leiTenHoo> JuHOliveira joRnaLL
265 <leiTenHoo> q seja
266 <JuHOliveira> só leio a coluna do carlos prats
267 <JuHOliveira> e juliana wosgraus
268 <JuHOliveira> e cacau menezes
269 <leiTenHoo> ai nao acredidot
270 <JuHOliveira> :}
271 <leiTenHoo> acredito*
272 <_MaJiNhA_> °* realmente ----LoVi--
273 <_MaJiNhA_> °* eu axo q a midia ----LoVi--
274 <JuHOliveira> só se ve morte
275 <_MaJiNhA_> °* ajuda ----LoVi--
276 <leiTenHoo> mas o
277 <leiTenHoo> se tu n sabe nada do assunto
278 <JuHOliveira> so que mais atrapalha do que ajuda
279 <JuHOliveira> :}
280 <leiTenHoo> soh vai acaba com tua vida
281 <leiTenHoo> poq eles muitas vezes dizem uma coisa
282 <JuHOliveira> ta.....
283 <leiTenHoo> sendo, na verdade, outra
284 <JuHOliveira> to brincando
285 <JuHOliveira> a midia ensina alguma coisa
286 <JuHOliveira> só que eu não acho que ensina o que deveria
287 <leiTenHoo> JuHOliveira as vezess
288 <JuHOliveira> ALGUMA COISA
289 <JuHOliveira> :}

290 <leiTenHoo> ^^CaRoLA^^ duas coisas
291 <leiTenHoo> o lado real
292 <leiTenHoo> e a ficção
293 <leiTenHoo> por exemplo
294 <leiTenHoo> filmes pornos
295 <leiTenHoo> as pessoas fazem sexo sem responsabilidade
296 <JuHOliveira> aham
297 <leiTenHoo> n pensam no q acontece dps
298 <leiTenHoo> ateh poq akilo eh uma invenção
299 <leiTenHoo> ateh poq akilo eh uma invenção
300 <leiTenHoo> mas, e pra quem tah assistindo?!
301 <JuHOliveira> eles só querem ganhar dinheiro

302 <leiTenHoo> comeh ki fika
 303 <leiTenHoo> ?
 304 <JuHOliveira> em cima de filmes pornos
 305 <leiTenHoo> claroo
 306 <leiTenHoo> mas tem o lado legaLL
 307 <leiTenHoo> por exemplo
 308 <leiTenHoo> o programa noite a fora
 309 <leiTenHoo> eh a mesma coisa q a gente ta fazendo aki
 310 <leiTenHoo> um debate sobre o assunto
 311 <leiTenHoo> dai kada um toma a decisao q kiseh sobre o assuntu
 312 <leiTenHoo> vai da cabeça de cada um
 313 <leiTenHoo> JuHOliveira
 314 * leiTenHoo cuRtiNdo: Luka - Nem Aí.mp3 (t7DS: 96/44/05:18)
 315 <leiTenHoo> entendesse a parte dos filmes né?
 316 <JuHOliveira> não
 317 <JuHOliveira> hahaha
 318 <leiTenHoo> como tu disse, eles soh kerem ganha dinheru
 319 <_MaJiNhA_> "¡"Scøøp MP3"!" [Relax CurTinDuU: New Found
 Glory__01_My Friends Over You.mp3 3:40]
 320 <JuHOliveira> aham
 321 <leiTenHoo> sem pensa na integridade fisica e psicologica de cada um
 322 <leiTenHoo> entao
 323 <leiTenHoo> esse eh o lado ruim q a midia passa
 324 <JuHOliveira> falo bunito
 325 <JuHOliveira> :}
 326 <leiTenHoo> mas tem o lado bomm
 327 <JuHOliveira> hahah
 328 <JuHOliveira> que lado bm?
 329 <leiTenHoo> por exemplo em matérias de jornais
 330 <JuHOliveira> *bom
 331 <leiTenHoo> as vezes eles reportam oq acontece com as pessoas q tem
 aids
 332 <leiTenHoo> a vida dessas pessoas
 333 <leiTenHoo> tu nao aprende com isso?
 334 <JuHOliveira> claro!
 335 <leiTenHoo> tu nao fika sensibilizada?
 336 <leiTenHoo> da pra aprende com isso
 337 <leiTenHoo> ser mais cauteloso
 338 <leiTenHoo> responsavel
 339 <JuHOliveira> ta
 340 <JuHOliveira> deu
 341 <leiTenHoo> =X tah neh
 342 <leiTenHoo> hauiahuia
 343 <JuHOliveira> para de fala bontio não combina contigo e cionfundi
 meuQI
 344 <JuHOliveira> ;/
 345 <leiTenHoo> haiah

Podemos destacar alguns aspectos interessantes sobre o que a mídia ensina sobre sexualidade através da fala de alguns participantes do #canaldeconversa. LeiTenHoo, por

exemplo, mostrou ser bastante consciente com relação ao que é veiculado pela mídia, dizendo ser necessário conhecimento prévio sobre o assunto para não se deixar influenciar negativamente pelo que é veiculado, isso porque, às vezes, a informação apresentada não condiz com a verdade (linhas 277, 280, 281, 283).

LeiTenHoo acredita que a mídia tem seu lado negativo e positivo (linhas 252 e 255, 306, 323). O lado negativo é representado, por ele, pelos filmes pornográficos que apresentam uma falsa realidade de que sexo não envolve responsabilidade e reflexão sobre as conseqüências do ato (linhas 293 a 295, 297 a 300, 302 e 303). Usando as palavras de leiTenHoo: “sem pensa na integridade física e psicológica” de quem está assistindo (linha 321). E concorda com JuHOliveira quanto à valorização do lado rentável desses filmes (linhas 301, 304, 305, 318).

Na opinião de leiTenHoo, existem dois exemplos que ilustram o lado positivo da mídia: o programa “noite a fora” e “matérias de jornais”. Ele descreve o programa “noite a fora” como um espaço, assim como o apresentado na sala de bate papo proposta nesta pesquisa, onde a reflexão é promovida através de debates e a liberdade de posicionamento é possível (linhas 307 a 312). Quanto ao segundo exemplo, leiTenHoo lembra que, às vezes, aprendemos a ser mais responsáveis e cautelosos conhecendo a vida das pessoas através de reportagens jornalísticas como, por exemplo, sabendo o que acontece na vida de uma pessoa portadora do vírus da Aids (linhas 329, 331 a 333, 335 a 338).

As contribuições de leiTenHoo parecem ter influenciado a fala de JuHOliveira. No início da conversa ela é categórica ao afirmar que a mídia não ensina “NADA” (linhas 253, 254, 256). Após as intervenções de leiTenHoo (linhas 257, 258, 269), ela se mostra mais flexível ao afirmar que a mídia pode ensinar algo (linhas 282, 284, 285, 288 e 289), entretanto não ensina o que deveria, pois ela só visa o lado comercial (rentável), ao contrário de valorizar informações mais educativas (linhas 286, 331 a 334).

No trecho de 326 a 345, leiTenHoo informa o que ele acredita ser verdadeiro sobre o lado bom da mídia e traz evidências para provar (linhas 329, 331 a 333). Satisfeita com a contribuição de leiTenHoo, JuHOliveira finaliza a conversa (linhas 339 e 340), mostrando ser suficiente a quantidade de informação fornecida pelo colega. Neste caso, é o interlocutor (JuHOliveira) que sinaliza ao falante (leiTenHoo) a sua quebra da **Máxima de Quantidade**. Esta sinalização é feita de maneira jocosa (linha 343) e interpretada como brincadeira por leiTenHoo (linhas 341 e 342).

Podemos ainda observar a violação da **Máxima de Qualidade** quando JuHOliveira afirma não aprender “NADA” com a mídia (linhas 254, 256), mas admite finalmente que está dizendo uma inverdade (linhas 284, 285).

Concluindo a discussão de todo o trecho acima, leiTenHoo, JuHOliveira e MaJiNhA (linhas 272, 273, 275) acreditam no potencial da mídia para educar, mesmo cientes de que nem todas as informações apresentadas neste meio contribuem positivamente para a vida e a educação das pessoas. As contribuições mostram a retomada da importância da informação como alicerce para uma tomada de decisões mais consciente e um posicionamento mais coerente.

4.1.2 Depois

Após a aula presencial ministrada pelos respectivos professores-colaboradores nas duas escolas, sobre o tema Orientação Sexual, foi solicitado aos estudantes que falassem se, na opinião deles, a aula presencial havia contribuído para uma melhor compreensão sobre o assunto. As respostas foram:

357, 359, 361). ChAmBa``, por outro lado, questiona as informações que os professores geralmente veiculam sobre o assunto, o que é também endossado por __Mila__ (linhas 363 e 364).

No trecho abaixo, ChAmBa`` explica que, às vezes, os professores tratam o assunto com uma seriedade exagerada e acabam causando medo e receio nos alunos (linha 372). Mesmo assim, ele acredita que a aula presencial contribui para o amadurecimento do assunto (linhas 370 e 372).

370 <ChAmBa``> acho q a escola
371 <ChAmBa``> ajuda mt
372 <ChAmBa``> mas sexu n eh soh perigo

Embora JuHOliveira afirme que as aulas presenciais não alteram suas opiniões, ela acredita que quanto mais o assunto é discutido em aula, melhor é a compreensão de todos (linhas 366 e 367). Parece haver, na fala de JuHOliveira, uma certa contradição entre o que ela pensa sobre a influência das aulas presenciais em suas concepções e o que ela propõe.

Em seguida, o assunto toma outro rumo e os participantes acabam comparando a aula presencial com o bate papo virtual.

373 <kaua> na internet é mais fácil
374 <@^^CaRoLa^^> se se marcassem aulas na escola tem aquele
compromisso
375 <JuHOliveira> não
376 <JuHOliveira> na internet é mais fácil
377 <JuHOliveira> justamente por isso
378 <kaua> mas a difernsa naum e muita pouca
379 <JuHOliveira> pra gente não ter vergonha de falar..
380 <JuHOliveira> porque sei lá
381 <JuHOliveira> na minha opinião
382 <JuHOliveira> sexualidade é um assunto
383 <JuHOliveira> normal
384 <JuHOliveira> que deve ser tratado como um outro qualquer
385 <JuHOliveira> mas as pessoas
386 <JuHOliveira> tem vergonha

387 <@^^CaRoLa^^> entao
388 <JuHOliveira> então talvez se tivessem mais aulas
389 <JuHOliveira> isso poderia ajudar

Tanto kaua quanto JuHOliveira acreditam que é mais fácil conversar sobre sexualidade na internet do que presencialmente com o professor e os colegas de classe, porque o mundo virtual protege as pessoas da timidez (linhas 373, 376, 377, 379). Contudo, JuHOliveira acredita que a sexualidade é um assunto como qualquer outro, que pode ser tratado naturalmente em sala de aula. Por isso, em sua opinião, o aumento do número de aulas poderia ajudar a tornar o assunto menos formal e mais corriqueiro, principalmente para as pessoas mais tímidas (linhas 381 a 389).

No trecho a seguir, a conversa focaliza novamente a necessidade de um número maior de aulas sobre orientação sexual para fomentar o debate entre os estudantes.

390 <JuHOliveira> acho que todos deveriam ter mais aulas
391 <JuHOliveira> tipow..
392 <JuHOliveira> no nosso colegio eh uma aula por trimestre
393 <JuHOliveira> acho que teria que ter mais aulas
394 <JuHOliveira> pra cada um expor
395 <JuHOliveira> a sua opiniao
396 <JuHOliveira> em todos os colégios
397 <JuHOliveira> debater mais
398 <JuHOliveira> acho que a sexualidade hoje em dia é muito aberta
399 <JuHOliveira> \se transa em qualquer lugar
400 <JuHOliveira> na rua
401 <JuHOliveira> e tals...
402 <kaua> na minha so em um ano se tem as aulas
403 <JuHOliveira> conscientizar as pessoas
404 <kaua> e sao bem poucas
405 <JuHOliveira> não digo dizer
406 <JuHOliveira> mais debater
407 <JuHOliveira> saber o que cada um pensa
408 <JuHOliveira> pra tentar "mudar" o pensamento
409 <JuHOliveira> que muitas vezes é passado de uma tal forma em casa
410 <JuHOliveira> que chega a revolta
411 <kaua> ms o importante é mudaar o q cada um pensa
412 <JuHOliveira> mas a gente muda debatendo
413 <kaua> e naum so sabaer
414 <JuHOliveira> chegando num certo ponto
415 <kaua> ops ...
416 <JuHOliveira> só que não é fácil mudar

417 <JuHOliveira> foi o que eu falei
418 <JuHOliveira> saber pra tentar mudar
419 <JuHOliveira> sei lá...
420 <JuHOliveira> mais aulas de educação sexual
421 <JuHOliveira> palestras
422 <kaua> sabendo o q cada um pensa ja é um comeco
423 <JuHOliveira> e tentando mudar é o meio :)
424 <JuHOliveira> conseguir é o começo do fim de uma "batalha"
425 <JuHOliveira> se é que me entendem :)
426 <JuHOliveira> aulas e liberdade de expressão
427 <JuHOliveira> tipow..
428 <JuHOliveira> não dar limite pro aluno
429 <JuHOliveira> deixar ele expressar o que sabe sobre a sexualidade

JuHOliveira e kaua ressaltam o número irrisório de aulas sobre sexualidade na escola (linhas 390, 404) e fazem um apelo para aumentar este número (linhas 390, 393, 420). Para eles, a finalidade deste acréscimo seria conscientizar os jovens sobre o assunto (linhas 403, 411, 422) através do posicionamento pessoal de cada um (linhas 394, 395, 407, 422, 428, 429) e do debate (linhas 397, 406), visando assim uma revisão das concepções previamente consolidadas por eles ou, como JuHOliveira e kaua comentam, uma mudança de concepção (linhas 408, 411, 412, 418, 423). JuHOliveira, em particular, considera aqui a possibilidade de os estudantes modificarem suas concepções através de debates sobre sexualidade.

No fragmento de 422 a 425, JuHOliveira conclui sua fala querendo dizer que conseguir mudar as concepções já consolidadas sobre um assunto, neste caso, a sexualidade, “é o começo do fim de uma ‘batalha’”. O uso de expressões antagônicas, isto é, “o começo do fim”, torna a colocação de JuHOliveira um tanto obscura, violando assim a **Máxima de Modo**. O uso da palavra “batalha”, em forma de metáfora, sugere a dificuldade do jovem de hoje em mudar seu pensamento sobre o assunto. O fim da batalha representa, portanto, o começo de uma nova concepção. Consciente da complexidade de sua colocação JuHOliveira abre espaço para a negociação do sentido ao dizer: “se é que me entendem.”

Com base na fala de JuHOliveira e kaua, a escola tem um papel fundamental na formação sexual dos alunos, orientando e informando-os. Entretanto, para que a escola verdadeiramente assuma este papel, faz-se necessário uma reestruturação curricular e metodológica, considerando o número de aulas a ser dedicado ao assunto e a forma de como tratá-lo em sala de aula (através de debates, posicionamentos pessoais).

Para compartilhar os assuntos tratados na aula presencial, os estudantes foram solicitados a dizer o quê especificamente os seus respectivos professores haviam discutido sobre o tema Orientação Sexual.

- 430 <leiTenHoo> sobre cuidados na relação sexual
- 431 <_MaJiNhA_> hahahauahaaha
- 432 <leiTenHoo> as doenças
- 433 <JuHOliveira> ela vai vê o q a gnt tem duvida
- 434 <_MaJiNhA_> sobre o corpo humano
- 435 <_MaJiNhA_> como funciona
- 436 <ChAmBa``> anticoncepcionais
- 437 <__Mila__> sobre como se fica grávide

Percebe-se que os professores das duas escolas trabalharam o lado biológico da sexualidade, ou seja, o corpo humano, o aparelho reprodutor, a prevenção de doenças e os cuidados na relação sexual. Após a intervenção, nenhum desses assuntos foi tratado na sala de bate papo. Os interagentes preferiram resgatar alguns dos assuntos já discutidos antes da intervenção presencial do professor-colaborador, mesmo sendo motivados indiretamente pela pesquisadora a discutir sobre questões que haviam sido tratadas presencialmente. O trecho a seguir ilustra esse fato. Os participantes discutem sobre a relação sexual entre um casal de namorados.

- 438 <JuHOliveira> sei lá...
- 439 <JuHOliveira> acho que isso é meio complexo discuti
- 440 <JuHOliveira> porque cadaum tem uma opinião
- 441 <JuHOliveira> sobre o assunto

Quando se trata de ter ou não relação sexual com o namorado, JuHOliveira e leiTenHoo preferem respeitar a opinião de cada um (linhas 439 a 442, 459). No entanto, JuHOliveira resgata a necessidade de a pessoa (neste caso, ela parece estar se referindo ao sexo feminino) ter “base” antes de ter relações sexuais com o namorado. Por “base”, __Mila__ e JuHOliveira entendem responsabilidade (linhas 452 e 453), mas também informação (linhas 467, 468, 461 a 466). JuHOliveira ainda entende que, além da responsabilidade e informação, é necessário ter consciência (linhas 457 e 458). Para JuHOliveira, devemos refletir antes de tomar qualquer atitude com relação ao sexo, sobretudo quando estamos bem informados a respeito do assunto (linhas 481 a 484). _MaJiNhA_ (linhas 444, 467, 468, 471) e __Mila__ (linha 452) assumem uma postura similar, ou seja, ambas acreditam que ter “base” sobre sexualidade contribui para atitudes mais responsáveis e pensadas.

LeiTenHoo, por sua vez, concorda com JuHOliveira quanto a considerar o sexo no namoro um assunto complexo e que envolve muitas opiniões diferentes (linhas 439 a 442). Ele ainda afirma que apesar da “base” (informações), a pessoa pode não mudar sua opinião sobre um assunto. Neste caso, é “melhor” aprender sozinho, com os próprios erros (linhas 466, 469, 472).

Em suma, podemos observar, mais uma vez, que os participantes que formam o grupo feminino da sala de bate papo têm a mesma opinião. JuHOliveira, _MaJiNhA_ e __Mila__ acreditam na importância da pessoa ser bem informada, ter responsabilidade e consciência. Na opinião delas, a pessoa que possui um certo conhecimento sobre sexualidade, provavelmente será mais responsável em suas ações. LeiTenHoo, por outro lado, resiste ao fato de que, mesmo diante das informações sobre o assunto, as pessoas podem ter opinião contrária (linhas 466, 469). Mesmo sendo repreendido por JuHOliveira e _MaJiNhA_ (linhas 470 e 471), leiTenHoo continua sua teimosia, dizendo: “as vezes eh melhor kebra a

kara sozinho pra aprende as coisas” (linha 472). Ao afirmar que “muita gente” age dessa forma, isto é, aprendendo pelas suas próprias ações inconseqüentes (linha 473), leiTenHoo parece estar se justificando de algum ato inconseqüente que fez (linhas 478, 479), mediante a ironia de JuHOliveira e a confirmação de leiTenHoo (linhas 473 a 476).

No último encontro, antes da elaboração do projeto conjunto, a conversa desenvolveu o conceito de sexualidade. Este assunto surgiu naturalmente, como podemos observar no trecho abaixo:

485 <JuHOliveira> sexualidade mais presente no mundo de hoje
impossível
486 <JuHOliveira> televisão notícias direto
487 <JuHOliveira> todo mundo já penso um pouco que seja já penso
488 <kaua> entao todos ja pensaram em sexo pelomenos uma vez
489 <JuHOliveira> mas sexualidade
490 <JuHOliveira> por isso que eu disse
491 <kaua> e mas acaba pensamdo
492 <JuHOliveira> as pessoas tem um contexto sobre sexualidade
493 <JuHOliveira> que foram criando aos poucos
494 <JuHOliveira> mas o verdadeiro
495 <JuHOliveira> poucos sabem
496 <JuHOliveira> agora a gente tá falando
497 <JuHOliveira> mais é de acordo com o que sabemos
498 <JuHOliveira> não com o verdadeiro significado da palavra
499 <JuHOliveira> tipow...
500 <JuHOliveira> cada um tem uma opinião sobre sexualidade
501 <JuHOliveira> mas poucos ou muitos sabem o que significa mesmo
502 <JuHOliveira> entendeu?
503 <kaua> e qual e significcado para vc
504 <JuHOliveira> ahhhhh..
505 <JuHOliveira> tipow...
506 <JuHOliveira> sei lá..
507 <JuHOliveira> eu acho que existe diferença entre sexo e amor
508 <JuHOliveira> transar e fazer amor
509 <kaua> e qual é
510 <JuHOliveira> eu penso que existe diferença
511 <JuHOliveira> e hoje em dia
512 <JuHOliveira> se fala muito mais em sexo
513 <JuHOliveira> do que amor
514 <JuHOliveira> sexo, transar
515 <JuHOliveira> pra mim amor é quando duas pessoas se ama dormem
juntas :)
516 <JuHOliveira> aii ki fofo
517 <JuHOliveira> hahahaha
518 <JuHOliveira> e sexo

519 <JuHOliveira> é quando se faz sem amor
520 <JuHOliveira> de qualquer jeito
521 <JuHOliveira> na rua
522 <JuHOliveira> em qualquer lugar
523 <JuHOliveira> sem respeito
524 <kaua> sexualidade envolve des do começo da relacao ate o mumento
em q se faz sexo
525 <kaua> opa
526 <JuHOliveira> não entendi
527 <kaua> naum entendeu oq
528 <JuHOliveira> o que eh sexualidade pra ti
529 <kaua> ah
530 <kaua> e des da hora em q duas pessoas comesam ma se envolver

Na opinião de JuHOliveira, as pessoas constroem seu conceito de sexualidade conforme suas vivências (linhas 492, 493, 500) e a verdadeira definição, nem todos a conhecem (linhas 494, 495, 501), nem mesmo ela (linhas 496, 497, 498).

Ao ser questionada sobre o conceito de sexualidade, JuHOliveira mostra uma certa dificuldade em definir o termo (linhas 504 a 508) e retoma à mesma concepção do início das conversas virtuais, isto é, a diferença entre sexo e amor, transar e fazer amor, que significam respectivamente uma atitude que visa apenas o prazer físico e outra os sentimentos (amor) (linhas 515 a 523). Segundo JuHOliveira, o primeiro é mais cultuado do que o segundo (linhas 511 a 513).

O trecho 524 a 530 ilustra uma negociação entre JuHOliveira e kaua. Kaua conceitua sexualidade (linha 524), mas JuHOliveira solicita esclarecimento (“não entendi o que eh sexualidade pra ti”), uma vez que kaua não deixa clara a sua opinião, quebrando a **Máxima de Modo**. O objetivo de JuHOliveira é, portanto, resgatar, digamos assim, a máxima violada e seguir a conversa de maneira cooperativa.

Percebe-se, ainda neste trecho, que ao tentar redefinir sexualidade (linha 530), kaua tenta ser mais explícito, mas acaba desconsiderando a **Máxima de Quantidade**, deixando de informar ou de dar mais pistas sobre o significado real do que quer dizer. A contribuição de kaua mostra a sua dificuldade ou limitação em explicitar seu pensamento.

Já no trecho 515 a 517, observamos que JuHOliveira, quebrando com a **Máxima de Relevância** (linha 516), realiza um comentário sobre a própria fala com a intenção de expressar um sentimento de carinho sobre a situação apresentada por ela.

Os dois últimos encontros foram dedicados à elaboração de um projeto conjunto. No primeiro, foram levantadas algumas das questões mais importantes discutidas e, no segundo, foram selecionados “os dez pensamentos sobre sexualidade”:

- Fazer sexo só quando estiver preparado(a);
- Usar sempre preservativo;
- Se pegar alguma doença não transar até sarar completamente;
- Conhecer o parceiro antes de sair;
- Estar sempre informado sobre as possíveis doenças sexualmente transmissíveis (DSTs);
- Procurar ter diálogo com os pais, tirando possíveis dúvidas;
- Participar de palestras no colégio sobre o assunto;
- Estar ciente de que “ficar” com alguém deve ser um ato consciente;
- Não se sentir forçado a fazer algo somente porque os colegas acham interessante,
- Procurar regularmente um médico especialista, principalmente depois de iniciar a vida sexual”.

Ficou concluído também que todos esses pensamentos são importantes e não deveriam ser ordenados numericamente.

Observa-se que as recomendações propostas pelo grupo de interagentes envolvem a necessidade do jovem se informar sobre o assunto (através da escola, família e médico), ter consciência e responsabilidade sobre seus atos.

4.2 A Opinião dos Participantes Sobre a Experiência Virtual

A avaliação dos estudantes sobre a experiência vivida é analisada a seguir com base nos dados coletados na entrevista virtual (ver APÊNDICE F), realizada no final dos encontros. Cada um dos participantes foi entrevistado na própria sala de bate papo, inclusive o aluno suplente que participou em um dos encontros.

Algumas respostas dadas à entrevista virtual foram comparadas às respostas do questionário, que foi respondido por eles antes do início dos encontros virtuais (ver APÊNDICE E), visando observar possíveis mudanças de pensamento ocorridas durante o desenvolvimento da pesquisa.

Todos os participantes do #canaldeconversa disseram ter gostado da experiência de ter conversado sobre sexualidade com outros estudantes da mesma faixa etária, pois puderam conversar sobre assuntos que fazem parte do seu dia a dia, conhecer pessoas com outras experiências e discutir e acatar opiniões diferentes. Pode-se concluir, portanto, que os estudantes foram capazes de promover aprendizagem cooperativa entre eles, atribuindo a cada um o papel de aprender com o outro.

Além da possibilidade de aprender mutuamente, os estudantes apontaram outras vantagens com relação à atividade vivenciada: “a gente não fica só no bate papo normal” (JuHOliveira); “a gente pode ser mais entendido” (ChAmBa`); “fazer algum trabalho pro colégio fora da rotina” (LeItEnHoO). Com base nessas observações, é possível sugerir que, o bate papo virtual traz um ar de informalidade nas discussões e a descontração das conversas favorece esse sentimento de compreensão vivenciado por ChAmBa``, mesmo sendo o foco da

discussão um assunto escolar. ThiLuZ e __Mila__ consideram que este tipo de atividade deveria ser proposto na escola.

Dois participantes, no entanto, perceberam desvantagens no #canaldeconversa. JuHOliveira, por exemplo, relata a falta de consideração e responsabilidade de alguns colegas que não haviam comparecido em dias marcados para os encontros virtuais, resultando na transferência de datas. ChAmBa``, por sua vez, considera ruim a impossibilidade de presenciar as reações de cada um dos participantes na sala virtual. Cabe salientar que um dos fatores que me fez decidir por esta proposta de aprendizagem virtual foi justamente a possibilidade do anonimato, já que na sala de aula presencial os alunos estão expostos, o tempo todo, aos olhares críticos e analíticos dos colegas e do professor.

Em geral, os interagentes disseram ter gostado de conversar sobre “sexo”. Alguns assuntos, entretanto, não foram tão prazerosos de serem discutidos, como mencionaram __Mila__ e leiTenHoo. __Mila__ afirmou não ter gostado de discutir sobre o sexo e a mídia devido ao seu conhecimento insuficiente sobre o assunto. LeiTenHoo, por outro lado, disse não ter gostado de conversar sobre orientação sexual no ambiente familiar o que lhe causou um certo desconforto: “não gosto de falar disso”.

Quando questionados sobre a possibilidade de continuar conversando na sala de bate papo, como atividade extraclasse, três estudantes mostraram-se temerosos com relação ao tempo que teriam disponível para a atividade. Os outros quatro estudantes manifestaram-se favoráveis à idéia. Para JuHOliveira, este tipo de atividade contribui para a sala de aula presencial e virtual, promovendo reflexão e conscientização dos colegas sobre suas reflexões.

Em geral, os dados da entrevista mostram que a conversa virtual pode tornar-se um espaço para a reflexão de assuntos sérios e auxiliar na argumentação durante as aulas presenciais. Da mesma forma, antes do início dos encontros virtuais, conforme mostram os dados do questionário respondido pelos participantes, a maioria disse acreditar no *chat* como

espaço de aprendizagem quando destinado a discutir assuntos escolares entre estudantes da mesma idade e de escolas diferentes. Conclui-se, portanto, que as crenças iniciais dos interagentes foram confirmadas por eles após o término dos encontros virtuais.

Durante a entrevista virtual, a maioria afirmou que as conversas virtuais podem contribuir para as aulas presenciais e vice-versa, ampliando o conhecimento, ajudando nas discussões e dando maior confiabilidade sobre o que é discutido no meio virtual; entretanto, a maioria prefere o meio virtual para se expressar sobre este tipo de assunto em relação ao ambiente presencial. Por essa razão, a proposta de compartilhar com o professor e colegas o que fora discutido no meio virtual não parece animadora para a maioria dos estudantes devido ao constrangimento de expor suas idéias no grande grupo (“não kero nada mto íntimo a sensação é esquisita” - Chamba``; “Prefiro falar no chat sobre o assunto” - leiTenHoo).

Para JuHOliveira, entretanto, esta proposta seria interessante e acrescenta que o entrosamento entre os colegas de classe facilitaria a exposição das idéias. Chamba`` e kaua sugerem que algumas informações poderiam ser relatadas, outras não. Apesar da vergonha, ThiLuz diz ser interessante ouvir a contribuição dos colegas que se dispusessem a falar. _MaJiNhA_ e __Mila__ dizem que seria uma boa experiência e uma possibilidade de esclarecer dúvidas surgidas no meio virtual.

Ao comparar esses dados com aqueles do questionário, percebe-se uma certa contradição nas concepções retratadas antes e depois da experiência vivida. Kaua e leiTenHoo, por exemplo, anteriormente diziam acatar a idéia de compartilhar as informações das conversas virtuais no ambiente presencial, mas passaram a considerar, após a experiência vivida, uma idéia não muito atraente.

A opinião da maioria, entretanto, convergiu nos dois instrumentos de coleta de dados: questionário e entrevista. Ou seja, _MaJiNhA_ e __Mila__ mantiveram suas opiniões de acatar a proposta de compartilhar presencialmente assuntos discutidos no meio virtual

(antes e depois da experiência vivida). ThiLuz manteve sua opinião contrária a isso (antes e depois da experiência vivida). E, JuHOliveira e Chamba`` conservaram suas opiniões de que certos assuntos podem causar constrangimento ao serem expostos para todos na classe.

Segundo alguns estudantes, a aula presencial sobre Orientação Sexual subsidiou a discussão virtual, dando maior credibilidade às opiniões que haviam sido discutidas. É o que pode ser observado em respostas como: “ajudam a saber mais do assunto pra falar com outro alunos na net” (ThiLuz), “às vezes... a gente teria mais referencias” (Chamba``) e “falamos mais do assunto” (_MaJiNhA_). Por outro lado, _Mila_ e kaula disseram que a aula presencial não ajudou muito, pois o assunto tratado na escola estava mais relacionado à parte biológica e não “com a mente” (_Mila_). JuHOliveira, por sua vez, afirma ter opinião formada e por isso as aulas não influenciaram muito. Para LeItEnHoO, a contribuição foi do meio virtual para a sala presencial: “Serviu para termos argumentos pra falar disso em aula”.

Durante a entrevista cada aluno refletiu sobre as possíveis **contribuições dos colegas para a sua aprendizagem**. A grande maioria afirmou que a maior contribuição foi a possibilidade de pensar sobre a sua própria opinião com base nas opiniões dos colegas participantes (Chamba``, ThiLuz, LeItEnHoO, kaula e _Mila_). Essas respostas sugerem a necessidade de o professor dar mais voz aos alunos em sala de aula, de modo que eles possam (re)definir suas concepções com base no olhar dos colegas da mesma idade.

JuHOliveira, mostrando ser auto-suficiente, sugere não ter aprendido com os colegas, salientando ter opinião formada sobre o assunto. Entretanto, durante as conversas virtuais, ela se contradiz afirmando que, através de debates, é possível que algumas opiniões sejam modificadas (“conscientizar as pessoas [...] debater; saber o que cada um pensa pra tentar mudar o pensamento [...] a gente muda debatendo”). Além disso, ao responder o questionário, antes do início das conversas virtuais, JuHOliveira afirmou acreditar que o

aprendizado poderia acontecer em uma sala de bate papo. Portanto, parece haver uma certa contradição em sua fala.

Cada estudante ainda foi questionado sobre a sua **contribuição para o aprendizado dos colegas participantes**. Observamos que a maioria (JuHOliveira, leiTenHoo, _MaJiNhA_, kaula) se mostrou insegura afirmando não saber exatamente o que poderia ter contribuído para o aprendizado dos demais colegas. Chamba``, ThiLuz e _Mila_, por outro lado, foram categóricos ao afirmar que em nada contribuíram, devido a sua pouca participação nas conversas.

Com relação à proposta de bate papo entre estudantes de escolas e cidades diferentes, JuHOliveira, Chamba``, LeiTenHoO, kaula e _Mila_ disseram que, através das conversas, souberam compartilhar e trocar “abertamente” opiniões e experiências entre si, aprendendo mais sobre o assunto.

Sobre o que menos gostaram da experiência, cabe mencionar os fatores técnicos (“eu não sei mexer no programa bem”) e atitudinais, isto é, colegas que não compareciam aos encontros virtuais nas datas marcadas, o que implicava a transferência do encontro virtual para outra data e horário. Esses fatores sinalizam possíveis problemas para o desenvolvimento de uma proposta como esta. Ou seja, para que ela possa ser implementada com sucesso, os alunos precisam conhecer bem o programa do *chat* para assim participar ativamente nas discussões. Precisam ainda comprometer-se com os colegas comparecendo aos encontros nos dias e horários marcados.

Como conclusão, os dados mostram que os estudantes foram capazes de aprender e desenvolver-se com o auxílio de outros colegas, trocando experiências e compartilhando concepções construídas a partir da influência de seu contexto sócio-histórico-cultural. Foi, portanto, uma experiência significativa para todos, inclusive para a pesquisadora que comprovou ser esta uma proposta pedagógica que realmente trouxe contribuições para o

aprendizado dos estudantes. Pode-se dizer que a maioria das respostas dadas durante a entrevista convergiu para uma mesma conclusão: “essa foi uma boa experiência”.

4.4 Limitações da Pesquisa

Após o término da pesquisa, pude perceber duas questões metodológicas que deixaram de ser consideradas neste trabalho e que poderiam ter trazido contribuições relevantes. A primeira refere-se ao número irrisório de aulas presenciais sobre o tema Orientação Sexual. Os dados poderiam oferecer maiores subsídios para a análise se um número maior de horas-aula fosse dedicado à discussão presencial do tema pelos professores-colaboradores. Desta forma, seria possível conhecer um pouco mais sobre a influência da escola no discurso dos estudantes.

A outra questão é a falta de dados sobre a contribuição real dos estudantes interagentes para a sala de aula presencial, de modo a analisar a influência dos assuntos discutidos virtualmente nos encontros presenciais com o professor e colegas. Devido a restrições de tempo para a realização desta pesquisa, não foi possível ter um panorama mais aprofundado sobre a relação entre os ambientes presencial e virtual.

5 CONCLUSÕES

Este trabalho propôs investigar a construção do conhecimento entre estudantes da 8ª série do Ensino Fundamental de duas escolas localizadas em regiões diferentes que, por meio de uma sala de bate papo na internet, conversaram sobre o tema Orientação Sexual.

Considerando que a sexualidade assume um papel fundamental na vida e no comportamento dos estudantes desta faixa etária, entre 13 e 15 anos, e que sua realidade sócio-cultural é também uma influência, procuramos compreender como os conhecimentos e as crenças compartilhadas virtualmente influenciam e se deixam influenciar no discurso verbal dos estudantes. Além disso, propusemos analisar os sinais de influência do conteúdo estudado em aulas presenciais no discurso dos interagentes, identificar sinais de aprendizagem colaborativa e o que cada interagente aprendeu com os colegas, visando chegar a uma avaliação da experiência vivida.

A análise dos dados foi realizada com base nas seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Que tipo de informação os alunos compartilham sobre a sexualidade num canal de conversa informal e qual a influência da escola nesta mediação?;
- 2) Como a sexualidade é tratada entre os interagentes (nível de profundidade, seriedade e relevância)?;
- 3) Como as máximas ou os princípios comunicacionais cooperativos manifestam-se, ou não, no discurso escrito dos interagentes?;
- 4) Como os estudantes avaliam as interações virtuais?

Com relação à primeira pergunta de pesquisa, concluímos que as principais questões discutidas na sala de bate papo foram a importância do diálogo familiar e o papel da escola como meio de informação, e a relação entre (a falta de) informação, consciência e

responsabilidade nas atitudes dos jovens. Sobre o diálogo familiar, eles concluíram que o adolescente necessita ter abertura suficiente com a família para conversar e esclarecer dúvidas sobre a sexualidade, pois é nesse ambiente que ele se sente mais seguro em expor suas dúvidas. Longe desse espaço, na escola ou entre amigos, a preocupação em falar “bobagem” e a timidez atrapalham, dificultando o esclarecimento sobre o assunto. Apesar disso, os estudantes acreditam no papel informativo da escola.

JuHOliveira, por exemplo, propõe o aumento do número de aulas sobre orientação sexual nas escolas, o que poderia contribuir para a desmistificação do assunto entre os jovens e minimizar as situações de constrangimento (“sexualidade é um assunto normal que deve ser tratado como um outro qualquer mas as pessoas têm vergonha então talvez se tivessem mais aulas isso poderia ajudar”). Esta proposta nos leva a refletir sobre a possibilidade de mudanças no currículo escolar e uma reavaliação nos processos interativos em sala de aula.

Para a maioria dos participantes, a sala de bate papo possibilita uma discussão mais aberta, minimizando a timidez e o receio de se posicionar sobre um assunto. Entretanto, foi possível observar que neste ambiente também encontramos a participação desigual dos estudantes, da mesma forma que em uma sala presencial, e que um certo grau de timidez parece silenciar alguns estudantes naquele meio.

Questões como a virgindade, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e mídia estiveram relacionadas à informação, consciência e responsabilidade. A virgindade, relacionada ao sexo feminino em particular, significa um estado que deve ser preservado até que se tenha certeza e conhecimento suficiente sobre as conseqüências do ato sexual. Requer, portanto, maturidade, informação e consciência. Para alguns dos interagentes, dentre eles JuHOliveira, leiTenHoo e _MaJiNhA_, o sexo tem que ser feito com amor, carinho, responsabilidade, caso contrário, pode estar relacionado à falta de informação e diálogo

familiar. Aparentemente, a promiscuidade ficou implícita no discurso dos participantes. Esta questão, no entanto, gerou uma certa polêmica (falta de informação x sexo sem amor).

A utilização da camisinha foi vista como uma forma de evitar doenças e a gravidez indesejada. Na concepção dos estudantes interagentes, muitos adolescentes não usam preservativo por falta de consciência e responsabilidade e acabam contraindo doenças ou se tornando pais muito cedo.

As discussões sobre a relação entre mídia e sexualidade mostraram dois lados, o positivo e o negativo. O positivo é representado por campanhas informativas e o negativo pelas falsas informações veiculadas, como mostra a fala de leiTenHoo: “poq eles [mídia] muitas vezes dizem uma coisa sendo, na verdade, outra”. Concluíram que ela mais atrapalha do que traz benefícios. Além disso, leiTenHoo, _MaJiNhA_ e JuHOliveira, afirmam acreditar no potencial da mídia para a educação; entretanto, acrescentam que nem todas as informações contribuem positivamente para a vida e o aprendizado do indivíduo. Nesse ponto, eles retomam a importância da informação como alicerce para que o indivíduo, que está sujeito às mídias, possa posicionar-se consciente e coerentemente diante do que lhe for apresentado.

Com relação à influência da aula presencial no discurso virtual dos interagentes, observamos que todos os estudantes que participaram do #canaldeconversa concordaram que a aula presencial traz informações mais seguras e auxilia as pessoas com poucos conhecimentos sobre o assunto, ou tímidas para se expressarem, ampliando conhecimentos, ajudando nas discussões e dando maior confiabilidade ao que é discutido no meio virtual. Entretanto, a maioria também afirmou, após o término dos encontros, que as contribuições das aulas presenciais para as discussões virtuais quase não existiram. Nesse sentido, retomamos alguns aspectos metodológicos que deixaram de ser considerados nesta pesquisa e que teriam trazido grandes contribuições: o número irrisório de aulas presenciais sobre o tema discutido e a falta de dados sobre a contribuição dos interagentes para a aula presencial. O pouco tempo

para a realização desta pesquisa impediu que esses aspectos metodológicos fossem considerados na prática. Podemos concluir ainda que a aula presencial não proporcionou engajamento ou participação ativa dos estudantes e que, por vezes, gerou uma certa distração, como mostra a afirmação de Kaua: “na aula a gente fica ouvindo e às vezes não presto atenção”.

A maioria dos estudantes que participou do #canaldeconversa prefere falar sobre sexo no ambiente virtual por se sentirem mais à vontade neste meio e protegidos contra a timidez que pode surgir presencialmente, diante do professor e colegas de classe. Portanto, a idéia de compartilhar os assuntos discutidos virtualmente na sala de aula presencial pareceu intimidar a maioria.

Quanto a segunda pergunta, isto é, como o tema Orientação Sexual foi tratado pelos interagentes, pode-se dizer que, durante todos os encontros, os estudantes mostraram muita preocupação e seriedade com relação ao assunto, inclusive no projeto conjunto cuja preocupação maior era com a necessidade do jovem de se manter informado (através da escola, família e médico), sua consciência e responsabilidade sobre seus próprios atos.

Com relação à linguagem cooperativa, observamos que, ao se expressar durante as conversas virtuais, o interagente reelabora, em sua fala, de maneira subjetiva, suas idéias e conhecimentos tentando transmiti-las aos demais interagentes, conforme os propósitos da interação. A consideração, ou não, das máximas conversacionais de Quantidade, Qualidade, Relevância e Modo, ofereceram as informações mínimas para que estas idéias e conhecimentos fossem interpretados e entendidos, sinalizando o real sentido das falas na sala de bate papo virtual. Em suma, as máximas apresentadas por Grice (1975) serviram de base de apoio para entender o sentido que está implícito na maioria das falas na conversação virtual. Foi possível compreender o que quis ser dito com o que foi realmente dito.

A avaliação dos estudantes com relação às interações virtuais foi positiva, pois todos disseram ter gostado da experiência de interação com outros estudantes da mesma idade. Nas entrevistas, a maioria afirmou que a maior contribuição do grupo para a aprendizagem individual foi a possibilidade de refletir sobre as próprias opiniões. Para os estudantes, as conversas permitiram a eles compartilhar e trocar opiniões e experiências entre si, aprendendo mais sobre o assunto.

É possível concluir, portanto, que através desta proposta de aprendizagem virtual cooperativa, os estudantes-participantes puderam aprender mutuamente, promovendo aprendizagem cooperativa. Além disso, a maioria deles afirmou que as conversas virtuais sobre conteúdos escolares podem trazer contribuições para as aulas presenciais, como, por exemplo, ampliar o conhecimento dos estudantes.

Por fim, cabe acrescentar que todos os encaminhamentos e expectativas lançadas no Capítulo I foram confirmadas no discurso dos participantes. A primeira delas, relacionada ao enriquecimento das relações culturais e sociais viabilizadas pela proposta de interação virtual, foi confirmada, como mostram os fragmentos a seguir:

<JuHOliveira> e com essa pesquisa
<JuHOliveira> eu vi que existem várias maneiras de pensar
<JuHOliveira> sobre os assuntos
<JuHOliveira> não só o meu modo de pensar
< ^CaRoLzInHa^ > hmm
<JuHOliveira> então de certa forma foi interessante e não deixou de ser educativo :)

< ^CaRoLzInHa^ > O que você achou de participar da sala de bate-papo?
<[_MaJiNhA_] > achei muito legal! falei com pessoas de outro lugar e com a mesma minha idade.. =)
< ^CaRoLzInHa^ > Você vê alguma vantagem numa atividade como esta?
<[_MaJiNhA_] > sim.. trocar experiências..

E quanto à segunda expectativa, que sugere a viabilidade de uma proposta de aprendizagem nas extensões de sala de aula, utilizando a sala de bate papo virtual como um

meio de linkar o presencial ao virtual, foi comprovada na fala dos professores e estudantes interagentes. Para os professores-colaboradores, as conversas virtuais podem contribuir estimulando os alunos ao aprendizado da matéria. Quanto aos estudantes interagentes, o bate papo virtual pode tornar-se um ambiente de aprendizagem significativa e colaborativa. E a aula presencial contribui para dar segurança sobre o conteúdo que é compartilhado no meio virtual. Entretanto, a maioria dos estudantes prefere compartilhar suas idéias e opiniões sobre sexualidade apenas na sala virtual, pois se sentiriam constrangidos em compartilhar certos assuntos com o professor e os colegas de classe.

Por fim, podemos resumir a opinião dos estudantes com relação à pesquisa em um só trecho:

<_^CaRoLzInHa^_> O que você menos gostou [assuntos discutidos]? Por quê?
<ChAmBa``> naum teve um menos gostou
<_^CaRoLzInHa^_> hmm
<ChAmBa``> pq essa foi uma boa experiencia
<_^CaRoLzInHa^_> =)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHEE, R. **Using computer mediated communication in an educational context: educational outcomes and pedagogical lessons of computer conferencing.** [S.l.]: University of Western Sydney, 1993.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR-14724: Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro, ago. 2002. 6 p.

_____. NBR-6023: Informação e documentação – Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, ago. 2002. 24 p.

_____. NBR-10520: Informação e documentação – Citação em documentos - Apresentação. Rio de Janeiro, ago. 2002. 7 p.

BELLONI, M. L. A espetacularização da política e a educação para a cidadania. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, n.24, p. 23-39, jul./dez., 1995.

_____. **O que é mídia-educação.** Campinas-SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas Do Nosso Tempo, 78).

_____. Tecnologia, sociedade e outras abstrações. **Grupo Comunic**, Florianópolis, 200-.

Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/grupos/comunic/>>. Acesso em: 30 abr. 2003.

CANALE, M. From communicative competence to communicative language pedagogy. In: RICHARDS, J. C.; SCHMIDT, R. W. **Language and communication.** London: Longman, 1983. p. 2-27.

CAMPOS, R. de. **A internet e o ensino de língua estrangeira:** uma amostra de como professores de inglês estão se apropriando dos recursos da rede em sua prática pedagógica. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)– Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

DIZARD Jr., W. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2000.

FARACO, C.E.; MOURA, F.M. **Gramática**: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe e estilística. 7 ed. São Paulo: Ática, 1990.

DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico Século XXI. [S.l.]: Nova Fronteira, 1999. CD-ROM.

DICIONÁRIO de Informática DicWeb. [S.l.]: Copyright, 2001. Disponível em: <<http://www.dicweb.com/>>. Acesso em: 30 abr. 2004.

GOIDANICH, M. E. **Consumo e cidadania**: a publicidade e a identidade dos adolescentes. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)– Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

GOMES, H. F. O ambiente informacional e suas tecnologias na construção dos sentidos e significados. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 61-70, jan./abr. 2000.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Eds.) **Syntax and semantics 3**: Speech acts. New York: Academic Press, [1975]. p. 41-58.

HATCH, E. **Discourse and language education**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIAW, M-L. **Using electronic mail for English as a Foreign Language instruction**. Taiwan: Department of Foreign Languages and Literature, Tunghai University, 1998.

LISKAUSKAS, S. MUD, MOO, RPG e outros bichos. O Globo, [S.l.], 1995. Disponível em: <<http://moosaico.com/community/OGlobo.html>>. Acesso em: 02 jun. 2003.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Parâmetros de textualização**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

MONTEIRO, L. **A Internet como meio de comunicação**: possibilidades e limitações. Congresso Brasileiro da Comunicação. 24., 2001, Campo Grande. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T. ;BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2000.

PETERSON, M. **Language teaching and networking**. System, [S.l.], n. 25, v. 1, p. 29-37, 1997.

RECUERO, R. da C. Linguagem e expressão no IRC. Congresso Brasileiro da Comunicação. 24., 2001, Campo Grande. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001. REVISTA VEJA EDIÇÃO ESPECIAL. Curitiba: Abril, out. 2002.

RHEINGOLD, H. Construindo comunidades divertidas de aprendizagem online. **Revista Eletrônica Intervir**, [S.l.], 2001. Disponível em: <<http://www.intervir.org/n2/rheingold/r4.htm>>. Acesso em: 03 jun. 2003.

RIBEIRO, J. C. S. **Comunidades virtuais eletrônicas**: convergência da técnica com o social. Congresso Brasileiro da Comunicação. 24., 2001, Campo Grande. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

SANTOS, M. A. Contrato de cooperação e implicaturas. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Parâmetros de textualização**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1997.

SCHAEFER, M. I. O. A mediação escolar na recepção televisiva: um estudo das representações sobre AIDS, construídas por adolescentes de Florianópolis a partir das campanhas de TV. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, n. 24, p. 145-160, jul./dez. 1995.

BRASÍLIA. Secretaria De Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília-DF: MEC, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

APÊNDICE

APÊNDICE A Autorização dos Responsáveis

_____, ____ de ____ de 2003

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
autorizo _____
a participar, como suplente, do projeto de pesquisa que será realizado no período de agosto a outubro, na escola Anjo da Guarda, em horário contrário às aulas, de uma a duas vezes por semana, com duração máxima de 1 hora e 15 minutos para cada encontro. Caso seja necessário substituir algum titular, declaro estar ciente da importância fundamental da participação do mesmo para o desenvolvimento da atividade que se resume na interação, via internet, entre seis estudantes, sendo três pertencentes a uma escola localizada na cidade de Florianópolis (SC) e três pertencentes a esta escola.

Assinatura do responsável: _____

APÊNDICE B Cronograma Planejado

CRONOGRAMA

AGOSTO	1ª semana	Contato presencial com os estudantes de Curitiba e Florianópolis para: a) apresentar o projeto de pesquisa aos estudantes das 8 ^{as} séries escolhidas e selecionar os estudantes titulares e suplentes, b) determinar as datas, horário e local para os encontros virtuais, c) entregar o documento de autorização (Anexo I) e recolhê-lo, d) aplicar o questionário (Anexo V).
	2ª semana	Dois encontros virtuais: 1º encontro: (meia-hora) com o propósito dos estudantes se conhecerem. 2º encontro: (1h) início do bate papo sobre o tema “orientação sexual”. Pergunta inicial norteadora: <i>“Oie pessoal!! Espero que todos estejam preparados para começar o nosso bate-papo! Que tal se cada um dissesse o que entende por orientação sexual ou sexualidade?”</i>
	3ª semana	Dois encontros virtuais de uma hora cada para continuar desenvolvendo o assunto.
	4ª semana	O professor inicia o trabalho presencial sobre o tema. Encontro virtual: (1h) Pergunta inicial norteadora: <i>“Olá, pessoal! Hoje eu gostaria que fossem levantadas outras questões que envolvem o tema orientação sexual ou sexualidade e que ainda não foram discutidas aqui. Alguém sabe de alguma questão que ainda não foi discutida aqui no canal?”</i>
SETEMBRO	1ª semana	Dois encontros virtuais de uma hora cada para continuar desenvolvendo o assunto.
	2ª semana	Dois encontros virtuais de uma hora cada para a realização do projeto conjunto. Entrevista virtual com cada estudante interagente de Curitiba, após o término da interação no último encontro do grupo.

	3ª semana	Entrevista virtual com cada estudante interagente de Florianópolis.
--	-----------	---

APÊNDICE C Cronograma Vivenciado

CRONOGRAMA

AGOSTO	1ª semana	Encontro presencial com os alunos de Florianópolis para: a) apresentar o projeto, b) selecionar titulares e suplentes c) entregar a autorização.
SETEMBRO	2ª semana	Encontro presencial com os alunos de Curitiba para: a) apresentar o projeto, b) selecionar titulares e suplentes, c) escolher os dias para os encontros, d) entregar a autorização, e) aplicar o questionário aos alunos.
		Encontro presencial com os alunos de Curitiba para: a) recolher as autorizações b) aplicar o questionário com o professor.
	3ª semana	Encontro presencial com os alunos de Florianópolis para: a) recolher a autorização, b) escolher os dias dos encontros, aplicar o questionário com os alunos e o professor.
		1º encontro virtual (meia hora) início do bate papo sobre o tema “orientação sexual”.
	4ª semana	2º encontro virtual (meia hora) continuação do bate papo.
	5ª semana	3º encontro virtual (meia hora) continuação do bate papo.
		Aula presencial em Curitiba
	6ª semana	Aula presencial em Florianópolis
		4º encontro virtual (meia hora) continuação do bate papo.
	OUTUBRO	7ª semana
6º encontro virtual (meia hora) continuação do bate papo.		
8ª semana		Semana sem encontro
9ª semana		7º encontro (meia hora) para a realização do projeto.
		Viagem dos alunos de Florianópolis
10ª e 11ª semana		Não houve encontros

NOVEMBRO	12ª semana	8º Encontro virtual para a conclusão do projeto (meia hora). Aplicação da entrevista virtual com os alunos de Curitiba.
	13ª semana	Não houve encontros
	14ª semana	Aplicação da entrevista virtual com os alunos de Florianópolis.

APÊNDICE D Perfil dos Professores-Colaboradores

QUESTIONÁRIO

Caro Professor(a),

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e tem por objetivo conhecer um pouco mais sobre a sua relação com a utilização do computador e da internet no ensino escolar. Por favor, seja sincero(a) e informativo(a).

Obrigada

Karen

1. Nome completo: _____

2. Disciplina(s) que leciona: _____

3. Escola(s) onde leciona (especificar a que rede de ensino pertencem):

4. Tempo de magistério: _____

5. Sexo: () masculino () feminino

6. Idade: _____

7. Você possui computador conectado à internet?

() Sim () Não

8. Com que frequência você utiliza a internet/computador (quantos dias da semana)?

9. Por quanto tempo você fica na internet/computador?

- de 1 a 2 horas por semana.
- de 2 a 4 horas por semana.
- de 4 a 6 horas por semana.
- de 6 a 8 horas por semana.
- de 8 a 10 horas por semana.
- de 10 a 12 horas por semana.
- mais de 12 horas por semana.

10. Para que atividades você utiliza o computador e a internet? Especifique:

11. Você já realizou algum tipo de atividade com seus alunos utilizando, de alguma forma, o computador?

- Sim Não

11a. Que atividades foram essas?

17. Você acha que essas conversas virtuais poderiam contribuir, de alguma forma, para o seu ensino? Como?

APÊNDICE E Perfil Do Estudante

QUESTIONÁRIO

Caro estudante,

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e tem por objetivo conhecer seus hábitos e opiniões sobre o computador e a internet. Por favor, seja sincero e informativo.

Obrigada
Karen

1. Nome completo: _____
2. Sexo: () masculino () feminino
3. Idade: _____
4. Série em que estuda: _____
5. Telefone: _____
6. E-mail: _____

7. Você possui computador conectado a internet, em casa?
() Sim () Não () Possuo computador, mas não conectado a internet.

8. Você utiliza a internet na sua casa?
() Sim () Não () Não tenho computador conectado a internet.

9. Em que outro lugar você utiliza a internet?
() Na escola.
() Na casa de amigos.
() Outros lugares. Especifique: _____

- () Não utilizo.

10. Com que frequência você utiliza a internet (quantos dias da semana)?

11. Por quanto tempo você fica na internet?

- de 1 a 2 horas por semana.
- de 2 a 4 horas por semana.
- de 4 a 6 horas por semana.
- de 6 a 8 horas por semana.
- de 8 a 10 horas por semana.
- de 10 a 12 horas por semana.
- mais de 12 horas por semana.

12. Para que propósito você utiliza a internet?

- Para fazer pesquisa escolar.
- Para participar de salas de bate-papo.
- Para ler responder e-mails.
- Para baixar músicas.
- Para jogar em *sites* específicos.
- Para ler revistas e/ou jornais.
- Para encontrar *sites* interessantes.
- Outros. Especifique _____

13. O que você mais gosta de fazer quando está conectado à internet?

21. Em sua opinião, qual é a importância do computador na vida das pessoas e na sua vida?

Na vida das pessoas:

Na sua vida:

APÊNDICE F Entrevista Semi-Estruturada

PERGUNTAS NORTEADORAS

1. O que você achou de participar da sala de bate-papo?
2. Você vê alguma vantagem numa atividade como esta?
3. E as desvantagens?
4. Dos assuntos discutidos, qual foi o que você mais gostou de conversar? Por quê?
5. Qual foi o que você menos gostou de conversar? Por quê?
6. Você continuaria participando desta sala de bate-papo como atividade extra-classe? Por quê?
7. Qual é a relação das conversas com as aulas presenciais?
 - 7.a. Você acha que as conversas que vocês tiveram nesta sala de bate-papo poderiam contribuir para a aula presencial do seu professor?
 - 7.b. No quê ou como elas contribuiriam?
 - 7.c. Você teria algum problema de compartilhar com o seu professor e a classe as idéias que foram aqui discutidas?
8. Você acha que as aulas do seu professor contribuíram para o seu bate-papo com os colegas?
 - 8.a. No que elas contribuíram exatamente?
9. Você acha que seus colegas contribuíram para a sua aprendizagem? Como?
10. O que você acha que contribuiu para a aprendizagem de seus colegas?
11. O que você mais gostou nesta experiência? Por quê?
12. O que você menos gostou? Por quê?